

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CAROLINA BATISTA E SILVA COELHO

**PALAVRAS QUE ARDEM:
O TABU LINGUÍSTICO RELIGIOSO NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO**

São Luís - MA
2018

CAROLINA BATISTA E SILVA COELHO

**PALAVRAS QUE ARDEM:
O TABU LINGUÍSTICO RELIGIOSO NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Conceição de Maria de Araujo Ramos.

São Luís-MA
2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Coelho, Carolina Batista e Silva.

PALAVRAS QUE ARDEM : O TABU LINGUÍSTICO RELIGIOSO NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO / Carolina Batista e Silva Coelho. - 2018.

127 p.

Orientador(a): Conceição de Maria de Araujo Ramos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, SÃO LUÍS, 2018.

1. Cultura. 2. Léxico. 3. Português falado no Maranhão. 4. Tabu linguístico religioso. I. Ramos, Conceição de Maria de Araujo. II. Título.

PALAVRAS QUE ARDEM: o tabu linguístico religioso no português falado no Maranhão

Carolina Batista e Silva Coelho

Banca Examinadora

Membros Titulares

Profa. Dra. Conceição de Maria de Araujo Ramos

Orientadora/Presidente

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Examinador externo

Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

Examinador interno

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Membro Suplente

Profa. Dra. Heloísa Reis Curvelo Matos

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

São Luís, 24 de abril de 2018.

*Àqueles que tornam mais felizes os dias de
minha vida.*

AGRADECIMENTOS

“E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...”(Cris Pizzimenti)

Nossa vida é uma colcha que vai sendo costurada com os retalhos que encontramos pelo caminho. Com cada retalho, cada nova pessoa em nossa vida, ganhamos um novo acréscimo de *nós*.

Sendo assim, tenho de agradecer:

a Conceição Ramos, minha querida Profe, minha orientadora e companheira acadêmica, por tantas horas dedicadas a me ajudar na construção desta pesquisa, pelas conversas sempre produtivas (e também inquietantes), obrigada por me dedicar seu tão disputado tempo, pela orientação firme e tão acertada, pelos ensinamentos que sempre levarei comigo;

a José Mendes, por todos os ensinamentos da minha trajetória acadêmica, muitos que só conseguimos valorizar (e às vezes compreender melhor) muito tempo depois da lição;

aos professores (efetivos, colaboradores e convidados) do Programa de Pós-graduação em Letras da UFMA, pelas leituras, indagações, aulas e contribuições feitas durante nossa trajetória no curso, essenciais para nosso caminhar no Curso de Mestrado;

a todos os companheiros do Projeto ALiMA pelo árduo trabalho em equipe que executamos, que só aqueles que fazem parte sabe o que é construir um Atlas Linguístico de um estado tão grande (muitas vezes sem financiamento), e pelos dados tão preciosos desta pesquisa;

a meus colegas do Instituto Federal do Maranhão, Campus São Luís Maracanã, que compreenderam a necessidade de minha ausência, ajudando-me a concretizar o mestrado sempre me apoiando e me substituindo, quando necessário, em especial a Cledes, Herlilton, Nilda, Socorro, Dani, Ana Kennya e Khey Albert;

aos amigos que dão mais leveza à minha vida que entenderam as ausências e que estavam sempre prontos a ajudar (mesmo com um abraço) quando preciso: Beth, Dora, Guto, Trice e Liana;

à minha Família, que É meu suporte, minha base, em especial a minha amada Vó e minha querida Mãe, por compreenderem minhas muitas ausências durante este

período de mestrado, pelos abraços apertados que me lembravam da falta que sentiam de mim, pelas mensagens de afeto que sempre chegavam para alegrar e dar ânimo a mais um dia (muitas vezes noites e madrugadas) de escrita;

a Manuel, meu companheiro, pelo suporte e paciência nas horas exatas e pela compreensão do valor dos estudos em minha vida;

Àquele(s) que me protege(m) e guia(m) por todas as bênçãos que recebi em minha vida;

àqueles que não foram aqui citados nominalmente mas que participaram na construção deste trabalho.

Obrigada por deixarem maior e mais bela minha colcha de retalhos. A todos, meu sincero obrigado.

Certas palavras tem ardimentos; outras não.
Manoel de Barros (2010)

RESUMO

Este trabalho, norteado pelos princípios teórico-metodológicos da dialetologia, da geolinguística e da sociolinguística e elaborado com o *corpus* do Atlas Linguístico do Maranhão/ALiMA, em municípios maranhenses, enfoca o tabu linguístico religioso no campo semântico “Religião e Crenças”. Dentre as principais hipóteses levantadas nesta pesquisa destacam-se: i) as lexias *diabo*, *fantasma*, *feitiço*, *rezadeira*, *curandeira* são tabuizadas no português falado no Maranhão, havendo uma produtividade irregular; ii) do campo semântico “Religião e Crenças”, a lexia *diabo* é a mais tabuizada no português falado no Maranhão; iii) o emprego de sinônimos e de eufemismos e o uso de circunlóquios são as principais estratégias utilizadas pelos falantes para escapar das lexias tabuizadas em estudo. Examina-se o processo de tabuização de lexias, e busca-se identificar os diferentes recursos substitutivos a que os falantes recorrem para não mencionar a palavra considerada tabu. Observa-se, ainda, com o estudo do tabu linguístico, aspectos relativos à maneira como uma comunidade linguística vê e concebe a realidade em que vive, isto é, suas crenças, seus valores e suas ideologias. A língua, deste modo, pode ser concebida não apenas como um meio de comunicação entre os indivíduos de uma comunidade linguística, mas, sobretudo, como um sistema que veicula valores sociais e culturais pertinentes a um grupo linguístico. A pesquisa investiga em que medida variáveis de natureza diatópica, diassexual e diageracional e a orientação religiosa interferem no fenômeno tabu linguístico. Nesse sentido, este estudo busca evidenciar aspectos da visão de mundo de falantes maranhenses a partir da descrição do fenômeno do tabu linguístico, observando suas atitudes linguísticas, especificamente no âmbito da norma lexical. Os dados revelaram que as unidades lexicais *diabo*, *feitiço*, *amuleto*, *rezadeira* e *curandeira* são tabuizadas no falar maranhense; a variável idade foi a mais significativa dentre as estudadas; os principais recursos utilizados pelos falantes para não utilizar a palavra tabu foram: a utilização de sinônimos, a subvocalização e o uso de circunlóquios.

Palavras-chave: Tabu linguístico religioso. Português falado no Maranhão. Léxico. Cultura.

RESUMEN

Esta investigación, orientada por los principios teórico-metodológicos de la dialectología, de la geolingüística y de la sociolingüística, se elaboró con el corpus del Atlas Lingüístico de Maranhão (ALiMA) en localidades de Maranhão (Brasil), y enfoca el tabú lingüístico religioso en el campo semántico "Religión y Creencias". Las principales hipótesis en esta investigación son: i) las lexías *diabo*, *fantasma*, *despacho*, *curandeira* y *benzedeira* son tabuizadas en el portugués que se habla en Maranhão, con una productividad irregular; ii) en el campo semántico "Religión y Creencias," *diabo* es la lexía más tabuizada en el portugués que se habla en Maranhão; iii) el empleo de sinónimos y de eufemismos y el uso de circunloquios son las principales estrategias utilizadas por los hablantes para huir las lexías tabúes estudiadas. Se examina el proceso de tabuización de lexías, y se propone identificar cuáles son los diferentes recursos sustitativos a los que los hablantes recurren para que no mencionen la palabra considerada tabú. Además, se observa con este estudio aspectos relativos a la manera como una comunidad lingüística ve y concibe la realidad en que vive, es decir, sus creencias, sus valores y sus ideologías. Se puede comprender la lengua, por lo tanto, no sólo como un medio de comunicación entre los individuos de una comunidad lingüística, sino, sobre todo, como un sistema que transmite valores sociales y culturales pertinentes a un grupo lingüístico. La investigación busca saber aún en qué medida variables de naturaleza diatópica, diagenérica y diasexual y la orientación religiosa interfieren en el fenómeno tabú lingüístico. En síntesis, este estudio busca evidenciar aspectos de la visión de mundo de hablantes de portugués en Maranhão por medio de la descripción del fenómeno del tabú lingüístico, observando sus actitudes lingüísticas, específicamente en el ámbito de la norma lexical. El análisis de los datos señala los siguientes resultados: i) las unidades lexicais *diabo*, *feitiço*, *amuleto*, *rezadeira* y *curandeira* son tabuizadas en portugués de Maranhão; ii) la variable edad fue más significativa para la tabuización de lexías en portugués de Maranhão; iii) los recursos más utilizados por los hablantes para no valerse de la palabra tabú fueron utilización de sinónimos, subvocalización y utilización de circunloquios.

Palavras claves: Tabú lingüístico religioso. Portugués hablado en Maranhão. Léxico. Cultura.

LISTA DE FIGURAS

	p.
FIGURA 1: Hidrografia do Maranhão	42
FIGURA 2: Mesorregiões do Maranhão.....	44
FIGURA 3: PIB do Maranhão	45
FIGURA 4: IDH dos municípios do Maranhão.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

	p.
GRÁFICO 1: Maranhão – População urbana X População rural	44
GRÁFICO 2: Maranhão – Autodeclaração da população sobre cor/raça	49
GRÁFICO 3: Religiões no Maranhão	49
GRÁFICO 4: População nos municípios investigados – Sexo.....	51
GRÁFICO 5: População nos municípios investigados – Cor/Raça.....	52
GRÁFICO 6: População nos municípios investigados -Religião.....	53
GRÁFICO 7: Ocorrência da questão 159 (QSL/ALiMA)	61
GRÁFICO 8: 159 - Utilização de lexias X variável sexo	67
GRÁFICO 9: 159 - Utilização de lexias X variável idade	67
GRÁFICO 10: 159 - Utilização de lexias X cruzamento das variáveis sexo e idade	68
GRÁFICO 11: 159 - Utilização de lexias X variável orientação religiosa	69
GRÁFICO 12: Ocorrência da questão 161 (QSL/ALiMA)	71
GRÁFICO 13: 161 - Utilização de lexias X variável sexo	78
GRÁFICO 14: 161 - Utilização de lexias X variável idade	79
GRÁFICO 15: 161 - Utilização de lexias X cruzamento das variáveis sexo e idade	80
GRÁFICO 16: 161 - Utilização de lexias X variável orientação religiosa	81
GRÁFICO 17: Ocorrência da questão 162 (QSL/ALiMA)	82
GRÁFICO 18: 162 - Utilização de lexias X variável sexo	90
GRÁFICO 19: 162 - Utilização de lexias X variável idade	90
GRÁFICO 20: 162 - Utilização de lexias X variável orientação religiosa	91
GRÁFICO 21: Ocorrência da questão 163 (QSL/ALiMA)	93
GRÁFICO 22: Ocorrência da questão 164 (QSL/ALiMA)	94
GRÁFICO 23: 163 - Utilização de lexias X variável sexo	105
GRÁFICO 24: 163 - Utilização de lexias X variável idade	106
GRÁFICO 25: 163 - Utilização de lexias X variável orientação religiosa	107
GRÁFICO 26: 164 - Utilização de lexias X variável sexo	107
GRÁFICO 27: 164 - Utilização de lexias X variável idade	108
GRÁFICO 28: 164 - Utilização de lexias X variável orientação religiosa	109

LISTA DE QUADROS E TABELAS

	p.
QUADRO 1: Relação entre as tipologias de tabu linguístico.....	31
QUADRO 2: Rede de pontos do Projeto ALiMA	36
QUADRO 3: Perfil dos informantes do Projeto ALiMA	36
QUADRO 4: Perfil dos informantes de nossa pesquisa	38
TABELA 1: Distribuição do PIB dos vinte principais municípios maranhenses.....	47
QUADRO 5: Produtividade das questões do campo semântico “Religião e Crenças”	57
QUADRO 6: 159 - Lexias registradas na Mesorregião Norte Maranhense: São Luís e Pinheiro.....	61
QUADRO 7: 159 - Lexias registradas na Mesorregião Oeste Maranhense: Turiaçu e Imperatriz.....	62
QUADRO 8: 159 - Lexias registradas na Mesorregião Centro Maranhense: Bacabal e Tuntum.....	63
QUADRO 9: 159 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense: Brejo, Araiões e Codó	64
QUADRO 10: 159 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense: Caxias e São João dos Patos	65
QUADRO 11: 159 - Lexias registradas na Mesorregião Sul Maranhense: Carolina, Balsas e Alto Parnaíba.....	66
QUADRO 12: 161 - Lexias registradas na Mesorregião Norte Maranhense: São Luís e Pinheiro.....	71
QUADRO 13: 161 - Lexias registradas na Mesorregião Oeste Maranhense: Turiaçu e Imperatriz.....	73
QUADRO 14: 161 - Lexias registradas na Mesorregião Centro Maranhense: Bacabal e Tuntum.....	74
QUADRO 15: 161 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense: Brejo, Araiões e Codó	75
QUADRO 16: 161 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense: Caxias e São João dos Patos	76
QUADRO 17: 161 - Lexias registradas na Mesorregião Sul Maranhense: Carolina, Balsas e Alto Parnaíba.....	77
QUADRO 18: 162 - Lexias registradas na Mesorregião Norte Maranhense: São Luís e Pinheiro.....	83
QUADRO 19: 162 - Lexias registradas na Mesorregião Oeste Maranhense: Turiaçu e Imperatriz.....	85
QUADRO 20: 162 - Lexias registradas na Mesorregião Centro Maranhense: Bacabal e Tuntum.....	86

QUADRO 21: 162 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense: Brejo, Araioses e Codó	86
QUADRO 22: 162 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense: Caxias e São João dos Patos	88
QUADRO 23: 162 - Lexias registradas na Mesorregião Sul Maranhense: Carolina, Balsas e Alto Parnaíba.....	89
QUADRO 24: 163 - Lexias registradas na Mesorregião Norte Maranhense: São Luís e Pinheiro.....	95
QUADRO 25: 164 - Lexias registradas na Mesorregião Norte Maranhense: São Luís e Pinheiro.....	96
QUADRO 26: 163 - Lexias registradas na Mesorregião Oeste Maranhense: Turiaçu e Imperatriz.....	98
QUADRO 27: 164 - Lexias registradas na Mesorregião Oeste Maranhense: Turiaçu e Imperatriz.....	98
QUADRO 28: 163 - Lexias registradas na Mesorregião Centro Maranhense: Bacabal e Tuntum.....	99
QUADRO 30: 164 - Lexias registradas na Mesorregião Centro Maranhense: Bacabal e Tuntum.....	100
QUADRO 31: 163 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense: Brejo, Araioses e Codó	100
QUADRO 32: 164 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense: Brejo, Araioses e Codó	101
QUADRO 33: 163 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense: Caxias e São João dos Patos	102
QUADRO 34: 164 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense: Caxias e São João dos Patos	102
QUADRO 35: 163 - Lexias registradas na Mesorregião Sul Maranhense: Carolina, Balsas e Alto Parnaíba.....	104
QUADRO 36: 164 - Lexias registradas na Mesorregião Sul Maranhense: Carolina, Balsas e Alto Parnaíba.....	104

LISTA DE ABREVIATURAS

ALiB – Atlas Linguístico do Brasil

ALiMA – Atlas Linguístico do Maranhão

ALUMAR – Comércio Alumínio do Maranhão

CVRD – Companhia Vale do Rio Doce

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – índice de desenvolvimento Humano

IMESC – Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos

PIB – Produto Interno Bruto

QFF – Questionário Fonético Fonológico

QMS – Questionário Morfossintático

QSL – Questionário Semântico Lexical

SUMÁRIO

	p.
INTRODUÇÃO	17
Nossa motivação	17
Estudos sobre o tabu linguístico	18
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
1.1 Léxico, cultura e sociedade	21
1.2 Crenças e atitudes linguísticas.....	24
1.3 O tabu: do social ao interdito	27
1.4 O tabu e as palavras “interditadas”	29
CAPÍTULO 2 – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	34
2.1 Como delineamos a pesquisa	34
2.1.1 Procedimentos metodológicos	35
2.1.2 Maranhão: <i>locus</i> da pesquisa	42
CAPÍTULO 3 – O TABU LINGUÍSTICO RELIGIOSO NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO	54
3.1 Religiões e crenças e o português falado no Maranhão: algumas considerações	54
3.2 Sobre a produtividade das questões	56
3.3. Tabu linguístico no Português do Maranhão: <i>coisa ruim, macumba, amuleto, rezadêra e curador</i>	58
3.1.1 Os nomes do Coisa Ruim: a tabuização de diabo	58
3.1.3 Eles é que falam assim: macumba, despacho, feitiço.....	69
3.1.4 Tabu ou desconhecimento? O caso de amuleto.....	80
3.1.5 Palavras de cura: bezendêra, rezadêra, macumbêro, raizêro	90
CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	116
APÊNDICE	122

INTRODUÇÃO

[...] a palavra transcende seu caráter de signo linguístico para converter-se em símbolo social, podemos agora considerar como, de maneira mais geral, outros valores da sociedade tomam como objeto as palavras e fazem surgir as regras para seu uso, regras essas que são transmitidas cuidadosamente transmitidas aos membros da comunidade linguística desde tenra idade. (LARA, 2006, p.217)¹

Nossa motivação

Nossa pesquisa teve seu germen lançado ainda na Graduação, quando começamos a observar, durante a aplicação dos questionários do Atlas Linguístico do Maranhão (Projeto ALiMA), que algumas palavras, como *diabo*, *prostituta*, *defunto*, eram evitadas pelos entrevistados. Fomos então instigados a refletir por que isso ocorria.

É justamente na ideia defendida por Lara (2006, p.217) e que ilustra nossa introdução que encontramos uma pista da interdição dos itens mencionados: *diabo*, *prostituta*, *defunto* são exemplos de palavras que “transcende[m] seu caráter de signo linguístico para converter-se em símbolo social”, matizando-se com os valores sociais da comunidade que as usa. São esses valores que orientarão as regras de uso de tais palavras, levando assim à tabuização.

Entendemos, desta forma, que a língua vai além do comunicar, sendo instrumento de identificação étnica e cultural. Nesta perspectiva, o estudo do tabu linguístico, fenômeno linguístico pautado em coerções sociais que tendem a impedir o uso de determinadas palavras, permite-nos verificar a singularidade dos sujeitos que falam determinada língua, diversa e singular, de forma a registrar seu patrimônio linguístico, contribuindo para nos fazer compreender nossa realidade linguística.

Considerando que o Maranhão, *locus* de nossa pesquisa, é um dos estados brasileiros cuja formação se deu a partir de múltiplas influências culturais e religiosas – inclusive de grupos que não comungam, inteiramente, os valores hegemônicos predominantes em nossa sociedade –, e ainda, por compreendermos que essa diversidade social cunhou a diversidade linguística e cultural desta comunidade, a

¹ Tradução livre de: “[...] la palabra trasciende su carácter de signo lingüístico para volverse símbolo social, podemos ahora considerar cómo, de manera más general, otros valores de la sociedad toman como objeto las palabras y dan lugar a reglas para su uso, cuidadosamente transmitidas a los miembros de la comunidad lingüística desde muy temprana edad.” (LARA, 2006, p.217).

investigação de um campo relacionado com o religioso nos levar a traçar um panorama revelador de como se organiza o pensar/sentir/falar do maranhense.

Esta dissertação elegeu, pois, como objeto de estudo o tabu linguístico religioso no português falado no Maranhão, com base em dados colhidos em seus contextos reais de manifestação. A observação de tal fenômeno nos levou *a priori* a duas questões que norteiam o desenvolvimento desta investigação:

- i) Que unidades lexicais do campo “Religião e Crenças” do Questionário Semântico Lexical (QSL) do ALiMA são tabuizadas no falar maranhense?
- ii) Qual a relação entre a tabuização das unidades lexicais estudadas com as variáveis sexo, idade, naturalidade e orientação religiosa do falante?

Com o objetivo geral de investigar o tabu linguístico religioso no português falado no Maranhão, e tendo em conta que, à medida que se examina o vocabulário de sujeitos de uma comunidade, observam-se as atitudes sociais que marcam antropologicamente este grupo social, este estudo faz uma interseção com diferentes áreas de investigação, como a Dialetologia, a Geolinguística, a Lexicologia, Etnolinguística, a Sociolinguística, entre outras áreas afins.

Assim, nossa pesquisa, que segue os vieses diatópico e sociolinguístico, se orienta pelos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia, da Geolinguística e da Sociolinguística. E, para a análise dos dados, soma-os a princípios da Etnolinguística, de modo a verificar a influência da cultura na variedade linguística. Para isso, nos concentramos no nível lexical, já que por meio do léxico observamos mais pontualmente elementos identitários da variedade linguística utilizada por uma comunidade.

Estudos sobre o tabu linguístico

Constatamos, durante nosso levantamento bibliográfico, que há um número grande de estudos sobre o tabu linguístico em outras línguas, principalmente em língua espanhola. Dentre esses estudos, destacamos o trabalho de G. Rodríguez (1987), Machado y Ureta (2002), Quintillà Zanuy (2004), Crespo Fernández (2008), López Morales (2008a e 2008b). O primeiro, *Notas sobre el tabú lingüístico*, apresenta um panorama geral do tabu linguístico partindo de sua conceitualização e indo até sua classificação. O segundo trabalho, *Aproximación al tabú de las malas palabras*, faz

um apanhado geral sobre o tabu linguístico, refletindo principalmente sobre o porquê da existência das *malas palabras*. A pesquisa de Quintillà Zanuy, *La interdicción lingüística en las denominaciones latinas para <<prostituta>>*, estuda o tabu linguístico com relação à lexia prostituta; enfoca, mais especificamente, o eufemismo, recurso linguístico utilizado para escapar da palavra² tabu, e ressalta ainda as repercussões léxicas e semânticas da mudança de lexias. Já o estudo de Crespo Fernández, *El eufemismo y el disfemismo: procesos de manipulación del tabú en el lenguaje literario inglés*, observa dois processos distintos de manipulação do tabu linguístico; parte da conceitualização geral de tabu, delimita os conceitos de eufemismo e disfemismo, foco principal do estudo e, por fim, apresenta a análise proposta. As pesquisas de López Morales mostram a influência de variáveis linguísticas no tabu linguístico em Porto Rico.

No Brasil, verificamos que os estudos sobre o tabu linguístico são escassos. Até onde pudemos investigar, registramos a existência de estudos que enfocam o tabu linguístico de um modo geral, como é o caso do clássico estudo de Guérios (1956), que parte de uma definição de tabu mais geral até chegar a uma proposta de tipologia para os tabus linguísticos em diferentes culturas do mundo; e o de Monteiro (1986 e 2002), que segue a proposta de Ullmann (1987) e trabalha mais especificamente com as tipologias do tabu linguístico.

Dentre os pesquisadores que tomam o português brasileiro como ponto de partida para seus estudos sobre o tabu linguístico, destacamos o trabalho de Karlberg (2005), que apresenta uma pequena listagem de denominações para os órgãos sexuais masculino e feminino; o de Rodríguez (2007), que apresenta, de forma geral, os tabus linguísticos no Brasil, observando as formas de fuga à palavra tabuizada; e o de Fernandes (2006), que faz um levantamento das designações para *prostituta* com base nos *corpora* coletados pelos Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul, da Bahia e de Sergipe. Mais recentemente, há a pesquisa realizada por Almeida (2007), que analisa a questão do tabu linguístico com base em dados documentados em seis atlas linguísticos brasileiros e tem como produto final a elaboração de um glossário de tabus linguísticos; a pesquisa de Vilaça (2009), sob o ponto de vista da Análise do Discurso, que estudou os tabus linguísticos representados em mensagens publicitárias brasileiras veiculadas em *outdoors* e em revistas; a pesquisa de Benke

² Não desconhecemos a discussão em torno da definição de *palavra*, entretanto, para efeitos de nossa pesquisa, adotamos o termo *palavra* como sinônimo de unidade lexical, tendo em vista que é recorrente dentre os teóricos que se dedicam ao estudo do tabu linguístico o uso do termo *palavra tabu*.

(2012), com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), intitulada “Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos”; a pesquisa de Oliveira(2016), que estuda o campo semântico “Religião e Crenças” no português falado na Bahia com base nos dados do Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB); Fafina (2017) estuda o tabu linguístico comparando o fenômeno no português do Maranhão e no de Guiné Bissau. Há ainda alguns estudos que fizemos anteriormente, (SILVA, 2009; 2010), o primeiro descreve o fenômeno tabu linguístico nos municípios maranhenses de Araisos, Alto Parnaíba, Balsas, Carolina e Imperatriz; o segundo observa a tabuização da lexia diabo no português falado no Maranhão com amostras de municípios pertencentes às cinco mesorregiões do Estado.

Para esta dissertação, além de esclarecer aspectos da visão de mundo de falantes maranhenses, com base na descrição do fenômeno *tabu linguístico*, buscamos oferecer subsídios para a descrição do léxico não só em seu aspecto linguístico, mas também com base em aspectos sociais, culturais e históricos.

Nesse intuito, identificamos, descrevemos e analisamos unidades lexicais que nomeiam referentes relacionados ao campo semântico “Religião e crenças” (QSL-ALiMA) nas comunidades pesquisadas, tentando observar em que medida fatores sociais, culturais e religiosos influenciam no vocabulário dos informantes e quais as principais estratégias utilizadas pelos falantes para substituir a palavra-tabu. Analisamos, desta forma, os itens lexicais documentados sob o ponto de vista diatópico, diastrático, diassexual e diagenérico, e buscamos verificar se existem outras variáveis que intensificam o processo de tabuização das unidades lexicais estudadas.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, além desta introdução, apresentados da seguinte forma: o primeiro capítulo enfoca as relações existentes entre língua, cultura, sociedade e tabu linguístico; o segundo, os procedimentos metodológicos adotados; o terceiro apresenta os dados e a análise dos resultados obtidos. Ao final, apresentamos uma síntese das ideias/dados mais relevantes da pesquisa.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentamos os conceitos fundamentais que embasam nosso estudo – léxico, cultura, crenças, atitudes linguísticas e tabu linguístico – além de evidenciar nosso posicionamento teórico acerca da temática tratada.

1.1 Léxico, cultura e sociedade

A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula.
(BENVENISTE, 1995, p. 32)

O componente sociocultural está presente em todas as formas de comunicação humana, uma vez que “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1989, p.286). Observamos, desta forma, que ao longo de sua história, a humanidade se constrói socialmente por meio de um sistema de comunicação, ou seja, o homem se organiza pela língua(gem)³. Neste sentido, podemos afirmar que o homem é um ser linguístico, um ser cultural, um ser que, por meio de sua língua e cultura, percebe-se, organiza-se e interpreta o mundo em que vive.

É por meio do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos que damos significado aos objetos, pessoas e eventos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano. Se a linguagem atribui sentido, os significados só podem ser partilhados pelo acesso comum à linguagem, que funciona como forma de categorização do mundo, o que nos remete ao conceito de cultura como um conjunto de significados partilhados. Para Hall (1997), os significados culturais não estão na cabeça, têm efeitos reais e regulam práticas sociais.

Considerando que

[...] a codificação do universo natural pelo homem não é outra coisa senão a visão particular que dele tem, como indivíduo ou como grupo de forma que esse universo passa a existir para eles, segundo o modelo com que foi estruturado, e não pela natureza intrínseca, física e fisiológica. (BARBOSA, 1986, p. 91),

³ É importante sinalizar que para este estudo tomamos a noção de língua como: sistema completo adequado à comunidade que a utiliza de modo a permitir que seu falante expresse o mundo físico e simbólico em que vive. (ALKMIM, 2006, p.41).

podemos afirmar que o homem se reconhece como homem na linguagem e pela linguagem. No momento em que ele interage, que utiliza a linguagem, transmite, também, costumes, hábitos, crenças, a cultura de sua comunidade.

Para Hall (2006,p. 134), a cultura é “[...] a soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades são sentidas e refletem as suas experiências comuns.”. Este conceito evidencia maior autonomia das práticas sociais diante dos comportamentos do sistema capitalista, superando a noção marxista de cultura. A concepção de Hall sobre cultura apropria-se de práticas e rituais da vida cotidiana, e tenta abarcar a diversidade de comportamentos dos mais distintos grupos sociais de modo a compor um amplo estudo. Neste sentido, a cultura é produto das relações humanas.

Diante do exposto, e tendo em conta que língua e cultura estão estreitamente relacionadas, temos que a língua é veículo, ferramenta e meio fundamental para que o homem se relacione com o outro, consigo e com o que o rodeia. O cultural está tão imbricado no linguístico e o linguístico está tão presente no cultural que um serve de base na estruturação do outro. Há uma espécie de aderência do pensamento, construído sócio-culturalmente, às palavras.

Benveniste (1995, p.32) aponta que,

Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como a língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura.

Neste sentido, a língua evoluirá de modo a acompanhar a cultura, constituindo-se como um sistema dinâmico que muda de acordo com as necessidades e a criatividade de quem a utiliza, seus falantes.

Castilho (2014, p.110) afirma que

[...] as palavras e suas propriedades não são apriorísticas, não representam uma espécie de ‘pacote’ que recebemos pronto, assumindo-se aqui, ao contrário, que este tipo de conhecimento linguístico é continuamente refeito nas situações concretas da fala. Nossa atitude em relação à língua é sempre dinâmica, criativa.

O homem, ao nomear seres e objetos, também os classifica simultaneamente, e, por conseguinte, estrutura o mundo que o cerca, apropriando-se do real, de modo que

[...] A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras. (BIDERMAN, 2001, p.13)

É, pois, a partir do estudo do léxico de uma língua que podemos entender, por exemplo, como os falantes apreendem o mundo que os cerca. Oliveira e Isquierdo (2001, p. 7) afirmam que “[...] o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. [...] na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura.”. Deste modo, o léxico é um componente linguístico que traz em seu cerne uma característica própria da linguagem verbal de apresentar-se como instável – aberta a alterações ao longo do tempo – e, ao mesmo tempo, possuir uma base definida e estável que possui identidade única.

Portanto, o léxico das línguas naturais cumpre dois papéis fundamentais: apropriar-se do real simbolicamente, conectando o exterior ao interior do sujeito, e categorizar cognitivamente a experiência vivenciada em lexemas. (cf. BIDERMAN, 2001)

Assim, com a fluidez e o dinamismo da língua, mais a criatividade dos falantes e as possibilidades de criação da língua, a todo momento saem e entram formas no léxico. São elementos linguísticos que nascem, morrem e/ou se transformam. Há sempre uma nova criação, uma nova aceção, um caso de uma forma linguística que tinha um significado e passa a ter outro, cria-se uma nova entrada que vai compor o léxico da língua.

Em suma, a observação do léxico de uma língua nos possibilita ver a língua viva, funcionando e, ainda, observar o sujeito que a utiliza, com todas as facetas que o compõem. O fato lexical é um fato social por estar sempre sujeito às forças sociais que permeiam as relações (des)construídas.

1.2 Crenças e atitudes linguísticas

[...] as palavras são formas de cultura que acompanham em sua difusão os conceitos e os objetos de civilização. (COSERIU, 1982, p.111)

A relação entre o falante e sua língua nunca é neutra, de modo que “[...] existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam” (CALVET, 2002, p.65). Deste modo, para pertencer de fato a uma comunidade linguística, o falante deve apropriar-se da língua de forma a torna-se integrante ativo do sistema social do qual faz parte.

Para Lambert e Lambert (1972, p.77-78):

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. [...] Desenvolvemos nossas atitudes e ajustamos ao meio social e, uma vez desenvolvidas, emprestam regularidade aos nossos modos de reagir e de facilitar o ajuste social.

A atitude caracteriza-se, desta forma, por uma disponibilidade vinculada necessariamente aos componentes que a constituem. Assim a “tendência para reagir”, presente nos indivíduos, constitui-se como uma tendência fortemente governada pelas crenças e valores que subjazem na manifestação do sujeito com relação ao objeto. Se aplicarmos a observação destes autores à noção de atitude linguística, teremos que, linguisticamente, as pessoas são avaliadas pelo seu modo de falar, e esta avaliação decorre de uma série de preconceitos e estereótipos que afetam principalmente o uso da eleição de determinada *palavra* no lugar de outra em razão de vários fatores que são externos à língua. Verificamos, então, que a atitude em relação a uma língua e a atitude em relação ao grupo social que dela se serve parecem estar atreladas.

De acordo com Calvet (2002, p.72):

Existe na sociedade o que poderíamos chamar de olhares sobre a língua, de imagens da língua, em uma palavra, *normas* que podem ser partilhadas por todos ou diferenciadas segundo certas variáveis sociais [...] e que geram sentimentos, atitudes, comportamentos diferenciados. (grifo do autor)

Observamos assim que as atitudes e os sentimentos do falante interferem diretamente no uso das variantes diatópicas, diastráticas e diacrônicas da língua. Neste sentido, aponta Cardoso (2015, p.9-10):

O falante emite um julgamento sobre as variedades linguísticas, e associa a elas diferentes valores, hierarquizando-as: um modo de falar é visto como “desagradável” e “feio”, um outro como “cantado” e “lento”, e outro, enfim, como “importante” e “conhecido”, símbolo de signo de cultura. Linguisticamente falando, algumas pessoas têm uma atitude mais normativa, mais purista, e outras, uma atitude mais tolerante.

O que podemos perceber é que mesmo os julgamentos que se apoiam em argumentos estéticos (*feio, cantado, lento*), são, na verdade, julgamentos sociais. Labov ([1972] 2008) em seus estudos já apontava que a avaliação linguística pelo falante é parte determinante para a construção da identidade da língua. Entretanto, a consciência linguística pode ser observada por meio de graus, indo de um alto grau de consciência, quando há monitoramento do falante sobre sua fala, a um baixo grau se é mínimo ou mesmo ausente o monitoramento.

De acordo com Moreno Fernández⁴ (2009, p.179-180):

Uma das bases sobre as quais se assenta a atitude linguística é a consciência sociolinguística: os indivíduos forjam atitudes, quaisquer que sejam, porque têm consciência de uma série de fatos linguísticos e sociolinguísticos que se referem a eles ou lhes afetam.

Já López Morales (2004) indica que há duas possíveis hipóteses sobre a escolha de variantes pelo falante: i) o falante desconhece a existência de outra variante; ii) o falante conhece a variante e faz a opção pela de maior prestígio social. Tomando a hipótese dois como verdadeira, temos que é a *consciência* linguística do falante que normatiza os posicionamentos dos usuários da língua, que passam adotar atitudes de segurança/insegurança linguística, estereotipação/estigmatização, prestígio/desprestígio, etc.

Para Cardoso (2015), a eleição de uma variante se dá em três dimensões: a cognitiva, a afetiva e a comportamental. Esta última estaria relacionada com a produção do falante, ou seja, como o falante efetivamente fala, qual a frequência de recorrência de uma variante em uma comunidade. Já as dimensões cognitiva e afetiva corresponderiam à percepção que o falante tem de si e da variedade linguística que usa: como o falante crê que fala ou que deve falar (cognitivo) e o que percebe sobre seus usos e sobre os padrões da comunidade da qual faz parte; e, ainda, como o falante julga aqueles que falam de determinada forma e como se manifesta frente a determinadas variantes.

⁴ Tradução livre de: “Una de las bases sobre las que se asienta la actitud lingüística es la conciencia de una serie de hechos lingüísticos y sociolingüísticos que les conciernen o les afectan (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p.179-180)

Por seu turno, Tarallo (1997, p.14) considera as atitudes linguísticas como “[...] armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado.”. Neste sentido, o falante ao posicionar-se frente a uma variante estaria refletindo na verdade o posicionamento da comunidade da qual faz parte.

Salienta Labov ([1972] 2008, p. 3):

[...]a percepção que os informantes têm da língua parece influenciar a forma como se comportam linguisticamente, pelo que começaram a recolher informação dos falantes, de como estes identificavam as regiões que falavam o mesmo dialeto.

Em suma, as atitudes linguísticas dos falantes resultam de estímulos sociais que consciente ou inconscientemente privilegiam o estatuto social advindo da estrutura da sociedade da qual fazem parte.

Além disso, é importante observar que

[...] uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística ocorra mais rapidamente, que em determinados contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se restrinjam a contextos menos formais e outras sejam predominantes em estilos mais monitorados. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou de uma mudança linguística.⁵ (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p.179)

As atitudes linguísticas, deste modo, estariam relacionadas diretamente com os processos de variação e mudança linguísticos que se produzem nas comunidades de fala.

Diante do exposto, entendemos que as atitudes linguísticas de um falante de determinada comunidade fornecem pistas para uma análise do comportamento dos falantes frente a determinadas variantes, e para o entendimento de como fatores exteriores à língua interferem em seu uso.

⁵ Tradução livre de “[...]una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico”. (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p.179)

1.3 O tabu: do social ao interdito

As coisas murmuram, de antemão, um sentido que nossa linguagem precisa apenas fazer manifestar-se; e esta linguagem, desde seu projeto mais rudimentar, nosalaria já de um ser do qual seria como a nervura. (FOUCAULT, 2013, p.45)

No século XIX, o antropólogo James Frazer (cf. GUÉRIOS, 1956) já descrevia na Enciclopédia Britânica o comportamento que leva uma pessoa a evitar palavras, pessoas, objetos ou lugares por crer que o contato com esses elementos pode causar mal a quem transgredir a regra. A proibição seria o tabu, palavra que deriva de *tapur*, do Polinésio, e está relacionada com o sagrado e o proibido.

De acordo com Guérios (1956, p.1), o tabu

Vem a ser a abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida. Cometendo-se tais atos, ficam sujeitos à desgraça a coletividade, a família ou o indivíduo. Assim, existem objetos-tabu, que não devem ser tocados; lugares-tabu, que não devem ser pisados ou apenas que não se deve avizinhar; ações-tabu, que não devem ser praticadas; e palavras-tabu que não devem ser proferidas. Além disto, há pessoas-tabu e situações ou estados-tabu.

Desta forma, o tabu estaria ligado a um risco imaginário e não a um risco real. O sujeito assujeita-se às sanções impostas àquilo que é considerado tabu, pois crê que o tabu está atrelado ao sobrenatural, ao extraordinário; logo, ultrapassar suas fronteiras implica correr riscos no mundo real.

Entretanto, o tabu não só protege o sagrado, é também uma forma de manutenção do poder:

Parece que o tabu constitui eficiente mecanismo de controle social. Pois se o poder é perigoso, e não sou sacerdote, nem rei, nem iniciado, vou ter mais é que ficar quieto no meu canto para não me arriscar. Não só vou acreditar que tenho muita sorte em me encontrar longe do poder, mas sentir-me muito agradecido frente ao rei e aos sacerdotes que, imunes por nascença e consagração, se expõem ao perigo sagrado, para que até mesmo o mais humilde dos homens comuns possa se beneficiar da magia. (AUGRAS, 1989, p.46)

Estabelece-se, assim, uma relação hierárquica entre aquele que pode se aproximar do tabu e quem não deve se aproximar. O poder é sagrado tanto para o possuidor quanto para aqueles que estão à mercê de quem o possui. Algumas pessoas são, pois, autorizadas a relacionarem-se com o sagrado, outras não. O tabu

surge assim da não-desaprovação da conduta de uma comunidade. O tabu muitas vezes resulta de um escrúpulo, aparentemente sem fundamento, mas se impõe como proibição por força do costume social ou como medida de interdição em curso em uma coletividade.

Cascudo (2001, p.655-656) entende o tabu segundo dois vieses: a) o do sagrado ou consagrado e b) o do lúgubre, perigoso, proibido ou impuro. O folclorista traz uma rica informação sobre a cultura do “faz-mal” no Nordeste que consiste em uma

[...] ideia de reserva; e, de fato, manifesta-se ele, essencialmente, em proibições e restrições. [...] As restrições de tabu são algo de muito distinto das proibições puramente religiosas ou morais. Não emanam de nenhum mandamento divino, mas proíbem por si próprias; distinguem-se das proibições morais, por falta de classificação num sistema que considere a necessidade. As proibições tabus carecem de todo fundamento; são de origem desconhecida; incompreensíveis para nós, parecem lógicas para aqueles que vivem sob o seu domínio. (CASCUDO, 2001, p.840)

É este o poder do tabu em nossas vidas: interditar religiosa, cultural e linguisticamente determinado uso, comportamento, gesto, palavra. Por meio do tabu, determina-se a interdição do ser, do comer, do ter, do dizer.

Trudgill y Hernández Campoy (2007, p.310) apontam que:

O papel exercido pelos tabus sociais na conduta linguística corresponde ao campo de ação da sociolinguística, especialmente da linguística antropológica, posto que são, obviamente, uma realidade linguística e social: repercutem sobre a significação social e expressiva das palavras.⁶

O estudo do tabu, desta forma, evidencia a leitura que uma comunidade faz de seu universo, uma vez que reflete valores, crenças, hábitos, costumes da sociedade que o emprega, pois não é possível desatrelar linguagem e sociedade. É o componente social que regula comportamentos – sociais, culturais, linguísticos – e sanciona quais são as condutas adequadas e quais as inadequadas.

⁶ Tradução livre de: “El papel jugado por los tabúes sociales en la conducta lingüística corresponde al campo de acción de la **sociolingüística**, especialmente la **lingüística antropológica**, puesto que son, obviamente, una realidad lingüística y social: repercuten sobre la significación social y expresiva de las palabras” (TRUDGILL; HERNÁNDEZ CAMPOY, 2007, p.310) (grifos originais)

1.4 O tabu e as palavras interditas

[...] a unidade *palavra* possui um papel privilegiado na percepção e na reflexão social sobre as línguas devido a sua característica central de nomear objetos, ações e relações. Precisamente por essa característica e esse papel, as palavras se convertem facilmente em *símbolos sociais*, ou seja, *transcendem sua natureza de signos linguísticos e se convertem em representação de concepções, valores e tabus sociais*” (LARA, 2006, p.213)⁷

O tabu linguístico é reflexo da indissociabilidade entre homem e linguagem, uma vez que, apropriando-se da língua para expressar sua relação com o mundo, o homem busca formas de contornar as interdições.

Para Dubois *et al.* (2007, p. 580),

Há coerções sociais que, em certas circunstâncias, impedem ou tendem a impedir a utilização de certas palavras; esses TABUS LINGUÍSTICOS são caracterizados pelo fato de que a palavra existe realmente, mas não pode ser usada: é vedado ‘nomear’ a coisa. (Grifos originais)

O estudo do tabu linguístico é complexo, uma vez que os elementos considerados tabus estão diretamente associados à percepção dos valores sócio-histórico-culturais vinculados à linguagem. Neste sentido, para termos uma visão mais abrangente sobre o fenômeno devemos ter em conta que este objeto de estudo dialoga com várias áreas dos estudos da linguagem.

Quintillà Zanuy (2004, p. 104) afirma que

A interdição linguística é a coação a não falar de uma determinada coisa ou a sugerir-la de forma indireta; trata-se, portanto, de um fenômeno psicológico ou social – de acordo com a natureza, interna ou externa, da proibição –, que provoca uma série de comportamentos linguísticos.⁸

Assim, comum em todas as línguas, o tabu linguístico pode ser considerado, também, um dos elementos responsáveis por mudanças no léxico da língua, uma vez que é necessário, para evitar o uso da palavra tabuizada, um ajustamento no

⁷ Tradução livre: “[...]la unidad *palabra* tiene un papel privilegiado en la percepción y la reflexión social acerca de las lenguas, debido a su característica central de nombrar objetos, acciones y relaciones. Precisamente por esa característica y ese papel, las palabras se convierten fácilmente en *símbolos sociales*; es decir, *trascienden su naturaleza de signos lingüísticos y se convierten en representantes de concepciones, valores y tabúes sociales* (LARA, 2006, p.213) (grifos originais).

⁸ Tradução livre de “La interdicción lingüística es la coacción a no hablar de una cosa determinada o a sugerirla de forma indirecta; se trata, por tanto, de un fenómeno psicológico o social – según la prohibición sea interna o externa –, que provoca una serie de comportamientos lingüísticos.”

significado de seu substituto: “[...] deste modo, o tabu é uma causa importante de mudanças semânticas” (ULLMANN, 1987, p. 426).

Coseriu (1982) aponta que os hábitos e os costumes vigentes em uma comunidade favorecem a difusão de certas expressões e eliminam do uso outras, e que, assim, o vocabulário reflete a natureza da sociedade que o emprega.

Este estudioso da linguagem faz a distinção entre interdições linguísticas e tabus linguísticos. A interdição da linguagem ocorre quando os costumes sociais têm também o efeito de eliminar o uso de certas palavras que consideram vulgares ou demasiadamente rudes, ou irreverentes. Já o tabu linguístico se relaciona com fatos de natureza religiosa, com superstições, crença.

A classificação de Coseriu (1982) aproxima-se da de Guérios (1956), que, em seus estudos, classifica o tabu linguístico em dois tipos: próprio ou impróprio. O tabu próprio tem uma natureza mágico-religiosa ou de crença, e o tabu impróprio tem uma natureza moral ou de sentimento:

Assim, o tabu linguístico nada mais é do que modalidade do tabu em geral, ou é um prolongamento dos demais tabus. Se uma pessoa, coisa, ou ato é interdito, o nome ou a palavra que se lhes refere, também o é. (GUÉRIOS, 1956, p. 6).

Como o tabu está associado à percepção/sensação que as palavras exercem sobre as pessoas, Ullmann (1987, p. 426-427) classifica-os em três grupos, de acordo com a “motivação psicológica que os origina: uns devidos ao medo, outros ao sentimento de delicadeza, outros ainda ao decoro ou decência”.

Já Rodríguez (1987, p. 57) classifica os tabus linguísticos em dois grandes grupos: tabu religioso ou supersticioso e tabu sexual, moral ou familiar. De acordo com o autor, o tabu refere-se, primeiramente, ao

[...] temor supersticioso ou religioso (o tabu propriamente tal), e 2º) em um sentido mais amplo para evitar (por substituição, alteração ou modificação), vozes ou expressões de domínios mais vulgares (obscenos, pecaminosos, desagradáveis, penosos) em presença de estranhos, de crianças, de membros do sexo oposto, de idosos, etc.. (RODRÍGUEZ, 1987, p. 57).

À primeira vista, não há, entre os estudiosos do tema, uniformidade quando o que está em jogo é a proposta de uma tipologia do tabu linguístico. Entretanto, quando analisamos mais atentamente, observamos que as tipologias de tabu, por eles apresentadas, foram propostas sob os mesmos parâmetros, categorizando o tabu em

pelo menos dois grandes grupos: o tabu *próprio* ou *propriamente tal* e os tabus que se relacionam com os recursos linguísticos *eufemismo* e *disfemismo* (que, respectivamente, suavizam e intensificam a carga semântica da palavra-tabu). Com base nos autores aqui apresentados, o Quadro 1 sintetiza as tipologias do tabu linguístico.

QUADRO 1: Relações entre as tipologias de tabu linguístico

COSERIU (1982)	ULLMANN (1987)	RODRÍGUEZ (1987)	GUÉRIOS (1956)	
			1ª TIPOLOGIA	2ª TIPOLOGIA
tabu linguístico	tabu de medo	tabu religioso ou supersticioso	próprio	tabus religiosos tabus de simples crença
interdição da linguagem	tabu de delicadeza tabu de decência	tabu sexual, moral ou familiar	Impróprio	tabus sentimentais tabus morais

Fonte: Elaborado pela autora

Considerando que se admitíssemos apenas uma dessas classificações não abrangeríamos completamente e de forma adequada os diversos tipos de tabu linguístico, reestruturamos e condensamos as quatro tipologias apresentadas no Quadro 1, reorganizando os tabus em quatro grupos:

- **Tabu religioso** – referente ao campo religioso e/ou supersticioso;
- **Tabu sexual** – relativo aos órgãos e a fluidos corporais relacionados com o sexo;
- **Tabu moral** – concernente a atitudes/comportamentos reprováveis pela sociedade;
- **Tabu de delicadeza** – referente a assuntos desagradáveis, como a morte e doenças.

Percebemos, então, que existe entre os signos, além das relações morfossintáticas e semântico-lexicais, uma relação/associação subjetiva resultante da ligação existente entre língua-cultura-sociedade, que evidencia a percepção sobre a língua, a consciência semântica dos falantes, bem como as “caprichosas e multiformes” relações estabelecidas entre símbolos durante os atos concretos de fala. O tabu linguístico é, pois, uma interdição linguística, que reflete o sistema sociocultural de uma comunidade; é um elemento propulsor de mudanças linguísticas.

Além disso, observamos que, frente à palavra tabuizada, o falante lança mão de várias estratégias para dela *fugir*. Procurando artifícios que *encubram* os tabus, utiliza muitos recursos além da substituição lexical, recursos esses que substituem

[...] as palavras indecorosas por outras, neutras ou delicadas, suaves, ou despojadas de emotividade indigna e associação de ideias repugnantes, senão totalmente, pelo menos em parte, ou, então, expressões que não despertem tão abruptamente as ideias e os sentimentos da vida material e materializada. (GUÉRIOS, 1956, p.40).

Entre os pesquisadores não há, entretanto, uma uniformidade com relação a esses recursos. Frazer (apud GUÉRIOS, 1956), por exemplo, afirma que as lexias substitutivas pertencem a duas classes: elogiosos e enigmáticos, conforme são ou não compreendidas.

No campo da linguagem, existem inúmeras rotulações de palavras e expressões interditas, frutos, ao certo, dos tabuísmos, dentre as quais destacamos: a) eufemismo: que consiste na suavização ou minimização do peso conotador do tabu linguístico (dianho = '*diabo*', caramba = caralho); b) disfemismo: entendida como a violação de um tabu com intenção de proferir expressão depreciativa, agressiva, blasfema, ridícula, sarcástica ou chula, em lugar de outra palavra ou expressão neutra; c) chulismo: palavras que se referem ao baixo calão, sendo, pois, grosseiras, obscenas. d) sinonímia (simples, locucional, fraseológica): emprego de palavra ou expressão com outra de significado afim, para matizar, aclarar ou ampliar seu sentido; e e) subvocalização: A subvocalização pode ocorrer, por exemplo, durante a leitura em que aparecem palavras-tabus ou expressões tabuizadas, quando então o leitor articula (palavras) silenciosamente ou de modo quase inaudível para não ser ouvido por outrem.

Constatamos, assim, que a interdição linguística é um fenômeno presente em todas as culturas e está associada à percepção sobre as coisas que se referem às palavras. É como se a sociedade instalasse, em cada um de seus membros, *semáforos* linguístico-sociais que os orientassem sobre que comportamento/atitude adotar frente ao uso de determinadas palavras e expressões por considerá-las socialmente reprováveis (cf. MACHADO; URETA, 2002). É, então, esse *semáforo*, que se configura como consciência linguística do falante, que vai orientá-lo em relação ao como dizer, onde dizer e ao que dizer e ao que não pode dizer.

A reflexão que fizemos nos possibilitou perceber o fato social e cultural que se materializa na esfera do linguístico, isto porque “a linguagem, e as línguas, [...] foram,

são e serão sempre – enquanto existirem – um fato humano, o que necessariamente implica, por ora, duas categorias, a social e a cultural” (HOUAISS, 1980, p.2).

Se levarmos em conta que o modo como o indivíduo de uma comunidade observa, organiza e categoriza seu mundo é realizado, em grande medida, por meio do léxico da língua; e que o estudo do tabu linguístico é complexo, uma vez que os elementos considerados tabus são diretamente associados à percepção dos valores sócio-histórico-culturais vinculados à língua(gem); para termos uma visão mais abrangente sobre este fenômeno, devemos ter em conta que este objeto de estudo interage com várias áreas do conhecimento.

Para nortear nosso estudo, consideramos o léxico como componente linguístico categorizador do mundo do sujeito, e responsável pela construção do nexo que interliga o interior (cognitivo) do indivíduo ao que lhe é exterior. A cultura, por sua vez, é tida como conjunto de significados partilhados por uma comunidade. Já as atitudes linguísticas do falante e sua tendência para reagir frente ao interlocutor são compreendidas como resultado dos valores sócio-histórico-culturais forjados no grupo social do qual faz parte o indivíduo. Nesta perspectiva, o tabu linguístico é um fenômeno que ocorre como transbordamento de um tabu que é exterior à língua.

CAPÍTULO 2 – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Se a intenção de localizar os fatos linguísticos nos espaços geopolíticos é uma constante na história dos estudos dialetais, a preocupação com as características sociais dos informantes e suas implicações no uso que fazem da língua não tem passado à margem dos objetivos da dialetologia e, especificamente, da geografia linguística [...].
(CARDOSO, 2010, p.49)

Apresentamos neste capítulo os pressupostos metodológicos e o caminho traçado para o desenvolvimento de nossa pesquisa de modo a assegurar os objetivos propostos, apresentando a natureza de nosso estudo, seu contexto, métodos, procedimentos e instrumentos utilizados nas várias etapas do trabalho.

2.1 Como delineamos nosso trajeto rumo à dissertação

Este estudo insere-se no modelo quali-quantitativo de pesquisa, uma vez que, pela interpretação subjetiva, observa como o homem estabelece suas relações socioculturais, analisando a variação e a constituição lexical, de acordo com as variáveis diatópica, diageracional e diassexual. Tendo em conta os vieses diatópico e sociolinguístico, se orienta pelos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia, da Geolinguística e da Sociolinguística, e, neste estudo, soma-os a princípios da Etnolinguística – que verifica a influência da cultura na variedade linguística utilizada pelo homem.

As características da nossa pesquisa que deu origem à dissertação nos levaram a optar pelo método de investigação geolinguístico, uma vez que nos propomos a estudar os falares de localidades, geograficamente distintas, em um recorte sincrônico. O método geolinguístico pressupõe a seleção dos pontos de inquérito, em determinado território previamente estabelecido, a elaboração de um questionário, a recolha de dados, o registro do material coletado em tabelas e, posteriormente, em mapas especiais, que comporão um atlas linguístico. As formas linguísticas são comprovadas mediante pesquisa direta com os falantes nativos da região; os inquéritos realizados com os informantes formam um *corpus*, que, após ser transcrito e revisado, segue para análise e, por fim, estudo e interpretação.

Para fundamentação deste trabalho, realizamos na primeira etapa, uma pesquisa bibliográfica em dicionários especializados, livros, teses, dissertações,

artigos, nos seguintes campos: léxico, lexicologia, etnolinguística, sociolinguística, dialetologia, língua, cultura, tabu, tabu linguístico.

A etapa seguinte da pesquisa, seleção e análise dos dados, foi desenvolvida com dados extraídos do *corpus* coletado pelo Projeto Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA, nos municípios maranhenses que integram a rede de pontos linguísticos em que a pesquisa foi realizada. Desta forma, é importante apresentar os critérios utilizados pelo ALiMA para formulação dos questionários, seleção dos informantes, coleta e transcrição de dados.

Posteriormente, procedeu-se à análise semântico-lexical, de cunho quali-quantitativo, observando a relação entre a tabuização linguística e aspectos socioculturais das localidades em que o tabu linguístico foi registrado; a frequência das lexias que refletem o processo de tabuização no campo semântico selecionado para pesquisa – *Religião e Crenças* –; e se e como as variáveis – orientação religiosa, sexo, idade, escolaridade e naturalidade do informante – influenciam o processo de tabuização.

2.1.1 Procedimentos metodológicos

[...] a língua está enraizada na realidade cultural do indivíduo, grupo ou comunidade, não podendo ser estudada fora desse contexto.
(MALINOWSKI, 1986, p. 35)

Considerando que nosso corpus foi extraído do banco de dados do Projeto ALiMA, julgamos necessário descrever, ainda que sumariamente, a metodologia utilizada pelo Projeto.

O ALiMA apoia-se em procedimentos metodológicos da geografia linguística, método por excelência da Dialetologia, e se insere na categoria dos atlas linguísticos de terceira geração (cf. CARDOSO, 2010). Sua metodologia de trabalho orienta-se por três princípios básicos adotados por toda e qualquer investigação científica dialetal: a rede de pontos, os informantes e o questionário linguístico.

A rede de pontos do Projeto ALiMA é constituída por 17 localidades, distribuídas pelo território maranhense, como apresentados no Quadro 2 a seguir:

QUADRO 2: Rede de Pontos do Projeto ALiMA

MESORREGIÃO	MICRORREGIÃO	MUNICÍPIO
Norte	Aglomeração Urbana de São Luís	MA 1 – São Luís
		MA 2 – Raposa
	Baixada Maranhense	MA 3 – Pinheiro
Centro	Médio Mearim	MA 16 – Bacabal
	Alto Mearim e Grajaú	MA 18 – Tuntum
Oeste	Gurupi	MA 5 – Carutapera
		MA 4 – Turiaçu
	Pindaré	MA 15 – Santa Luzia
	Imperatriz	MA 7 – Imperatriz
Leste	Chapadinha	MA 13 – Brejo
	Codó	MA 17 – Codó
	Caxias	MA 12 – Caxias
	Chapadas do Alto Itapecuru	MA 11 – São João dos Patos
	Baixo Parnaíba Maranhense	MA 14 – Araiões
Sul	Porto Franco	MA 8 – Carolina
	Gerais de Balsas	MA 10 – Alto Parnaíba
		MA 9 – Balsas

Fonte: Projeto ALiMA

A escolha destas localidades dentre os 217 municípios maranhenses levou em consideração os seguintes critérios: (i) a extensão territorial, (ii) os aspectos demográficos, culturais e históricos, (iii) a natureza do processo de povoamento. Esses critérios foram propostos por Antenor Nascentes (1958) em *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*.

Foram selecionados 72 informantes que atendem ao seguinte perfil: pessoas de ambos os sexos, nascidas e criadas na localidade, distribuídas equitativamente em duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos – e de dois níveis de escolaridade – apenas fundamental (incompleto) nas localidades do interior e fundamental (incompleto) e superior nas capitais, conforme apresentado no Quadro 03.

QUADRO 3: Perfil dos informantes do Projeto ALiMA

REGIÃO	NÚMERO DO INFORMANTE	SEXO	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE
Capital	1	Masculino	18 a 30 anos	E. Fundamental
	2	Feminino	18 a 30 anos	E. Fundamental
	3	Masculino	50 a 65 anos	E. Fundamental
	4	Feminino	50 a 65 anos	E. Fundamental
	5	Masculino	18 a 30 anos	E. Superior
	6	Feminino	18 a 30 anos	E. Superior
	7	Masculino	50 a 65 anos	E. Superior
	8	Feminino	50 a 65 anos	E. Superior
Interior	1	Masculino	18 a 30 anos	E. Fundamental
	2	Feminino	18 a 30 anos	E. Fundamental
	3	Masculino	50 a 65 anos	E. Fundamental
	4	Feminino	50 a 65 anos	E. Fundamental

Fonte: Elaborado pela autora

Os questionários linguísticos utilizados pelo Projeto ALiMA buscam contemplar questões que permitam coletar dados nos diferentes níveis de análise linguística. São usados três questionários direcionados para aspectos específicos da língua: (i) Questionário Fonético Fonológico (QFF) – contemplando 159 perguntas; (ii) Questionário Semântico-Lexical (QSL) – com 227 perguntas divididas em 14 áreas semânticas: *acidentes geográficos; fenômenos atmosféricos; astros e tempo; atividades agropastoris; fauna; corpo humano; ciclos da vida; convívio e comportamento social; religiões e crenças; jogos e diversões infantis; habitação; alimentação e cozinha; vestuário e acessórios e vida urbana*; (iii) Questionário Morfossintático (QMS) – contendo 47 perguntas; (iv) Questões de Pragmática – 16 perguntas; (v) Temas para Discursos Semidirigidos – relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal; (vi) Perguntas Metalinguísticas: total de seis; e um Texto para Leitura.⁹

Todas as respostas foram transcritas grafematicamente, de modo a respeitar as variações morfossintáticas e fonéticas presentes na fala do informante, e apenas os itens-alvo do QFF e do QSL foram transcritos foneticamente. Todos estes dados são revisados de acordo com normas bem delineadas. É importante ressaltar a preocupação do ALiMA com a forma adequada na condução dos inquéritos, e o rigor com os procedimentos metodológicos durante toda a coleta e transcrição dos dados, que são realizados de forma a registrar de fato o falar do maranhense.

Além dos questionários, o Projeto ALiMA utiliza ainda os seguintes instrumentos de pesquisa¹⁰: (i) Ficha da Localidade, que compreende informações de identificação, sobre as localidades *locus* da pesquisa, tais como nome, gentílico, dados sócio-econômico-demográficos, informações sócio-histórico-culturais; (ii) Ficha do Informante, que compreende dados de identificação dos sujeitos da pesquisa, como nome, idade, profissão, naturalidade, escolaridade), informações sobre a religião, o contato com os meios de comunicação, participação em diversões, e dados sobre a entrevista (ambiente, duração, data do inquérito, caracterização do informante; (iii) Ficha de Acompanhamento de Inquérito, que contém informações sobre a entrevista: identificação do informante, número do ponto linguístico, nomes do inquiridor e auxiliares, duração do inquérito, e controle das perguntas (respondidas,

⁹ O ALiMA usa os questionários elaborados pelo Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Entretanto, para dar conta de particularidades do Maranhão, fez tanto acréscimos como supressões de questões.

¹⁰ Assim como os questionários, todos estes outros instrumentos de coleta de dados foram elaborados pelo ALiB e usados pelo ALiMA.

não-respondidas, não-realizadas, retomadas). Estas fichas compõem respectivamente, os Anexos 3 e 4 desta dissertação.

Nossa amostra é composta por 60 inqueritos, uma vez que a coleta de dados nos municípios de Raposa, Carutapera e Santa Luzia não havia sido completada, quando organizamos o *corpus*. Para atender à natureza da investigação aqui proposta, observamos também a religião declarada pelo informante, registrada na *Ficha do Informante* do Projeto ALiMA, com o intuito de verificar possíveis influências dessa variável no repertório lexical dos sujeitos. (Cf. RAMOS, s/d)

O Quadro 4 apresenta o perfil dos informantes que compõem nosso *corpus*. Para uma melhor identificação desses sujeitos, e observando as questões éticas, seguimos o mesmo padrão de codificação adotado pelo ALiMA. Assim, na coluna Código do Informante, as letras iniciais correspondem à sigla do Estado, seguida pelo número atribuído a cada localidade, separado por uma barra diagonal com o número que representa o perfil do entrevistado: 1, 2, 5 e 6 referem-se aos entrevistados da faixa etária I (18 a 30 anos), e 3, 4, 7 e 8, aos da faixa etária II (50 a 65 anos); os números ímpares indicam o sexo masculino, e os pares, o feminino. Os informantes 1, 2, 3 e 4 possuem o ensino fundamental (até a 6ª série); já os de número 5, 6, 7 e 8 são informantes com ensino superior.

QUADRO 4: Perfil dos informantes deste estudo¹¹

LOCALIDADE	CÓDIGO DO INFORMANTE	FAIXA ETÁRIA/IDADE	ESCOLARIDADE	SEXO	RELIGIÃO
MA 1 (São Luís)	MA1.1	FI-30 anos	EF	Masculino	Católica
	MA1.2	FI-26anos	EF	Feminino	Católica
	MA1.3	FII-63anos	EF	Masculino	Católica
	MA1.4	FII-55anos	EF	Feminino	Evangélica
	MA1.5	FI-26anos	ES	Masculino	Católica
	MA1.6	FI-23anos	ES	Feminino	Evangélica
	MA1.7	FII-55anos	ES	Masculino	Católica
	MA1.8	FII-64anos	ES	Feminino	Católica
MA 3 (Pinheiro)	MA3.1	FI-24anos	EF	Masculino	ND
	MA3.2	FI-25anos	EF	Feminino	ND
	MA3.3	FII-51 anos	EF	Masculino	Crente
	MA3.4	FII-58anos	EF	Feminino	Católica
MA 4 (Turiaçu)	MA4.1	FI-26anos	EF	Masculino	Católica
	MA4.2	FI-27anos	EF	Feminino	Evangélica
	MA4.3	FII-62anos	EF	Masculino	Católica
	MA4.4	FII-52anos	EF	Feminino	Evangélica
MA 7 (Imperatriz)	MA7.1	FI-29 anos	EF	Masculino	Católica
	MA7.2	FI-19anos	EF	Feminino	Católica

¹¹ Legenda do Quadro 4: FI (Faixa etária I – 18 a 30 anos); FII (faixa etária II – 50 a 60 anos); EF (Ensino Fundamental); ES (Ensino Superior); ND (Não declarada).

	MA7.3	FII-56 anos	EF	Masculino	Igreja Internacional do Reino de Deus
	MA7.4	FII-63anos	EF	Feminino	Católica
MA 8 (Carolina)	MA8.1	FI- 27 anos	EF	Masculino	ND
	MA8.2	FI-28 anos	EF	Feminino	Católica
	MA8.3	FII-55anos	EF	Masculino	Crente da Igreja Batista
	MA8.4	FII- 66anos	EF	Feminino	Católica
MA 9 (Balsas)	MA9.1	FI- 21 anos	EF	Masculino	Católica
	MA9.2	FI- 18 anos	EF	Feminino	Católica
	MA9.3	FII- 61 anos	EF	Masculino	Católica
	MA9.4	FII- 50 anos	EF	Feminino	Católica
MA 10 (Alto Parnaíba)	MA10.1	FI -26 anos	EF	Masculino	ND
	MA10.2	FI – 31 anos	EF	Feminino	Católica
	MA10.3	FII – 56 anos	EF	Masculino	Católica
	MA10.4	FII- 62 anos	EF	Feminino	Católica
MA 11 (São João dos Patos)	MA11.1	FI-28anos	EF	Masculino	Católica
	MA11.2	Fi-17 anos e 6meses	EF	Feminino	Católica
	MA11.3	FII-66anos	EF	Masculino	Católico
	MA11.4	FII-55anos	EF	Feminino	Católica
MA 12 (Caxias)	MA12.1	FI-29 anos	EF	Masculino	Católica
	MA12.2	FI- 18anos	EF	Feminino	Católica
	MA12.3	FII-49 e 11meses	EF	Masculino	Católica
	MA12.4	FII-54anos	EF	Feminino	Católica, ¹²
MA 13 (Brejo)	MA13.1	FI- 28 anos	EF	Masculino	Católica
	MA13.2	FI- 28 anos	EF	Feminino	Católica
	MA13.3	FII- 62 anos	EF	Masculino	Católica
	MA13.4	FII- 62 anos	EF	Feminino	Católica
MA 14 (Araioses)	MA14.1	FI – 27 anos	EF	Masculino	Católica
	MA14.2	FI – 17 anos e 10 meses	EF	Feminino	Católica
	MA14.3	FII- 52 anos	EF	Masculino	Católica
	MA14.4	FII – 63 anos	EF	Feminino	Católica
MA 16 (Bacabal)	MA16.1	FI -28anos	EF	Masculino	Cristã ¹³
	MA16.2	FI-25 anos	EF	Feminino	Católica
	MA16.3	FII- 50 anos	EF	Masculino	Católico não praticante
	MA16.4	FII-53 anos	EF	Feminino	Católica
MA 17 (Codó)	MA17.1	FI-24 anos	EF	Masculino	ND
	MA17.2	FI-26 anos	EF	Feminino	Católica
	MA17.3	FII-65 anos	EF	Masculino	Católica
	MA17.4	FII-54 anos	EF	Feminino	Católica
MA 18	MA18.1	FI-22ano	EF	Masculino	Católica

¹² A informante *a priori* declarou ser de todas as religiões, mas depois, ao longo do inquérito, assumiu-se como católica.

¹³ Apesar de o Cristianismo não ser considerado como uma religião, o informante, ao ser perguntado sobre sua religião, respondeu ser cristão.

(Tuntum)	MA18.2	FI-24anos	EF	Feminino	Católica
	MA18.3	FI-57anos	EF	Masculino	Católica
	MA18.4	FI-65anos	EF	Feminino	Católica

Fonte: Elaborado pela autora

Para efeito desta dissertação, selecionamos questões do QSL usado pelo ALiMA, campo semântico *Religião e Crenças*. São elas:

- QSL159 - Deus está no céu e no inferno está _____.
- QSL 160 - O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?
- QSL 161 O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?
- QSL 162 ... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?
- QSL 163 ... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?
- QSL 164 ... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?
- QSL 165 ... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?
- QSL 166 No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?
- QSL 167 De uma pessoa que está com pouca sorte, se diz ela está _____.

À área semântica das *Religiões e Crenças* associa-se um léxico peculiar oriundo dos saberes e crenças populares, revelando no interior do sistema linguístico vestígios da trajetória histórica e cultural da comunidade, além de permitir a visualização de aspectos de natureza diatópica e também identitários e culturais do falar maranhense.

Para efeito deste trabalho, focamos especificamente as questões: 159 (*diabo*), 161(*feitiço*), 162 (*amuleto*), 163 (*curandeiro*) e 164 (*benzedeiro*). A seleção destas questões decorre do fato de elas contemplarem perguntas que apresentam conceitos que tendem a ser tabuizados, podendo provocar, portanto, no indivíduo o sentimento de medo, de pudor, de modo que a manifestação de suas crenças interfere no léxico do grupo investigado. É importante ressaltar que em nosso levantamento as questões 165(*medalha*) e 166(*presépio*) não foram selecionadas por não se caracterizarem como tabus, apesar de estarem relacionadas a crenças e à religião. Já as questões

160 (fantasma) e 167(azarado) apesar de possivelmente se enquadrarem como tabus não se mostraram produtivas em nossos dados, uma vez que os falantes não perceberam o lema foco da questão como elementos passíveis de tabuização.

As fichas da Localidade, do Informante e de Acompanhamento do Inquérito subsidiam a análise do *corpus*, de forma a observar as variáveis relevantes para o comportamento dos falantes no que concerne à tabuização das lexias investigadas.

Como parte dos inquéritos que usamos na composição da amostra já havia sido transcrita, fizemos uma segunda audição dos registros magnetofônicos com o intuito de comparar as informações constantes na transcrição com o registro oral fornecido pelos informantes, fato que nos permitiu observar informações acerca da realidade linguística dos sujeitos e do contexto discursivo em que se obteve a resposta. As informações que se mostraram relevantes para melhor compreensão e interpretação das respostas foram acrescentadas à transcrição original. Usamos INF. nos quadros para indicar a transcrição da fala do informante e INQ. para a fala do inquiridor. O uso de parênteses servirá para informar sobre o contexto da pergunta e/ou da resposta, sempre que julgamos necessário. A barra indica a resposta do informante após insistência/reelaboração da pergunta feita pelo inquiridor.

É importante frisar que sendo nosso objetivo descrever o tabu linguístico religioso no português falado no Maranhão, nossa principal categoria de análise é a tabuização de unidades lexicais referentes à religião no léxico de falantes nativos maranhenses referentes. Para descrever este fenômeno linguístico no Maranhão, verificamos a relação desta tabuização com as variáveis: orientação religiosa, sexo, idade, naturalidade para descrever este fenômeno linguístico no Maranhão.

Daí que, apesar de a recolha de dados fundamentar-se na Dialetologia e Geolinguística, a análise de dados levará em conta a Sociolinguística e também a Etnolinguística. A Sociolinguística que nos aponta como analisar as crenças e atitudes do falante, e a Etnolinguística que nos demonstra como observar as marcas identitárias e culturais que distinguem antropologicamente o grupo social estudado.

2.1.2 Maranhão: o *locus* da pesquisa

Antes de iniciar análise de dados em si, é necessário que apresentemos como se caracteriza nosso *locus* de pesquisa, uma vez que esta caracterização pode nos fornecer indícios para possíveis considerações.

O Maranhão está localizado na região meio norte do Nordeste brasileiro. Por estar em uma região de transição, possui características tanto da região amazônica quanto do sertão nordestino. Sua superfície – 333.366 quilômetros quadrados – corresponde a 3,9% do território brasileiro e 21,3% da região Nordeste. Limita-se a leste com o estado do Piauí, a sul e a sudoeste com o Tocantins, a oeste com o Pará. Ao norte é banhado pelo Oceano Atlântico, em uma extensão de 640 quilômetros, a segunda maior costa do País.

FIGURA 1: Hidrografia do Maranhão



Fonte: BATISTELLA, M., et al , 2013, p.24

Configurando-se quase como uma grande ilha fluvial, o Maranhão possui como limites leste, oeste e sul, respectivamente, os rios Tocantins, Itapecuru, Parnaíba, encontrando-se ao Norte com o Oceano Atlântico (como podemos ver na Figura 1). Seus principais rios são: Tocantins, Gurupi, Pindaré, Mearim, Parnaíba, Turiaçu, Itapecuru. Sua costa é recortada, seu relevo divide-se em planície costeira, dunas no litoral e planalto nas demais regiões. Apresenta o clima predominantemente tropical, com elevadas e constantes temperaturas durante o ano.

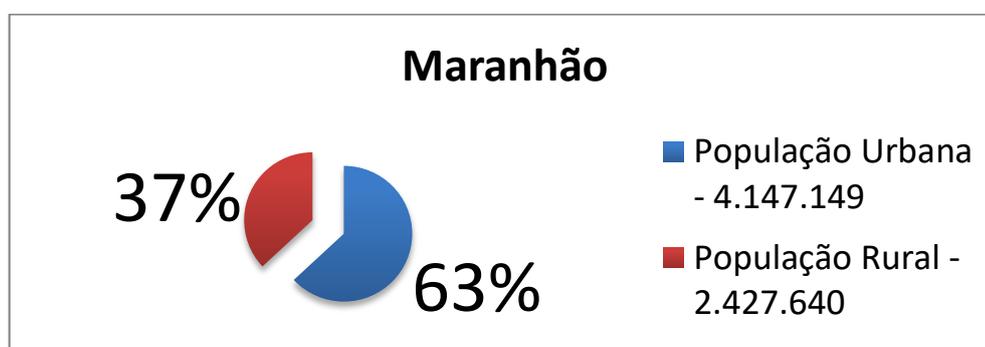
O último Censo Demográfico realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁴ revelou que a população do Maranhão é formada por 6.574.789 habitantes, sendo a quarta maior da Região Nordeste. Esse contingente populacional corresponde a aproximadamente 3,4% da população atual do Brasil.

A densidade demográfica do Maranhão é de 19,8 habitantes por quilômetro quadrado; a taxa de crescimento demográfico é de 1,5% ao ano e 50,4% da população maranhense é composta por pessoas do sexo feminino; os homens respondem por 49,6% da população total.

A população urbana, da mesma forma que em outras unidades federativas do Brasil, é maioria no Maranhão (63%). São Luís, capital estadual, é a cidade mais populosa, com 1.014.837 habitantes. Dentre os outros 216 municípios do Estado, os mais populosos são: Imperatriz (247.505), São José de Ribamar (163.045), Timon (155.460), Caxias (155.129), Codó (118.038) e Paço do Lumiar (105.121).

A população do Maranhão apresenta ainda certa equidade com relação ao sexo: são 3.261.515 indivíduos pertencentes ao sexo masculino (49,6% do total da população) e 3.313.274 pertencentes ao sexo feminino (50,4% da população). Sua população é essencialmente urbana, como podemos observar no Gráfico 1:

GRÁFICO 1: Maranhão - População urbana x População Rural



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do IBGE.

¹⁴ Todos os dados estatísticos relativos ao Maranhão têm como fonte o IBGE (Censo 2010).

O estado divide-se politicamente em cinco grandes mesorregiões: Norte, Centro, Leste, Oeste e Sul, como podemos observar na Figura 2.

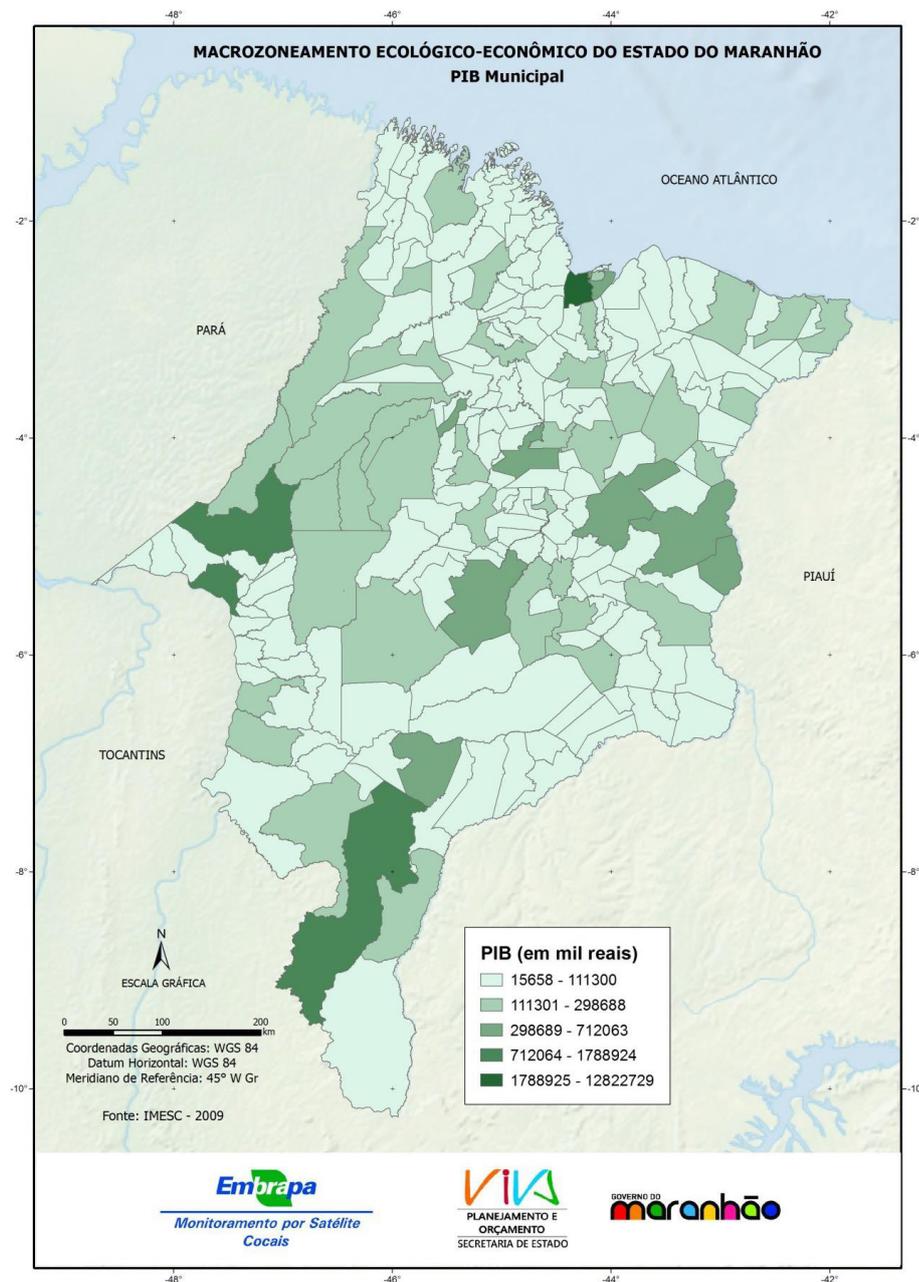
FIGURA 2: Mesorregiões do Maranhão



Fonte: BATISTELLA, M., et al 2013, p.77

Em relação à economia, temos que o Maranhão concentra espacialmente suas atividades econômicas, apresentando os maiores PIBs municipais ao longo da Estrada de Ferro Carajás/Porto do Itaqui, nos cerrados do Sul (com sua grande produção de soja) e na Bacia do rio Itapecuru.

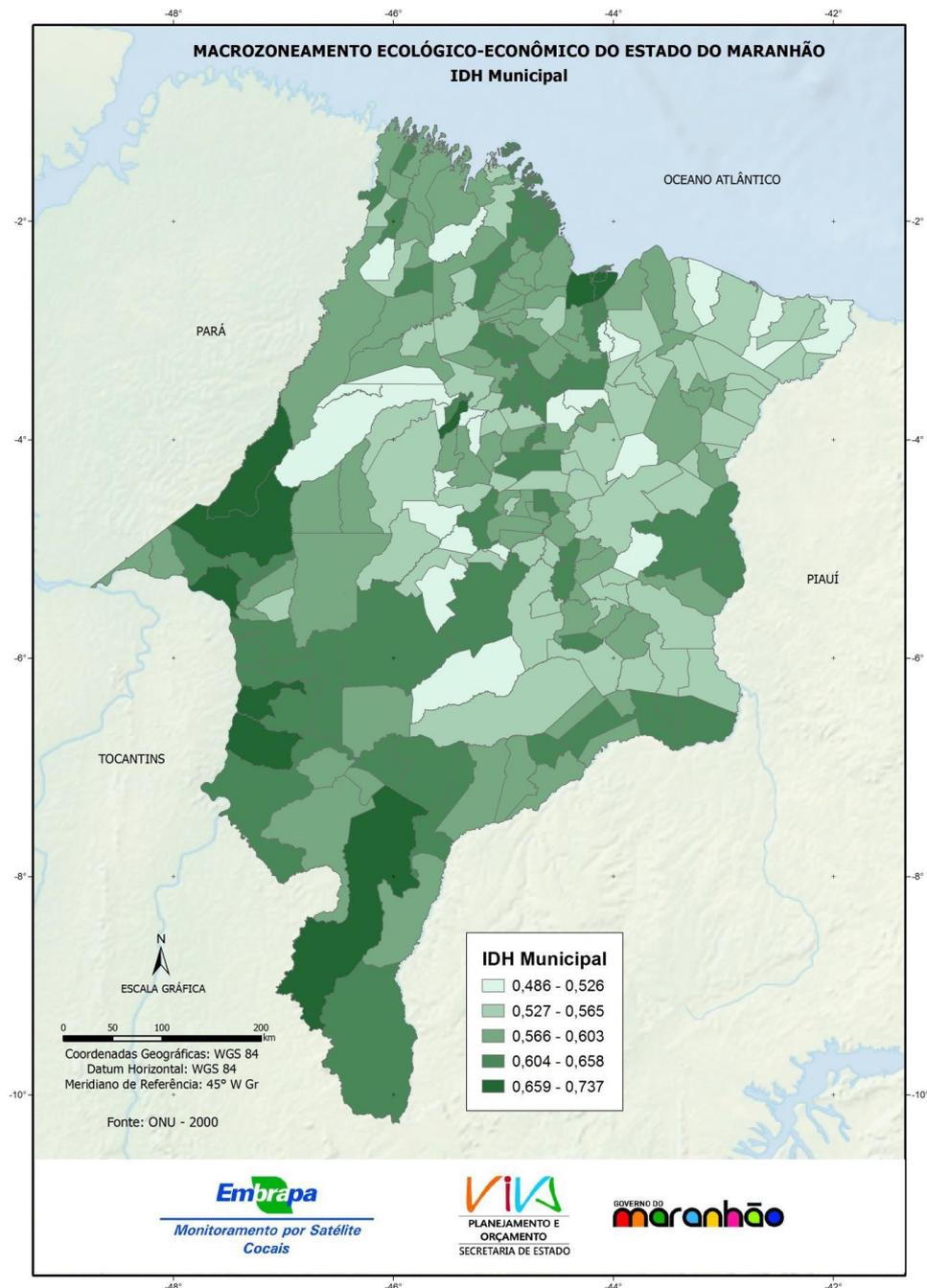
FIGURA 3: PIB dos municípios do Maranhão



Fonte: BATISTELLA, M., et al, 2013, p.45

O Estado apresenta sérios problemas socioeconômicos, ocupando o penúltimo lugar no *ranking* nacional de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), estando à frente apenas de Alagoas. Os indicadores que contribuem para esse cenário são as altas taxas de mortalidade infantil (36,5 para cada mil nascidos vivos) e de analfabetismo (19%); distribuição desigual de renda; e déficit nos serviços de saneamento ambiental.

FIGURA 4: IDH dos municípios do Maranhão



Fonte: BATISTELLA, M., et al, 2013, p.44

Por possuir uma localização estratégica, o Maranhão apresenta-se como uma das portas de acesso à região Norte, também é parte da fronteira agrícola do Centro-Oeste e insere-se na área de influência do eixo Araguaia-Tocantins, uma vez que sua localização lhe confere maior proximidade relativa aos mercados norte-americano e europeu do que os estados do sudeste brasileiro. Além disso, o Estado ainda possui o porto de Itaqui, situado na baía de São Marcos, no município de São Luís. Este

complexo portuário de São Luís compreende ainda o Terminal de Ponta da Madeira, da Companhia Vale do Rio Doce – CVRD, e o Terminal da ALUMAR (Consórcio Alumínio do Maranhão S.A.). Destacamos dentre as principais cargas movimentadas no Complexo Portuário de São Luís: minério de ferro, bauxita, derivados de petróleo, ferro gusa, manganês, alumina, alumínio, carvão/coque, soja, soda cáustica, fertilizante e trigo. (FERREIRA, 2017).

De acordo com dados do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos – IMESC (2016, apud FERREIRA, 2017), o Maranhão possui R\$ 76.842.028 de PIB, sendo R\$ 7.384.200 referentes à agropecuária, 12.285.257, à indústria e 48.896.873 a serviços (valores agregados a preços correntes), com arrecadação total de impostos no valor de R\$ 8.275.697. Os 20 municípios que apresentam os maiores PIB se caracterizam da seguinte forma:

TABELA 1: Distribuição do PIB dos vinte principais municípios maranhenses

Município	Nº	PIB mil R\$	% do PIB	VA Agropecuária Mil R\$	VA Indústria Mil R\$	VA Serviços Mil R\$	Impostos Mil R\$
São Luís	1	26.326.087	34,26	22.741	5.945.312	15.350.051	5.007.982
Imperatriz	2	5.805.306	7,55	33.911	1.229.149	3.891.990	650.256
Balsas	3	2.918.687	3,80	726.493	278.051	1.641.068	273.075
Açailândia	4	1.841.292	2,40	148.570	478.409	1.031.819	182.494
São José de Ribamar	5	1.610.892	2,10	17.401	232.697	1.222.804	137.990
Caxias	6	1.458.634	1,90	54.873	148.964	1.124.383	130.413
Timon	7	1.440.381	1,87	17.544	206.701	1.102.340	113.797
Bacabal	8	1.066.694	1,39	66.505	84.968	815.018	100.203
Santa Inês	9	1.057.385	1,38	19.989	83.371	841.516	112.509
Codó	10	935.961	1,22	58.837	128.595	671.092	77.437
Santo Antônio dos Lopes	11	830.654	1,08	21.680	532.394	190.328	86.253
Tasso Fragoso	12	800.426	1,04	519.754	61.620	192.189	26.863
Paço do Lumiar	13	719.157	0,94	13.094	92.366	570.920	42.777
Pinheiro	14	672.562	0,88	52.282	32.310	531.659	56.311
Estreito	15	612.341	0,80	37.175	317.426	233.415	24.325
Barra do Corda	16	586.097	0,76	95.100	33.435	429.746	27.816
Chapadinha	17	564.614	0,73	46.268	36.900	445.932	35.515
Grajaú	18	541.313	0,70	93.117	48.265	370.355	29.576
Santa Luzia	19	513.290	0,67	139.149	24.548	330.464	19.130
Itapecuru-Mirim	20	475.756	0,62	39.870	54.921	350.635	30.329

Fonte: IMESC, 2016 (apud FERREIRA, 2017)

Com base nos dados da Tabela 1, observamos que a economia do Maranhão está centrada principalmente no setor de serviços, responsável pela geração da maior parte do PIB do Estado (aproximadamente 63,63%). A indústria vem a seguir, com 15,98%, logo depois segue o setor agropecuário com uma participação de 9,6% na composição do PIB do Estado.

A população do Maranhão é bastante miscigenada, fruto de sua formação. Historicamente, sabemos que os indígenas foram os primeiros habitantes da região e, em seguida, durante o processo de colonização, o Estado foi disputado por franceses, holandeses e portugueses. Além dos índios e colonizadores europeus, o Maranhão também recebeu um grande fluxo de escravos africanos, uma vez que a atividade agropecuária durante os séculos XVII e XIX o elevou a uma das principais regiões produtivas do Brasil. Como assinala Barros (2015, p.38):

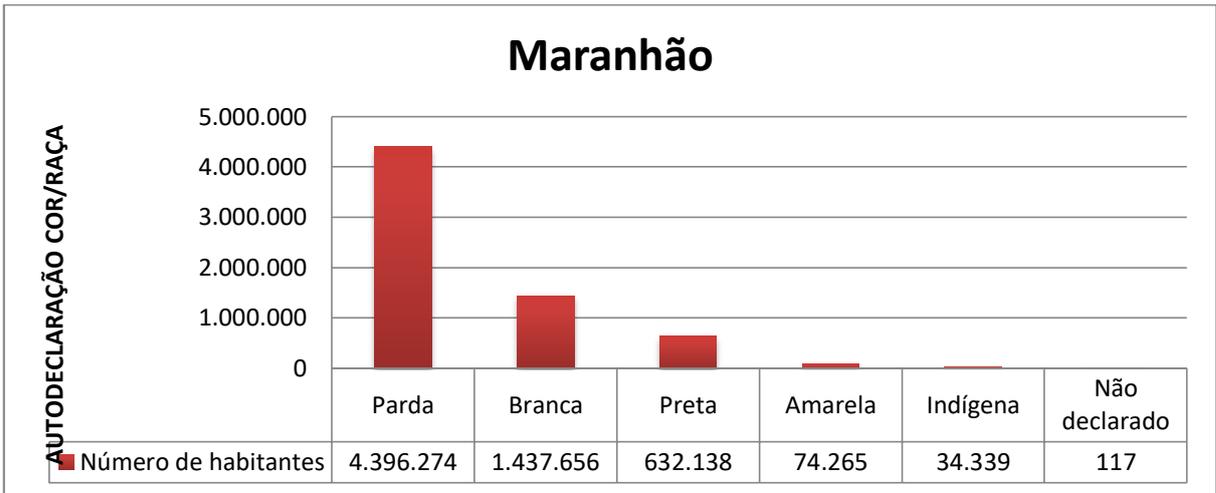
A dois graus ao sul do Equador, na fronteira sociogeográfica entre a Amazônia e o nordeste do Brasil, o Maranhão é atualmente conhecido e propagandeado por ter a única capital brasileira fundada pelos franceses (e que também é Patrimônio Histórico da Humanidade devido ao seu acervo arquitetônico – o mais homogêneo de origem portuguesa nas Américas) e, particularmente, pela riqueza e diversidade de sua cultura e religiosidade popular e negra. Esta diversidade se relaciona ao conjunto múltiplo de povos que formaram essa região e à heterogeneidade das interações entre eles estabelecidas desde o período colonial. Eram diversos os povos nativos que habitavam esse torrão quando da vinda dos primeiros europeus no século XVI. A estrutura social da região foi ainda complexificada com a chegada massiva de africanos a partir do século XVIII, quando o Maranhão, assim como a Bahia, passou a se constituir como uma das áreas mais negras do Brasil e, do mesmo modo que a Amazônia, continuou uma importante região indígena.

Ainda hoje, o Maranhão possui mais de 700 comunidades quilombolas e 7,2%(2.368.790 hectares) da área estadual são de terras indígenas, de acordo com o Macro Zoneamento Ecológico e Econômico do Estado do Maranhão, realizado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (cf. BATISTELLA, M., et al, 2013).

Quanto à autodeclaração de cor/raça¹⁵, entretanto, os dados do IBGE revelaram:

¹⁵ Não desconhecemos as questões que se põem quando se trabalha com a noção de raça. Entretanto, preferimos manter, para efeito de nosso estudo, aqui a nomenclatura utilizada pelo IBGE.

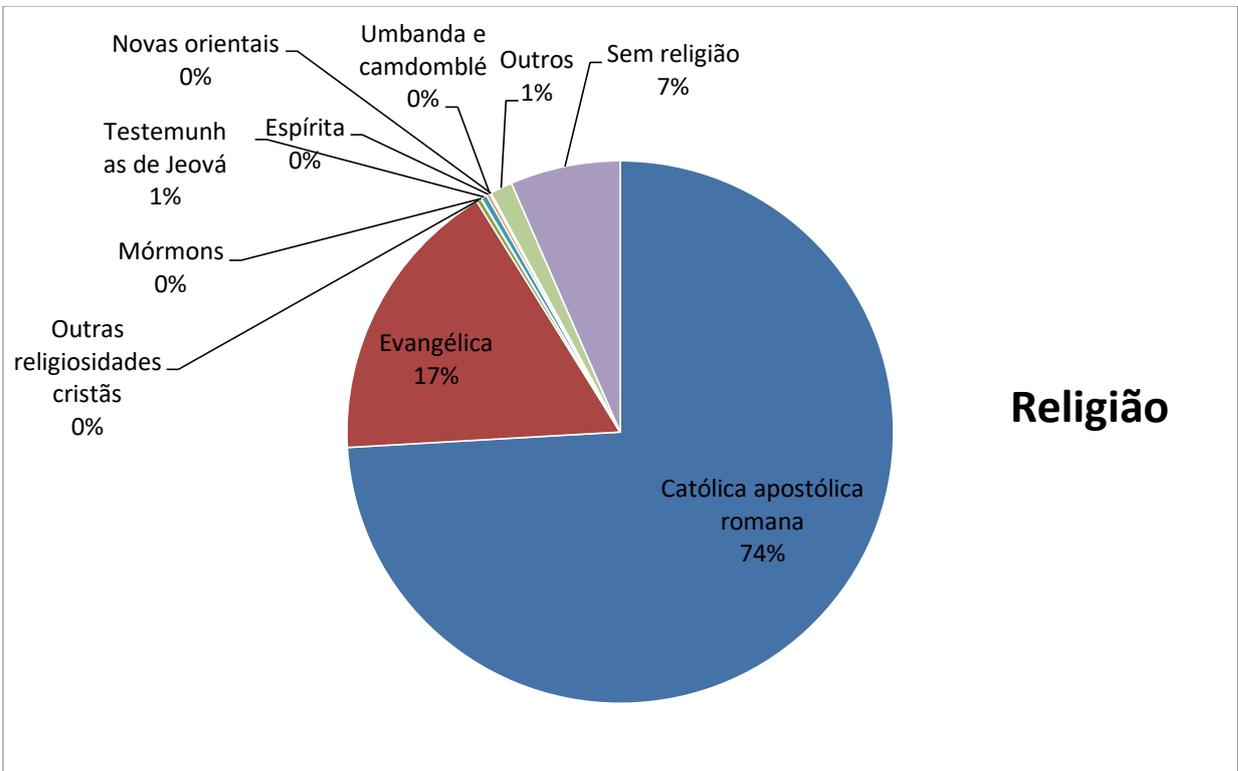
GRÁFICO 2: Maranhão – Autodeclaração da população sobre cor/raça



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do IBGE.

De acordo com o Gráfico 2, mais da metade dos maranhenses se autodeclaram da “raça” parda. No entanto, o número de pessoas autodeclaradas pretas é bem inferior ao de brancos. Um fato que surpreende é o número de pessoas que se autodeclara amarela, superior ao número de indígenas.

GRÁFICO 3: Religiões no Maranhão



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do IBGE.

Observando os dados vemos que o Maranhão é essencialmente cristão, o que se deve principalmente por sua colonização. É necessário destacar que somente 4.369 habitantes do Maranhão indicaram que praticam religiões de matriz africana, o que corresponde a 0,06% do total; e, ainda, apenas 820 dos entrevistados do IBGE apontaram que praticam Tradições indígenas.

Para Santos (2015, p.524),

A Umbanda e o Candomblé, junto com “outras declarações de religiosidades afro-brasileiras” estão muito próximos na comparação entre estado e capital. Os pequenos percentuais não correspondem à sua presença na cultura e nas práticas religiosas sincretizadas.

Barros (2015, p.123) expõe:

[...] no Maranhão também foi intensa a construção negativa das práticas e representações relacionadas aos repertórios sociais identificados com a África ou com os povos nativos, particularmente aqueles nos quais eram realizadas curas [rituais de pajelança]. Desta operação participaram membros de diferentes estratos sociais e posições políticas, de diferentes cores, gêneros e gerações. Parte da imprensa, laica ou religiosa, de direita ou de esquerda, constituiu-se como o canal central através do qual se deu a difusão massiva de estereótipos e preconceitos referentes ao mundo dos encantados e das curas ditas supersticiosas.

Dessa maneira, parece que o maranhense tende a desvanecer a influência indígena e afro-brasileira de sua constituição identitária, na tentativa de embranquecer a cultura, de se parecer mais com o colonizador europeu do que com os nativos que aqui viviam ou com os escravos trazidos à força para esta região. Corroborando este pensamento, Barros (2015, p.72-73) afirma:

Longe de ser algo natural e atávico, a identidade maranhense consiste em um processo identitário e, como tal, passa por modelações, adaptações e transformações [...]

Apesar do propagado discurso da maranhensidade ou do Maranhão Novo, no qual temas, formas e conteúdos populares, eruditos, negros e brancos se fazem presentes, houve e há algo no Maranhão dito Atenas Brasileira e não São Luís desejada francesa (isto é, eurobrasileiros) que detesta e elimina negritudes (culturas e pessoas). Durante muito tempo, no Maranhão Atenas Brasileira se perseguia aberta e oficialmente tudo que lembrasse África e povos nativos. Depois, passou-se a elogiar alguns elementos culturais índio e afrodescendentes. Entretanto, continua-se a não se saber como promover oportunidades iguais para pessoas de todas as cores e classes.

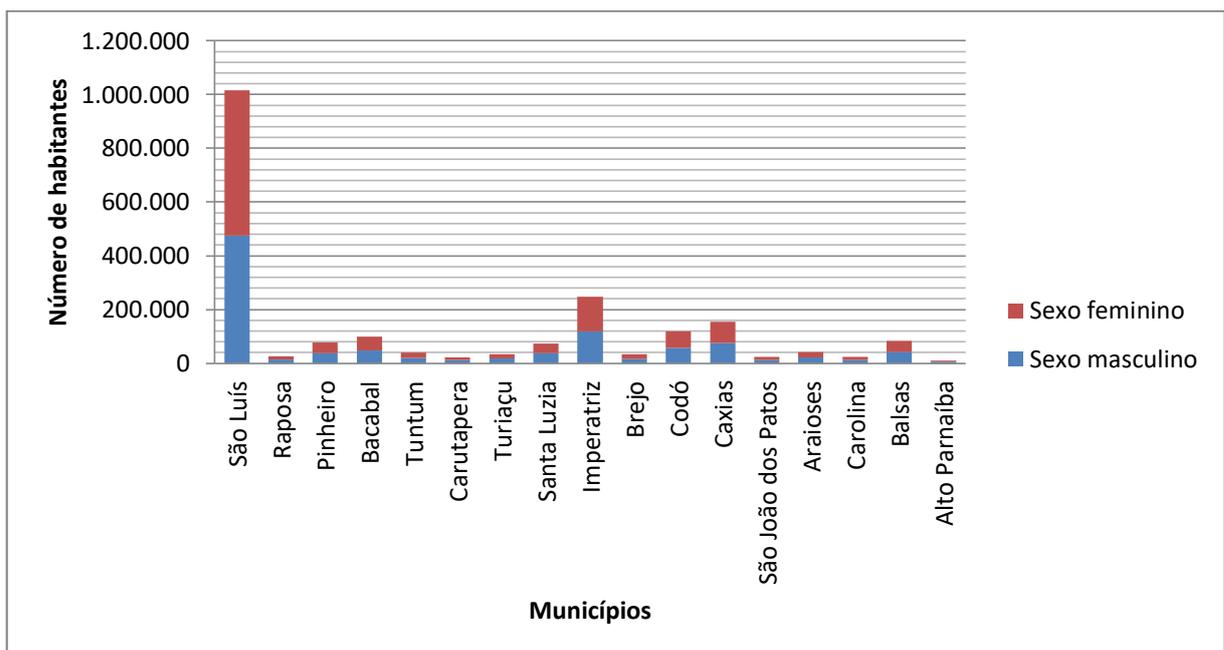
Já Ribamar Caldeira (apud Meireles, 2001) descreve a sociedade maranhense como

[...] uma sociedade[...] pouco atingida pelos processos de transformação aos quais se submeteu a sociedade nacional, no período de 1956/76 [...], uma sociedade isolada, marcada profundamente pela ação de longos mandonismos políticos que foram capazes de imprimir-lhe uma estagnação social política, econômica e cultural.

Como já expusemos antes, a língua que utilizamos reflete aquilo que somos. Esta língua, ou melhor, a observação do uso da língua, nos ajuda a interpretar a comunidade em que vivemos. Assim, esperamos que o estudo do fenômeno da tabuização de unidades lexicais no falar do maranhense retrate o Maranhão como ele é.

Nesse sentido, devemos ainda focar nos municípios alvo da pesquisa (descritos no Quadro 2 deste trabalho). A seguir, apresentamos características socioeconômicas dos referidos municípios de acordo com as mesorregiões a que pertencem¹⁶.

GRÁFICO 4: População dos municípios investigados/Sexo



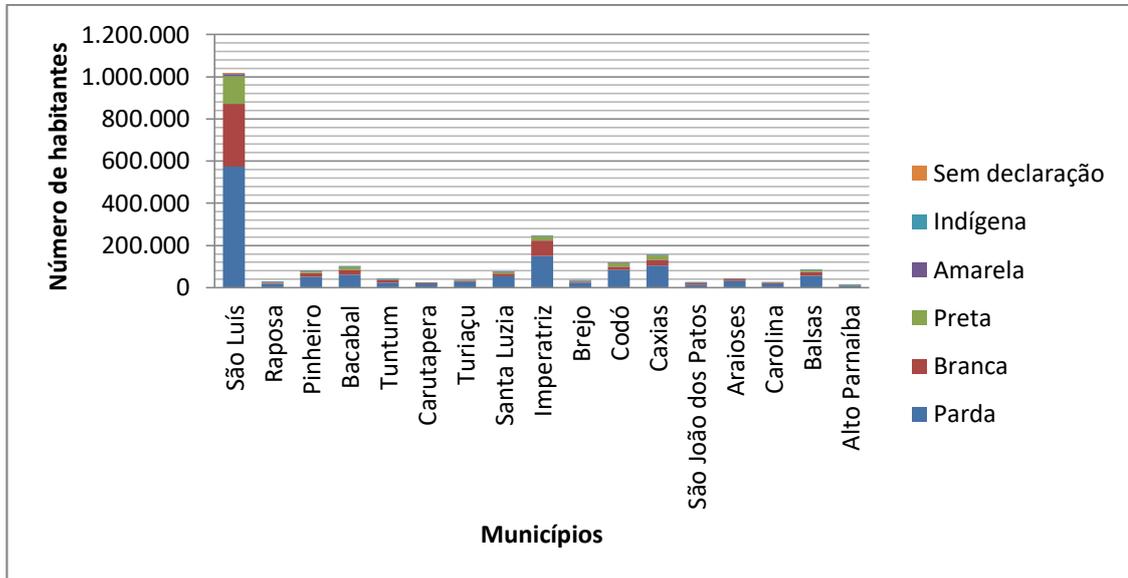
Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do IBGE.

Há claramente uma grande diferença entre o número da população da capital, São Luís, e os outros municípios investigados. Entretanto, há certa equidade no número de indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino: metade dos municípios estudados possui a maioria de sujeitos do sexo feminino, a outra metade, a maioria é de sujeitos do sexo masculino. Dos municípios estudados, nove possuem população

¹⁶ O Apêndice 1 deste trabalho apresenta uma tabela completa com todos os dados aqui apresentados.

abaixo de quarenta mil habitantes, e, além da capital, somente Imperatriz, Codó e Caxias possuem mais de 100.000 habitantes.

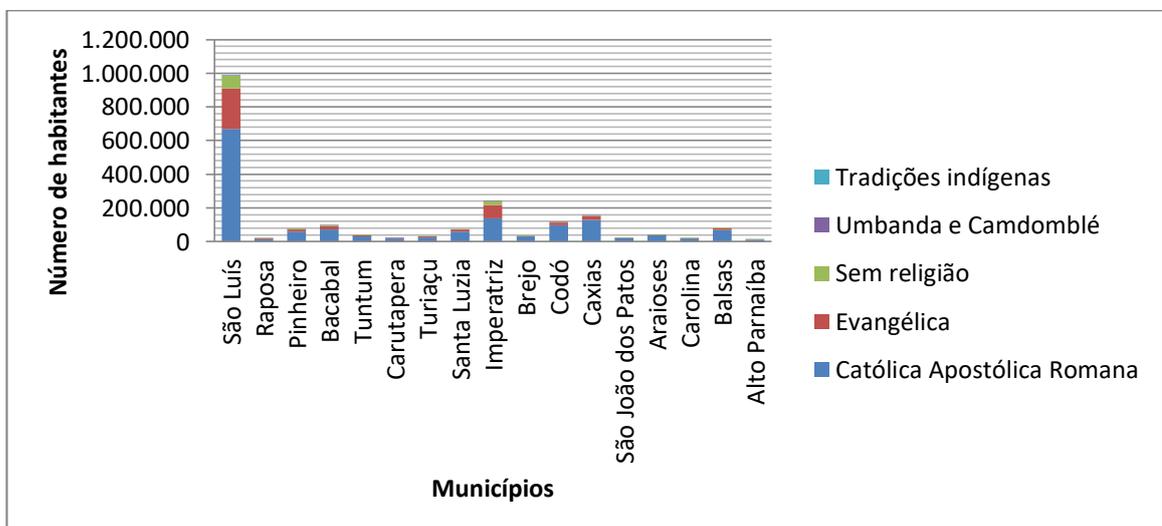
GRÁFICO 5: População dos municípios investigados – Cor/Raça



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do IBGE.

Com base no Gráfico 5, verificamos que a população maranhense, em grande parte, se classifica como *parda*. Entretanto, o número de habitantes que se autodeclara *branco* é superior àquele que se autodeclara *negro*, com exceção do município de Codó, em que o número de negros (16.023 habitantes) é superior ao de brancos (15.169 habitantes). Além disso, dentre os municípios estudados, os habitantes que se declaram *amarelos* superaram o número dos *indígenas*, apesar de o Maranhão possuir uma das maiores populações indígenas do Brasil.

GRÁFICO 6: População dos municípios investigados – Religião



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do IBGE.

Nos municípios investigados, na amostra analisada, os habitantes declararam ser, em sua maioria, pertencentes à *Igreja Católica Apostólica Romana*, provavelmente reflexo dos anos de dominação desta Igreja sobre o país colonizador do Brasil¹⁷. A segunda orientação religiosa mais citada é a *evangélica*, o que revela que a maioria dos maranhenses, nestas localidades, é cristã. Apesar da grande influência africana no Maranhão, somente em São Luís, Bacabal, Carutapera, Imperatriz, Codó e Caxias os informantes declaram ser praticantes de religiões de matriz africana, como *Umbanda e Candomblé*, com destaque para Codó que conta, segundo dados do IBGE, com 650 habitantes praticantes de *Umbanda e Candomblé*, o que corresponde a mais da metade dos habitantes que praticam estas religiões em São Luís (1.166). Além disso, somente nos municípios de São Luís e de Alto Parnaíba houve habitantes que declararam seguir as *Tradições indígenas*, nenhum outro município, apesar de haver presença indígena em muitos deles, declarou seguir esta orientação.

Em síntese, o panorama apresentado sobre o Maranhão revelou que: i) há uma equidade entre o número de habitantes do sexo masculino e do feminino no Estado; ii) muitos dos municípios maranhenses possuem IDH muito baixo em relação aos outros municípios do Brasil; iii) a economia maranhense está ligada principalmente às atividades de serviços, ainda que muitos dos municípios pesquisados tenham o PIB municipal elevado por sua atividade agropecuária, em especial os da região Sul do Maranhão; iv) a maior parte dos maranhenses, nos municípios investigados declarou-se pertencente à cor/raça parda; v) a maioria da população do Maranhão declarou-se cristã, tendo a *Igreja Católica Apostólica Romana* um maior número de fieis, seguida pelas Igrejas denominadas *Evangélicas*.

¹⁷ Dados do IBGE (2010) apontam a presença de outras religiões no Maranhão – como Espiritismo, Budismo, Testemunhas de Jeová. O site da Federação Espírita do Maranhão indica a existência de cerca de 60 centros espíritas no Maranhão (FEMAR, 2010), e, de acordo com o IBGE(2010), há aproximadamente 12.000 espíritas no Estado. Temos ainda que somente no município de Codó - MA há 300 terreiros de Umbanda e Candomblé (cf. CARVALHO, 2013). Entretanto, nenhum de nossos informantes se autodeclarou praticante destas religiões, fato resultante, possivelmente de um preconceito social em relação a religiões distintas da tradição cristã, trazida para cá pelo colonizador europeu.

CAPÍTULO 3 – O TABU LINGUÍSTICO RELIGIOSO NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO

Se é verdade que a religião é uma instituição, essa instituição, no entanto, não está nitidamente separada das outras, nem fora delas. Somente é possível conceber claramente, ou seja, denominar a religião, a partir do momento em que é delimitada, ou quando ela tem um domínio distinto, quando se sabe o que lhe pertence e o que lhe é estranho.
(BENVENISTE, 1995, p. 268)

Neste capítulo, analisamos o *corpus* base para a dissertação, construído a partir das respostas fornecidas para as perguntas que compõem a área semântica “Religiões e crenças” do Questionário Semântico-Lexical (QSL) integrante dos Questionários ALiMA. As unidades lexicais documentadas revelam uma parte do vocabulário relativo ao universo religioso da língua portuguesa falada no Maranhão, do qual enfocamos os mais representativos para o fenômeno do tabu linguístico. Nosso *corpus* base para este trabalho permite observar tanto os aspectos internos da língua quanto a visão de mundo dos falantes maranhenses e a realidade sociocultural subjacente às manifestações linguísticas desta comunidade. Assim, apresentamos neste capítulo os dados encontrados e sua análise com base em 60 inquiridos, como detalhado em na metodologia.

Antes de passar aos dados propriamente ditos, apresentamos algumas considerações pertinentes à análise, tais como: quais perguntas do campo semântico *Religião e Crenças* não foram profícuas e como a postura do inquiridor pode afetar a resposta do informante. Posteriormente, apresentamos, por Mesorregião, os dados sobre o fenômeno da tabuização de unidades lexicais no português falado no Maranhão (ocorrências e análise).

3.1. Religião e crenças e o português falado no Maranhão: algumas considerações

A espiritualidade é inerente ao ser humano, de tal forma que podemos observar a partir da expressão linguística de uma pessoa uma relação íntima entre as palavras e seu conteúdo espiritual, fruto da cultura de sua comunidade. Podemos afirmar então que as questões espirituais/religiosas permeiam a vida cotidiana e fornecem elementos para a construção de identidades, de memórias coletivas, que não

necessariamente se restringem ao domínio de igrejas organizadas e institucionalizadas.

Podemos assumir, então, o fenômeno religioso como o sistema de crenças e valores compartilhados por uma comunidade que, de forma quase consciente, influencia o modo de percepção e experimentação do mundo social/cultural, apreendendo assim os valores culturais religiosos moldados pelo seu sistema coletivo de crenças.

Para esta dissertação, é importante observar a forte influência cristã na formação do Brasil, uma vez que a visão do brasileiro sobre o sagrado e o profano, sobre o bem e o mal exerce influência na constituição do repertório lexical dos sujeitos.

Para Andrade (2009, p.108):

[...] o brasileiro é marcadamente religioso e isso se reflete em sua vida cotidiana, na capacidade de expressão de múltiplas formas de fé religiosa, de modo que suas condutas e crenças religiosas constituem parte fundamental do *ethos* da cultura brasileira.

Cascudo (2001, p.3) aponta que o brasileiro não abandona suas crenças remotas e atribui a ele uma “dupla nacionalidade espiritual” e afirma que para o brasileiro é “Fácil é saber no que acredita e bem difícil precisar no que não crê. Essa coexistência explica a plasticidade sentimental brasileira, disponível às tentações do Recentismo sem íntimo abandono às crenças da tradição sem idade”.

É importante observar que

[...] a mescla e o entrelaçamento entre crenças dos sistemas religiosos de tradições distintas (católica, judaica, reformada, pagã, indígena e africana), ao longo dos cinco séculos no Brasil produziram diversos arranjos de experiências sincréticas que se mantêm como característica do comportamento religioso brasileiro. Tal comportamento tomado individualmente e historicamente seria facilitado por uma política da igreja católica de transigência em relação a esses fluxos, dada às dificuldades enfrentadas no processo de catequese. (ANDRADE, 2009, p.109)

Ao longo de sua história, o Brasil foi lugar de contato de várias religiões, entretanto houve períodos em que se observou uma maior racionalização da fé e em outros em que houve uma dimensão mais emocional da fé, movimentos que se deram de modo pendular:

Se a fase da implantação da catequese requeria uma dose de racionalização, a fase seguinte com a assimilação do barroco trouxe uma fase de expressão emocional e teatral da fé, combatida depois com uma nova onda de racionalização do espírito anticlerical e antirreligioso, que favoreceu a secularização e o pluralismo religioso. (ANDRADE, 2009, p. 110)

Se considerarmos que a formação da língua portuguesa está ligada a fatos históricos, políticos, sociais, linguísticos e religiosos, há na formação da língua portuguesa falada no Maranhão uma grande influência do Cristianismo, já que a constituição deste Estado, assim como a do Brasil, sempre esteve ligada a fatos cristãos. De certa forma, podemos afirmar que a própria língua portuguesa já nasceu cristã.

3.2 Sobre a produtividade das questões

Notamos que algumas perguntas apresentaram um alto índice de produtividade, outras, no entanto merecem observações sobre sua formulação, uma vez que, durante as etapas de levantamento dos dados e validação das respostas, encontraram-se lexias que apontam para possíveis influências da formulação da pergunta nas respostas fornecidas pelos informantes.

Observemos o índice de produtividade das questões do campo semântico “Religiões e crenças”:

QUADRO 5: Produtividade das questões do campo semântico “Religiões e crenças”

QSL	PERGUNTA	LEMA POSSÍVEL ¹⁸	PRODUTIVIDADE Respostas/Informantes
159	Deus está no céu e no inferno está _____.	DIABO	59/60
160	O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?	FANTASMA	59/60
161	O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?	FEITIÇO	52/60
162	... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?	AMULETO	35/60
163	... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?	BEZENDEIRA	58/60
164	... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?	CURANDEIRA	47/60
165	... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?	MEDALHA	56/60
166	No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?	PRESÉPIO	26/60
167	De uma pessoa que está com pouca sorte, se diz ela está _____.	COM CAÉ	57/60

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁸ A ideia de *lema possível* está baseada na existência de traços sêmicos presentes na definição contida na questão apresentada ao informante.

Observamos que no campo semântico investigado, Religião e crenças, a questão 166 (presépio) foi a menos produtiva, sendo declarado várias vezes o desconhecimento do falante sobre essa tradição católica. Outra pergunta com baixa produtividade foi a 162 (amuleto), cuja resposta era relacionada ou com um objeto de devoção católica (rosário) ou com um objeto associado a religiões de matriz africana. Além disso, muitos informantes não demonstraram observar a distinção entre a pergunta 162 e a pergunta 165 (medalha).

Apesar da grande produtividade da questão 167 (*com caê*), a maior parte das respostas foi formulada a partir da própria pergunta, fato que implicou não se atingir o lema possível para questão. É possível, então, que tenha havido um problema na formulação da questão.

Já na pergunta 161 (*feitiço*), cujo lema se refere a elementos da religião de matriz africana, observamos que, quando em sua formulação se faz presente o traço sêmico “prejudicar alguém”, o informante associa o lema da questão com matiz negativo. No entanto, notamos que nem sempre o inquiridor apresentava tal traço durante a realização dos inquéritos¹⁹.

A pergunta 160 (fantasma), relacionada com o repertório de crenças e superstições do folclore brasileiro não apresentou problemas para obtenção das respostas. Como é uma unidade lexical não pertencente a uma esfera religiosa específica, não se apresentou produtiva no âmbito do tabu linguístico religioso, fenômeno foco desta pesquisa.

Acreditamos que a produtividade das questões 159 (*diabo*), 161 (*feitiço*), 163 (*curandeiro*) e 164 (*benzedeiro*) esteja relacionada diretamente com o fenômeno do tabu linguístico. Desta forma, nossa análise mais detalhada concentrou-se nas respostas dadas pelos informantes a estas questões, relacionando-as às variáveis já indicadas em nossa metodologia (localidade, sexo, idade, escolaridade e orientação religiosa).

¹⁹ Nos primeiros inquéritos foi mantida a formulação original da pergunta 161 (QSL/ALiMA). Após verificar que o traço “para prejudicar alguém” poderia interferir na resposta dada pelo informante, os inquiridores do ALiMA eliminaram esse traço ao formular a pergunta durante os inquéritos.

3.3 Tabu linguístico no português do Maranhão: “Coisa ruim”, “Macumba”, “Amuleto”, “Rezadêra” e Curador”

Apresentamos nesta seção a análise de dados referentes às questões 159 (*diabo*), 161 (*feitiço*), 163 (*curandeiro*) e 164 (*benzedeiro*). É importante frisar que foram elaboradas, para cada item investigado, tabelas e gráficos retratando o percentual de frequência calculado a partir do número total de ocorrências válidas – quantidade de vezes em que a lexia foi mencionada pelos falantes – e a frequência calculada com base na distribuição diatópica – presença das lexias nas catorze localidades investigadas que compõem a rede de pontos do Projeto ALiMA. Optamos por não registrar separadamente as unidades lexicais de ocorrência única para o cálculo dos percentuais de frequência, tais unidades lexicais foram agrupadas sob a categoria outras denominações.

Nosso propósito está voltado apenas para a variação lexical, assim não consideramos como critérios para o agrupamento das variantes, fatores de natureza fônica (iotização/não iotização; ditongação/não ditongação, etc) e de natureza morfossintática (flexão de gênero, número ou derivação por grau). Para os casos de derivação por prefixação/sufixação, assim como de acréscimo de traços sêmicos qualificadores à forma base (lexias compostas), as lexias foram simplificadas e agrupadas em torno do morfema lexical básico, figurando, entre parênteses, as derivações documentadas.

Nossa análise, em alguns momentos, além dos fatores sociais observados (localidade, idade, sexo, orientação religiosa dos informantes) observou as trilhas históricas e culturais maranhenses, quando se mostraram relevantes para melhor visualização e interpretação do contexto linguístico e extralinguístico motivador de nosso estudo.

3.3.1 Os nomes do “coisa ruim”: a tabuização de *diabo*

O ente *diabo* chega com o advento das religiões judaico-cristãs que seguem o modelo dualista típico das religiões monoteístas ocidentais. Representando o Mal, o diabo é, então, visto como o antagonista de Deus, que, por seu turno, representa o Bem. Os escritos sagrados das religiões judaico-cristãs contam que o diabo era originalmente um anjo era responsável pela guarda dos céus que desafia a Deus,

iniciando uma rebelião angelical, e terminando por ser expulso do Céu, quando então é enviado à Terra, passando a reinar no Inferno.

Russell (1986, p.26) define o diabo como:

[...] a personificação do princípio do mal. Algumas religiões o consideram como ente independente do bom Deus, e outras, como Sua criação. De qualquer maneira, o Diabo não é apenas um demônio, um espírito mesquinho e limitado, mas a personificação da força do Mal, que gosta do Mal e o dirige.²⁰

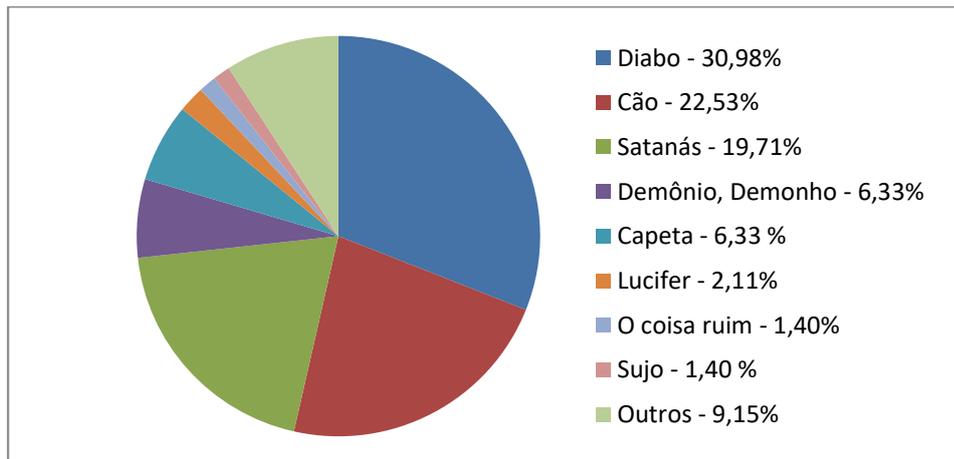
Magalhães e Brandão (2012, p.278) apontam: “Uma coisa é certa: o cristianismo é o principal responsável pela força do Diabo no mundo, pois é justamente nele que as representações e projeções do Diabo encontrarão um singular avanço na cultura e na civilização”. Desta maneira, pela força da tradição cristã, sendo o Brasil colonizado por uma nação que adotou a Igreja Católica Apostólica Romana como oficial, podemos afirmar que a imagem de diabo que temos é norteadada pelo cristianismo.

No estudo do tabu linguístico, temos que, dentre os tabus religiosos existentes, uma importante representante é a unidade lexical *diabo*, que se manifesta “(...) em uma grande quantidade de formas, fundadas no afã de se esquivar desse nome” (RODRÍGUEZ, G., 1987, p. 58).

No *corpus*, verificamos um número significativo de unidades lexicais para designar o referente da pergunta “Deus está no céu, no inferno está...” (QSL/ALiMA 159). A resposta com maior índice de ocorrência entre os informantes foi a forma *diabo*, que se revelou de uso geral, representando 30,78% do total de ocorrências válidas, como verificamos no Gráfico 7.

²⁰ Tradução livre de ““El Diablo es la personificación del principio del mal. Algunas religiones lo han considerado independiente del buen Dios, y otras, como creación suya. De cualquier manera, el Diablo no sólo es un demonio, un espíritu mezquino y limitado, sino la personificación sensible de la fuerza del mal, que quiere el mal y lo dirige.” (RUSSELL, 1986, p.26)

GRÁFICO 7: Ocorrência da questão 159 (QSL/ALiMA)



Fonte: Elaborado pela autora

Diatopicamente, verificamos que diabo ocorreu em todas as localidades pesquisadas, sendo a unidade lexical utilizada por pelo menos um dos informantes. Os quadros a seguir apresentam as unidades lexicais encontradas por Mesorregião.

O Quadro 6 contempla os correspondentes a Mesorregião Norte Maranhense.

QUADRO 6: 159 - Lexias registradas na Mesorregião Norte Maranhense: São Luís e Pinheiro

INF	MESORREGIÃO: Norte	
	MICRORREGIÃO: Aglomeração Urbana de São Luís	MICRORREGIÃO: Baixada Maranhense
	MUNICÍPIO: São Luís (MA01)	MUNICÍPIO: Pinheiro (MA03)
1	A peste... Tem...os nomes que se dá que presse esse maldito (riso baixo). Demônho (baixa o volume da voz)	Diabo/ Satanás / Cão costoso
2	O Diabo (rápido)/ Lucifé? /Satanás? Só que eu sei (diz baixinho)	Diabo/ Cão
3	(silêncio)/(pausa longa) Olha, professora, uns dizem que o inferno é aqui na terra, né? Eu num sei aí...(risos)/ <u>hum</u> ...Diabo./Satanás./Não (diz baixinho)	No inferno?/No inferno está as pessoa que, às veze, não obedece a Deus, né? Os ahmadiçoados/ Esse, aí, eu num sei.
4	O diabo/ Capeta, Satanás. (Diz rápido)	Eh, Deus está no céu e no inferno está o Diabo (risos)./Eh, usa satanais, usa capeta, eh... eh... chamam... quando não querem chamar esses nome feio assim, Diabo, satanás, capeta, chamam suju./ (Risos)
5	ah, o diabo. Lúcifer, Satanás, Satã.	
6	O diabo (fala baixo) / Capeta. Capiroto.	
7	ah, tá... o demônio./ O diabo, o Lúcifer, Satanás	
8	hum.../ O demônho. Sei lá, o diabo nego, tem uns que diz esse termo que acho horroroso mas, enfim, demonho acho que ainda dá pra ouvir um pouquinho. Diabo e satanás, ai que horror. (riso) Tem algumas religiões que você pega algumas coisas pra ler e aí fala, aqui e ali fala... não não não, eu não quero nem continuar lendo isso aí não.	

Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos perceber, a figura do diabo está presente no imaginário de toda uma sociedade por meio da estrutura religiosa secular que domina a civilização – principalmente a Ocidental – e *doma* seu horizonte cultural, interferindo diretamente nos comportamentos, nos pensamentos e, conseqüentemente, na língua(gem) das pessoas.

Em São Luís, observamos que a lexia *diabo* foi usada por quase todos os informantes, aparecendo sempre como primeira ou segunda opção de resposta. Os falantes com maior nível de escolaridade apresentaram mais variações em suas respostas. Verificamos, também, que os informantes da faixa etária II tabuizaram mais que os da faixa I, tendo a informante MA1/8 relatado seu desconforto em pronunciar tais palavras, pois são “termos horrorosos”. Já no município de Pinheiro, observamos que os informantes da segunda faixa etária tabuizam mais a lexia *diabo* do que os da primeira faixa etária. O informante MA3/3 foi quem mais tabuizou a lexia, apresentando como substituto do nome *diabo* o adjetivo “ahmaldiçoados”.

Contrapondo-se à Mesorregião Norte, na Oeste Maranhense observamos que a lexia *diabo* foi menos recorrente, principalmente em Imperatriz, onde só registramos duas ocorrências, sendo uma delas como segunda resposta, como mostra o Quadro 7 a seguir.

QUADRO 7: 159 - Lexias registradas na Mesorregião Oeste Maranhense: Turiaçu e Imperatriz

INF	MESORREGIÃO: OESTE MARANHENSE	
	MICRORREGIÃO: Gurupi	MICRORREGIÃO: Imperatriz
	MUNICÍPIO: Turiaçu (MA4)	MUNICÍPIO: Imperatriz (MA7)
1	INF. – O diabo. INQ. – Tem outro nome? INF. – Não. INQ. – Só esse? INF. – É.	INF. – Capeta, o diabo. INQ. – Tu lembra de mais algum nome? INF. – Tem, chama eh... o bicho ruim é de, de sataná, os bicho aí, e taca pá frente.
2	INF. – djabu / cão / capêta / útchiu	INF. – Cão, Capeta.
3	INF. – Satanás, diabu	INF. – O satanáis INQ. – Tem algum outro nome que as pessoas usam aqui em Imperatriz para sataná? INF. – Não... satanais, o cão... essas coisas.
4	INF. – diabu, cão, demonhu, capeta	INF. – Diabo INQ. – Tem outro nome? INF. – Tem, sataná, é o cão, o sujo assim que (inint.) fala. Sujo velho, pra não chamar pelo nome maldito.

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados do Quadro 7 revelam, ainda, que os informantes do município de Turiçu utilizam mais a lexia *diabo*, tanto como primeira resposta quanto como segunda resposta. Já dentre os informantes de Imperatriz, somente a informante MA7/4 utiliza tal lexia como primeira resposta, todos os demais a evitam, usando adjetivos – *sujo velho, maldito* – como estratégia de fuga da palavra-tabu.

Apesar de as variáveis sexo e idade, nessas localidades, não parecerem ser relevantes para a tabuização, a variável naturalidade demonstrou relevância. Tal fato talvez tenha se dado porque tais localidades estão situadas em dois extremos dentro desta Mesorregião, apresentando características socioculturais bastante diversas (cf. Capítulo 2). A variável orientação religiosa não se apresenta como relevante em Turiçu, já que tanto informantes que se dizem católicos quanto aqueles que se declararam evangélicos apresentaram escolhas lexicais semelhantes. Entretanto, em Imperatriz o informante MA7/3, que se declara membro da Igreja Internacional da Graça de Deus, não utilizou nenhuma vez a lexia *diabo*.

O uso da lexia *diabo* como primeira e segunda ocorrência na Mesorregião Leste se assemelha ao da Mesorregião Centro Maranhense como apresenta o Quadro 8.

QUADRO 8: 159 -Lexias registradas na Mesorregião Centro Maranhense: Bacabal e Tuntum.

INF	MESORREGIÃO: CENTRO	
	MICRORREGIÃO: Médio Mearim	MICRORREGIÃO: Alto Mearim e Grajaú
	MUNICÍPIO: Bacabal (MA16)	MUNICÍPIO: Tuntum (MA18)
1	O diabo /O diabo é o coisa ruim/ o diabo é o saliente	Cão/ Demônio.
2	O cão, o diabo	Cão/ O diabo, capeta (riso).
3	Dis'que o cão/Chamo satanáis, dêmonho	O diabo /O cão (risos)
4	Satanás/ <u>Cão</u> , pehte, miséria. (rindo) É esses nomes que eles usam./É cão, (peste), miséria/Só esses	Satanás/ Diabo (baixa o volume da voz)... Chamo...

Fonte: Elaborado pela autora

Dos informantes da mesorregião Centro Maranhense, 58,34% evitaram a lexia *diabo* como primeira resposta. Os informantes da faixa etária I foram os que mais a evitaram. A utilização da lexia *cão* para nomear o diabo mostrou-se mais profícua nesta Mesorregião. No entanto, as variáveis sexo e orientação religiosa, nestas localidades, pareceram não ser relevantes para a tabuização.

Considerando o número de pontos linguísticos da Mesorregião Leste, decidimos apresentar os dados em dois quadros, tendo como critério para divisão a proximidade entre as localidades.

QUADRO 9: 159 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense: Brejo, Araiões e Codó

INF	MESORREGIÃO: LESTE MARANHENSE		
	MICRORREGIÃO: Chapadinha	MICRORREGIÃO: Baixo Parnaíba Maranhense	MICRORREGIÃO: Codó
	MUNICÍPIO: Brejo (MA13)	MUNICÍPIO: Araiões (MA14)	MUNICÍPIO: Codó (MA17)
1	INF. – O cão, o diabo, a mula, satanás.	INF. – o cão / cão, diabo	O satanás (baixa o volume da voz)/Cão. (pausa) Diabo, tem vários nomes aí...
2	INF. – O diabo, demônio.	INF. – O cão. INQ. – E o que mais? INF. – Diabo INQ. – Que mais? INF. – Demônio e o satanás	O diabo/ Satanás (diz rápido)/ O cão.
3	INF. – Demonho.	INF. – O cão.(risos) INQ. – tem outro nome usam? INF. – diabo. INQ. – O que mais que as pessoas dizem? INF. – uhn.(risos) INQ. – Que o senhor ainda lembra? INF. – (risos)	O diabo ou Satanás./ Coisa ruim.
4	INF. – O cão. / É o diabu.	INF. – O cão. INQ. – Tem algum outro nome que as pessoas usam, aqui, em Araiões <u>além de cão?</u> INF. – <u>Acho que não</u>	O diabo (baixa o volume da voz)/ Satanás (fala baixo e rápido)

Fonte: Elaborado pela autora

Na Mesorregião Leste Maranhense, as variáveis sexo e idade parecem interferir na escolha das lexias utilizadas. As mulheres entrevistadas, em grande parte as pertencentes à faixa etária II, tabuizaram mais a lexia diabo. A unidade lexical *cão/o cão* foi a primeira resposta para metade dos informantes da região. A mudança no tom de voz foi a estratégia utilizada por 10 dos 20 informantes da região.

QUADRO 10: 159- Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense: Caxias e São João dos Patos

INF	MESORREGIÃO: LESTE MARANHENSE	
	MICRORREGIÃO: Chapadas do Alto Itapecuru	MICRORREGIÃO: Caxias
	MUNICÍPIO: São João dos Patos(MA11)	MUNICÍPIO: Caxias (MA12)
1	<p>INF. – O diabo. / Santaná, o pessoal fala (inint), aqui o pessoal fala...mas pra se usar mesmo o pessoal tem aquele nome véi feio.</p> <p>INQ. – Qual é?</p> <p>INF. – Aquele nome da besta fera. Aqui tem muito...</p> <p>INQ.- fala-se muito essa palavra?</p> <p>INF. – Um rum.</p>	<p>INF. – O capeta. / Cão (riso baixo)</p>
2	<p>INF. – Cão, diabo. (fala rápido)</p> <p>INQ. – Cão, diabo. Tem mais outro nome por aqui que vocês usam?</p> <p>INF. – Não.</p>	<p>IINF. –.(pausa) o diabo (diz baixinho), o cão.</p> <p>INQ. – Tem mais algum nome que dizem aqui em Caxias?</p> <p>INF. – É mais diabo.</p> <p>INQ. – O que usa mais é diabo...</p>
3	<p>INF. – É, é, é essa daí é um pouco misturada porque as vezes nera pra falar aquilo, mas a gente tá assim convesano e pertubano a gente e a gente diz assim vai pro inferno (muda o tom de voz). Que nem merecia aquilo não , mais... como a gente é home, é ser humano a gente diz: hai pro inferno, e aqueles nome desagradável.</p> <p>INQ. – E quem as pessoas costumam dizer que tá no inferno?</p> <p>INF. – (pausa) Olha, aqui pra noi ,esse não fala exatamente assim mas dá pra entender... o crente, o crente, a gente não acompanha ele mas tá no mal caminho e te dá... e porque não tá acompanhando a deus, tá no inferno, vai pro inferno, acompanhando o outro. Ou se você assim dá uma topada, você diz assim: ô diabo, vai pro inferno! (muda o tom de voz) porque bateu no meu dedo, no meu sapato (inint).</p> <p>INQ. – E pra esse nome diabo, as pessoas usam outro nome aqui ou só esse?</p> <p>INF. – Diabo, cão, vai pro inferno, pra baixa da égua, até tem lugar assim que por nome baixa da égua que é pertinho e o cara diz assim: não fulano vou daqui a pouco que é pertinho (risos).</p>	<p>INF. – O diabo (diz rápido) / Cão, diabo, sataná.</p>
4	<p>INF. – o diabo (muda o tom da voz)/ o inimigo, a gente diz monte de nome.</p>	<p>INQ. – E a gente diz assim: Deus está no céu e no inferno está _____.</p> <p>INF. – Como?</p> <p>INQ. – se diz assim: Deus está no céu e no inferno está...</p> <p>INF. –.(silêncio)</p> <p>INQ. – quem é que se diz que tá no inferno?</p> <p>INF. –. cão (diz baixinho)</p> <p>INQ. – Tem outro nome que as pessoas dizem aqui?</p> <p>INF. –.Só quando a gente diz assim: “vai pro inferno”... essas coisas assim...</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Mesmo a lexia *diabo* tendo ocorrido frequentemente como primeira resposta, nestes dois pontos linguísticos, esta ocorrência se deu, em geral, associada a

mudança no volume da voz, uma estratégia característica do desconforto do falante em relação à palavra tabu. A lexia *cão*, como também ocorreu nas Mesorregiões Oeste e Centro Maranhense, foi recorrente. Em São João dos Patos, o informante MA11/3 utilizou o circunlóquio para evitar a lexia *diabo*, o que demonstra claramente sua tentativa de fuga frente do lhe parece ser interdito.

QUADRO 11: 159 - Lexias registradas na Mesorregião Sul Maranhense: Carolina, Balsas e Alto Parnaíba

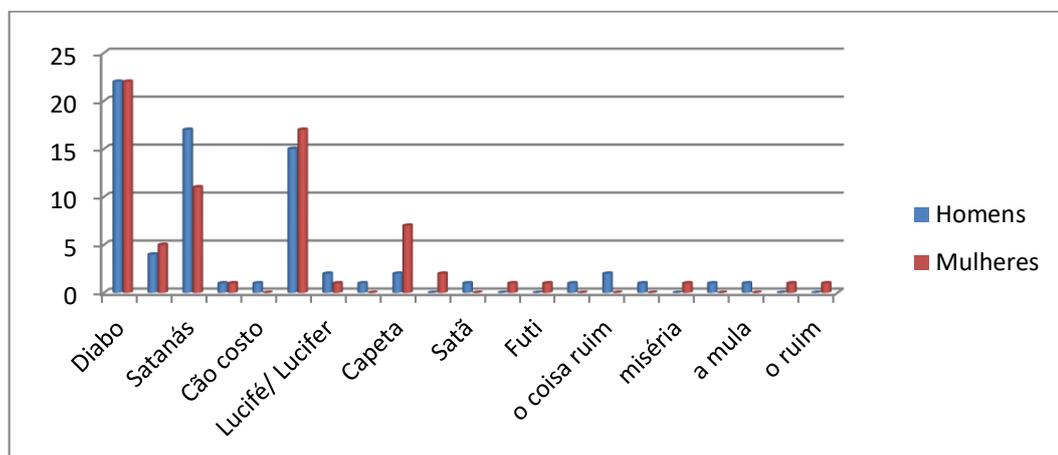
INF	MESORREGIÃO: SUL		
	MICRORREGIÃO: Porto Franco	MICRORREGIÃO: Gerais de Balsas	
	MUNICÍPIO: Carolina (MA08)	MUNICÍPIO: Balsas (MA09)	MUNICÍPIO: Alto Parnaíba (MA10)
1	O diabo /Cão, diabo, satanás	Diabo/ Cão	Satanás
2	O diabo (risos).	Diabo/ Cão/ Inferno	Satanás/ Diabo
3	(pausa longa)/O diabo	Diabo/ O cão, o pessoal chama...assim satanás	Satanás/ Cão
4	Demônhu/Tem, mas a gente num gosta de chamá (risos)/Tem muitos nomes que chama ele: capeta, num sei quê, né? Tem muito nome.	Aquela palavra ruim, o ruim	No inferno está alguém... aquelas pessoas bem ruim./ Diz que é os cão, satanás.

Fonte: Elaborado pela autora

Na Mesorregião Sul Maranhense, destacamos a forte tabuização da lexia no município de Alto Parnaíba: apenas a informante MA10/2 utilizou a lexia *diabo*. Nos outros dois municípios da região, foram as informantes da segunda faixa etária que mais tabuizaram. A utilização de *diabo* como primeira resposta foi alta nos municípios de Carolina e Balsas, entre os informantes da primeira faixa etária e entre os informantes do sexo masculino.

Apresentamos a seguir gráficos de ocorrências relacionadas com as variáveis sexo, faixa etária e estratégias dos falantes para a não utilização da lexia tabu.

GRÁFICO 8: 159 - Utilização de lexias X variável sexo

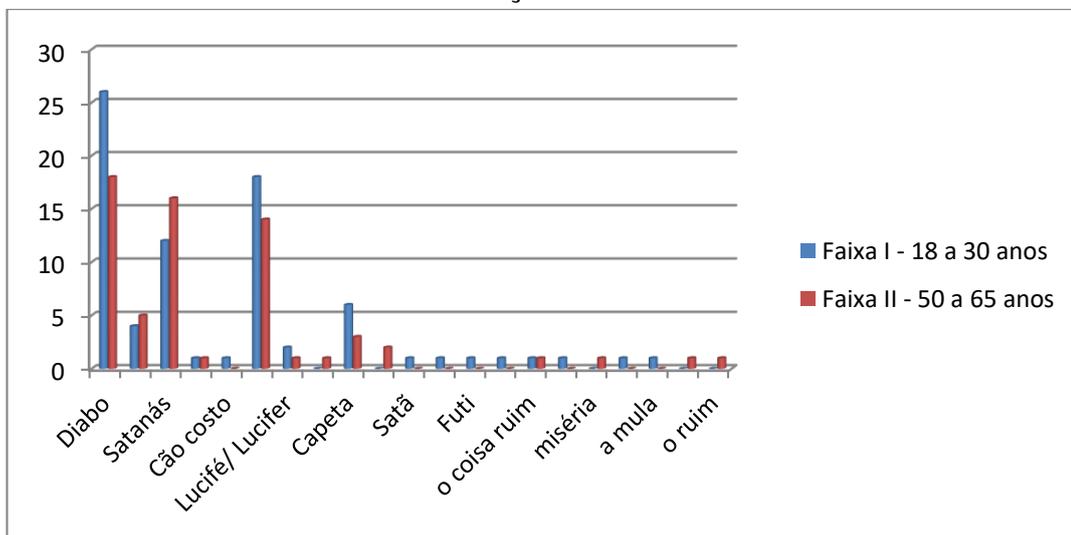


Fonte: Elaborado pela autora

Como o Gráfico 8 demonstra, a lexia *diabo* é a mais frequente seguida pelas lexias *cão/o cão* e *satanás*. A escolha de *cão* e *capeta*, entretanto, é mais recorrente entre as mulheres, enquanto que *satanás* e *demônio/demonho* é mais frequente na fala dos homens. A variação denominativa foi maior entre as mulheres do que entre os homens.

No Gráfico 9, estabelecemos uma relação entre tabuização e idade. Notamos que as lexias *diabo*, *cão* e *satanás* foram, respectivamente, as mais frequentes entre a faixa etária I. Esta ordem, contudo, se inverte na faixa etária II. Observamos, ainda, que a variação denominativa é maior entre a primeira faixa etária do que na segunda.

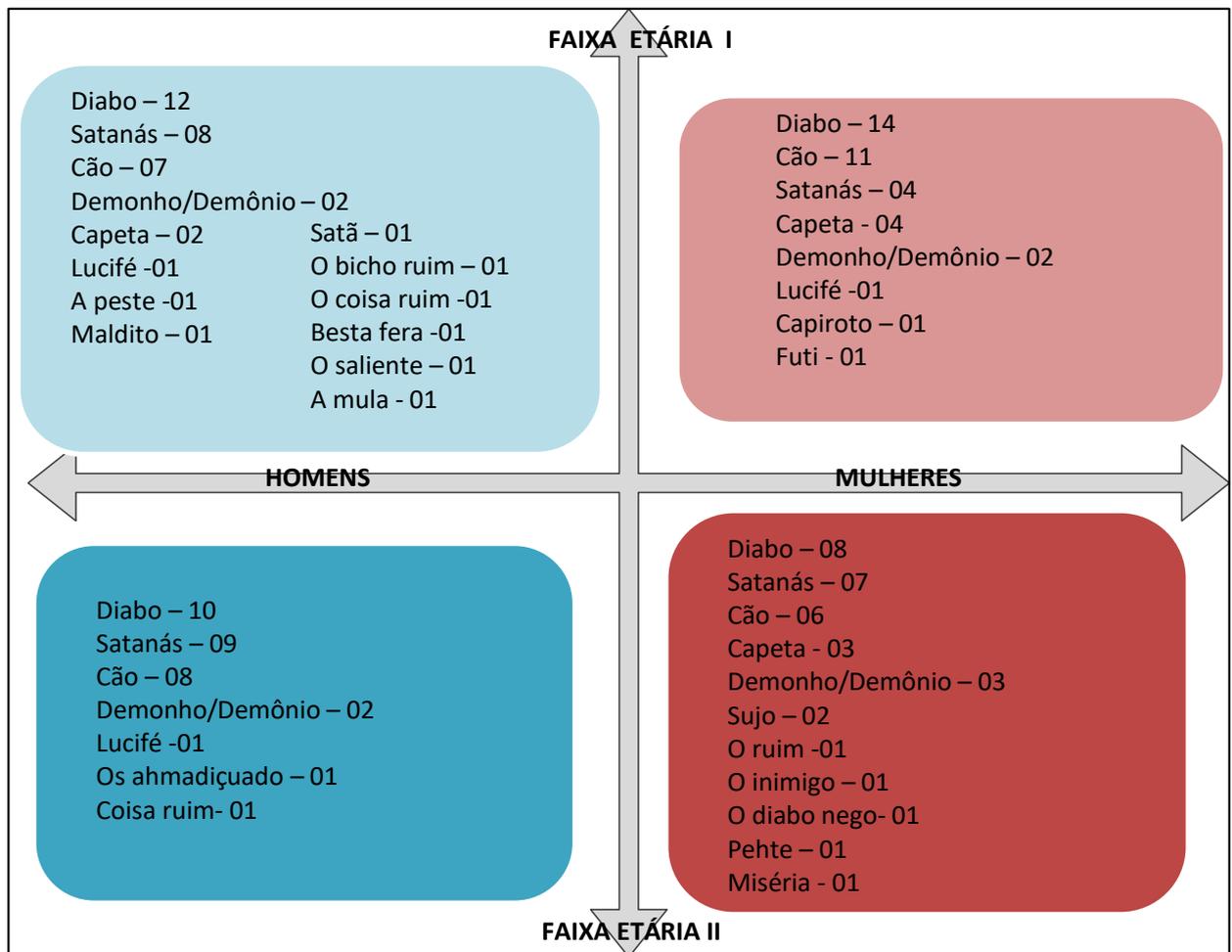
GRÁFICO 9: 159 -Utilização de lexias X variável idade



Fonte: Elaborado pela autora

Os Gráficos 8 e 9 ora apresentados demonstram que 24 unidades lexicais são utilizadas para referir-se a *diabo*. Os dois gráficos apresentam *diabo* como a unidade lexical mais utilizada pelos falantes. Entretanto, ao compararmos os dois gráficos verificamos que a tabuização da lexia *diabo* é menor entre homens da primeira faixa etária. O uso de adjetivos e circunlóquios é mais frequente entre as mulheres da segunda faixa etária.

GRÁFICO 10: 159 - Utilização de lexias X cruzamento das variáveis sexo e idade



Fonte: Elaborado pela autora

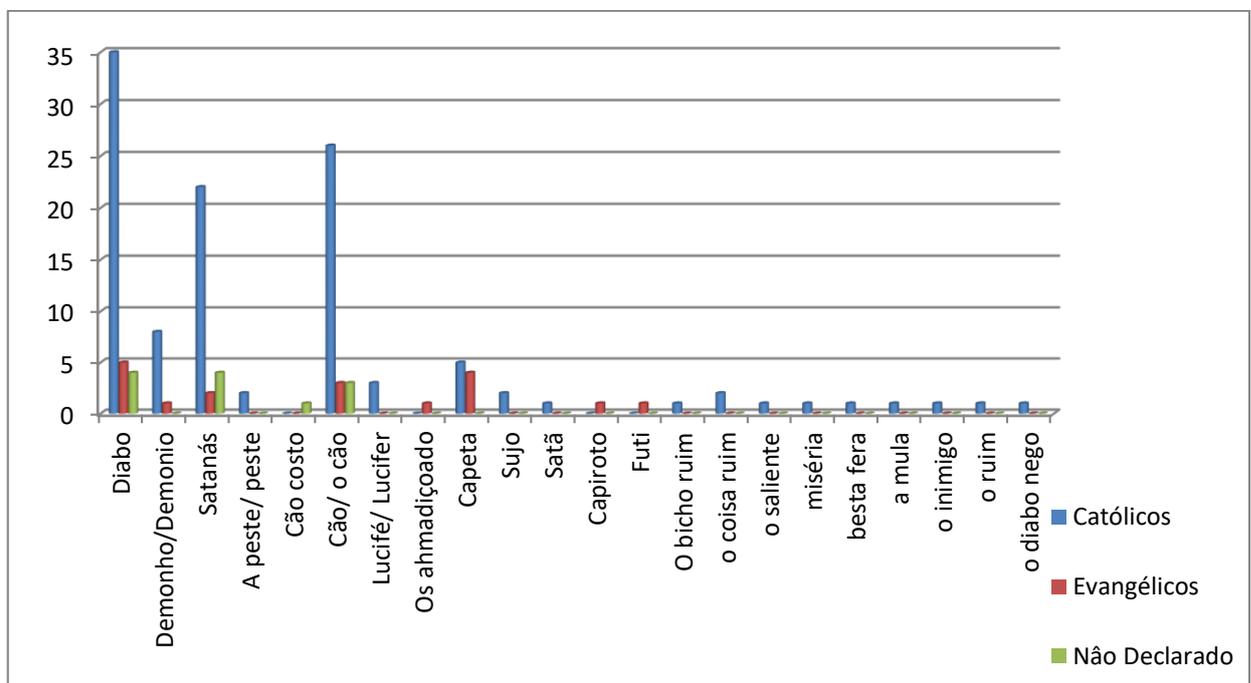
Quando cruzamos as variáveis sexo e idade com as denominações, constatamos que *diabo* é mais recorrente dentre todas unidades lexicais em quaisquer grupo – homens e mulheres da primeira faixa etária, homens e mulheres da segunda faixa etária.

Observamos ainda que os homens da primeira faixa etária apresentaram uma maior variedade denominativa para a questão 159 (QSL/ALiMA), possivelmente pelo reforço social dado ao comportamento considerado como masculino que tende a tentar mostrar-se menos temeroso frente a desafios, ou situações incomuns. Notamos ainda que a segunda unidade lexical mais recorrente dentre as mulheres da primeira faixa etária é *cão*, e não *satanás*, como acontece nos outros grupos. Além disso, *capeta* e *satanás* apresentaram a mesma frequência neste grupo. Talvez a menor frequência das unidades lexicais esteja relacionada com a atitude culturalmente

esperada das mulheres, uma vez que ela tende a comporta-se de forma mais cautelosa, pois são “encorajadas a serem ‘pequenas damas’” (LAKOFF, 2010, p.21).

Já os homens da segunda faixa etária não utilizaram *capeta* para o lema da questão 159 e apresentaram a menor variedade denominativa dentre os grupos estudados. As mulheres da segunda faixa etária, por seu turno, não utilizam *lúcifer* para o lema da questão, possivelmente por ser esta unidade lexical menos popular.

GRÁFICO 11: Utilização de lexias X variável orientação religiosa



Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à variável orientação religiosa, no Gráfico 11, podemos verificar que os evangélicos apresentaram menor variedade denominativa em comparação com os falantes que se declararam como católicos. Observamos também que *capiroto*, *futi* e *os ahmadiçoado* foram unidades lexicais utilizadas somente pelos informantes que se declararam evangélicos. É importante ressaltar que dentre os 60 informantes pesquisados somente sete afirmaram ser evangélicos e cinco não declararam sua orientação religiosa. Desta forma, para a questão 159 (QSL/ALiMA) é possível afirmar que a variável orientação religiosa não se mostrou significativa.

3.3.2 “Eles é que falam assim”: macumba, despacho, feitiço

Na pergunta “O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?” (QSL/ALiMA 161) temos a presença de um lema que pode ser associado a elementos das religiões de matriz africana – no Maranhão, em geral, Umbanda, Candomblé e Mina – como designação para *feitiço*.

O traço sêmico “*nas encruzilhadas*” nos leva à associação da prática religiosa em que se faz oferenda a Exu, que é o ente associado como o senhor dos caminhos. Por isso, as oferendas para essa entidade são, geralmente, depositadas no ponto de encontro entre diferentes caminhos – as encruzilhadas.

Nas religiões de matriz africana, os entes denominados *Orixás* estão presentes e atuam na vida de cada adepto em particular e na comunidade religiosa como um todo. Seus devotos têm suas obrigações ritualísticas cotidianas que irão fazer com que seu Orixá de cabeça o proteja e guie em sua existência terrena. Não há, ao contrário do que ocorre nas religiões judaico-cristãs, uma dualidade Bem/Mal. As entidades possuem tanto características negativas quanto positivas.

Entretanto,

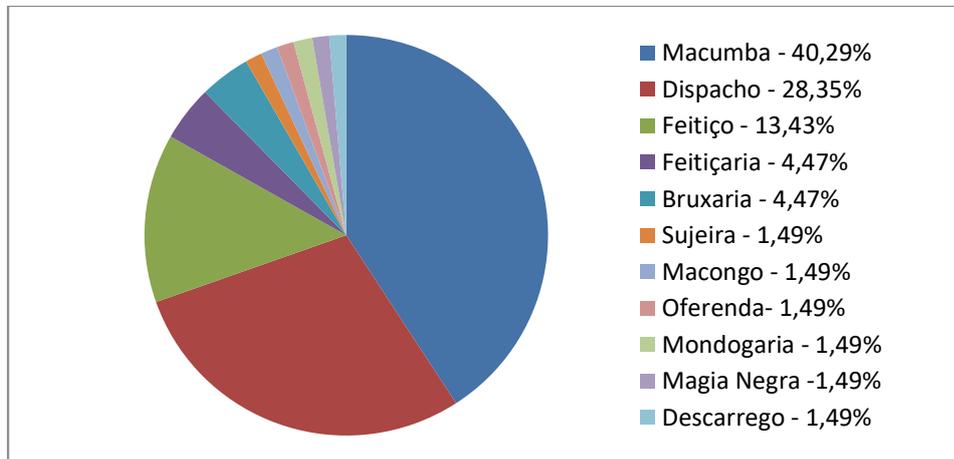
[...] no Maranhão também foi intensa a construção negativa das práticas e representações aos repertórios sociais identificados com África ou com os povos nativos. Os rituais e festas realizados em terreiros, casas ou a céu aberto, expressos indistintamente como pajelança, tambor, tambor de mina, macumba, feitiçaria, bruxaria, canjerê, magia negra, mandiga, eram descritos como “arte diabólica” [...]. “Mal social de raízes profundas”, o tambor de mina e a pajelança eram vistos como uma espécie de pecado original da sociedade maranhense. (BARROS, 2015, p.45)

Podemos afirmar, então, que o lema possível é, em geral, estigmatizado, admitindo matiz negativo uma vez que é associado a práticas do “Mal” ou, ainda, diabólicas. Desta forma, o fenômeno do tabu linguístico é até mais frequente nesta unidade lexical do que na unidade que se refere ao ente *Diabo* (QSL 159/ALiMA), inclusive havendo um maior número de informantes que interditou totalmente tal lema afirmando desconhecer a palavra. Vários informantes que pronunciam a palavra sinalizam o seu não envolvimento com essa prática, que se mostra, para esta comunidade, socialmente negativa, a exemplo da informante MA14/4 que declara “Dizem uns tal de despacho”.

Temos ainda que o referente da pergunta em análise – “O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?” – apresenta

variação denominativa, ainda que menor do que a do referente da pergunta QSL 159/ALiMA (*diabo*). Dentre os referentes encontrados o de maior recorrência é *macumba*, representando 36% do total de ocorrências válidas, seguido por *despacho*, com 25,3%, como podemos verificar no Gráfico 12.

GRÁFICO 12: Ocorrência da questão 161 (QSL/ALiMA)



Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à variação diatópica, verificamos que *macumba* foi utilizada por pelo menos um dos falantes das localidades pesquisadas, com exceção de Alto Parnaíba, município do Sul do Maranhão, mais afastado da capital maranhense, São Luís. A seguir, os quadros apresentam as unidades lexicais encontradas por Mesorregião.

QUADRO 12: 161 - Lexias registradas na Mesorregião Norte Maranhense: São Luís e Pinheiro

INF	MESORREGIÃO: Norte	
	MICRORREGIÃO: Aglomeração Urbana de São Luís	MICRORREGIÃO: Baixada Maranhense
	MUNICÍPIO: São Luís (MA01)	MUNICÍPIO: Pinheiro (MA03)
1	INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Despacho.	INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Feitiço.
2	INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Macumba	INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Macumbage / Macumba.
3	INQ. – E o que certas pessoas fazem e colocam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – (pausa longa) Despacho. INQ. – Tem algum outro nome? INF. – Não. Não sei.	INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – As vez é, diz que é feitiço, feitiçu pra prejudicar o outro.
4	INQ. – O que certas pessoas fazem e botam nas encruzilhadas? INF. – Despacho.	INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Ah, eles diz que é mondongaria, né? Mondongaria.

5	INQ. – E o que certas pessoas fazem, por exemplo... colocam nas nas encruzilhadas? INF. – ah... um despacho, macumba. É isso... acho que esses dois.	
6	INQ. – O que certas pessoas fazem e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Galinha preta e vela... INQ. – E como as pessoas chamam o conjunto, a galinha preta, a vela... as vezes vai farofa... INF. – Macumba.	
7	INQ. – O que certas pessoas fazem para... fazem e botam nas encruzilhadas? INF. – Despacho, oferenda.	
8	INQ. – O que certas pessoas fazem e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? A gente costuma encontrar muito aqui nas encruzilhadas? INF. – ahn...História de galinha preta, né? Num sei quê... Vela não sei de quê e tal? vinho? INQ. – como é que chama isso? A gente diz que a pessoa está fazendo o quê? INF. – Despacho, não é? INQ. – É assim que chama? INF. – Eu acho que é o termo INQ. – Tu achas que é assim que chama? INF. – Eu acho que é o termo que eu lembrei agora... eu já ouvi falar desse negócio aí . Despacho. Não sei se tem outro nome...	

Fonte: Elaborado pela autora

Na capital do Maranhão, observamos que a lexia *despacho* foi a mais utilizada pelos informantes, aparecendo sempre como primeira ou segunda opção de resposta. Verificamos ainda que mesmo os falantes com maior nível de escolaridade tendem a apresentar em suas respostas a marcação de distanciamento do lema da pergunta como a informante MA1/8 – “[...] eu já ouvi falar desse negócio aí” – ou a informante MA1/5 – “acho que esses dois”. A mesma tentativa de distanciamento ocorre em Pinheiro, com os informantes da segunda faixa etária, “As vez é, diz que é feitiço, feitiçu pra prejudicar o outro.” (MA3/3) e “Ah, eles dize que é mondongaria, né? Mondongaria.” (MA3/4). Outra postura observada é aquela em que o informante parece ser mais sucinto ao responder a questão, afirmando desconhecer outros nomes, como o informante MA1/3 que afirma categoricamente desconhecer outros nomes. É importante assinalar que de todos os entrevistados no Maranhão somente o informante MA1/7 apresentou como resposta para a questão “oferenda”, que apresenta um matiz menos negativo socialmente do que as outras denominações *macumba*, *despacho*.

QUADRO 13: 161 - Lexias registradas na Mesorregião Oeste Maranhense: Turiáçu e Imperatriz

INF	MESORREGIÃO: OESTE MARANHENSE	
	MICRORREGIÃO: Gurupi	MICRORREGIÃO: Imperatriz
	MUNICÍPIO: Turiáçu (MA4)	MUNICÍPIO: Imperatriz (MA7)
1	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – A gente chama de feitiçu.</p> <p>INQ. – Tem outro nome?</p> <p>INF. – Não.</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Êta galinha preta minino, é galinha preta, é um piru de macumba.</p> <p>INQ. – Mas eu digo, a isso, o peru, a galinha preta, eles chamam de que, que eles botam lá?</p> <p>INF. – É despacho.</p> <p>INQ. – Despacho?</p>
2	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – macumba, macumbinha básica.</p>	Não respondida.
3	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – feitiço</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Macumba.</p>
4	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – macumba.</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Macumba, Fetiço, despacho</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Na Mesorregião Leste, tanto em Turiáçu quanto em Imperatriz, as unidades lexicais encontradas são iguais às da Mesorregião Norte: *macumba*, *feitiçu*, *despacho*. *Macumba* aparece como a unidade lexical mais recorrente, utilizada como primeira resposta por quatro dos oito falantes desta região. Em Imperatriz, observamos a interdição total do lema da questão, que não é respondida pela informante MA7/2 mesmo após insistência da inquiridora. Como na Mesorregião Norte, os falantes desta Mesorregião também tendem a responder sucintamente à pergunta.

QUADRO 14: 161 - Lexias registradas na Mesorregião Centro Maranhense: Bacabal e Tuntum.

INF	MESORREGIÃO: CENTRO	
	MICRORREGIÃO: Médio Mearim	MICRORREGIÃO: Alto Mearim e Grajaú
	MUNICÍPIO: Bacabal (MA16)	MUNICÍPIO: Tuntum (MA18)
1	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Despacho.</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Uma cruz</p> <p>INQ.- A cruz é pra marcar a cerimonia, mais as vezes tem farofa, tem galinha assada, cachaça, martelo, umas flores. Como é que se chama isso?</p> <p>INF.- Num sei bem não, dizer não.</p>

2	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Diz que é macumba (risos)</p> <p>INQ. – As pessoas vão pra fazer o que?</p> <p>INF. – Despacho.</p>	<p>INQ. – O quê que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – É uma armadilha.</p> <p>INQ. – macongo é? (riso) macumba.</p>
3	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Macumba</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Eh... eles aqui falam em feitiço.</p> <p>INQ. – Tem algum outro nome?</p> <p>INF. – Tem macumba, tem o despacho. Já ouviu falá no despacho?</p> <p>INQ. – Já. (inint.)</p> <p>INF. – <u>Aquelas encruzilha</u>... Não... aqui, aqui falam, agora eu vi... tempinho curto mesmo a gente... eu vi em Porto Velho era galinha espetada.</p> <p>INQ. – Uhn rum, eh... tem farofa...</p> <p>INF. – Farofa, bebida. A (?=gente vendia)... nós vendemo crediário lá e eu olhei. “Rapá, eu podia, eu podia comê essa farofa. Ela tá bem arrumada, mais eu num vô querê não”. Tinha um litro de... aquele tempero, era... cadê... cachacinha que eles chama jucá pra lá, né?</p>
4	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Despacho.</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Macumba.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Os informantes da Mesorregião Centro Maranhense em sua maioria utilizam *despacho* para o lema da questão 161 (QSL/ALiMA). As estratégias utilizadas também são a economia de palavras e a tentativa de distanciamento, como em “Diz que é macumba” (MA 16/2). Os risos e a tentativa de fazer humor também são utilizados como estratégias, mesmo que o falante marque na fala o quanto é negativa socialmente esta prática: “eu olhe. ‘Rapá, eu podia comê essa farofa. Ela tá bem arrumada, mais eu num vô querê não”. (MA18/3)

QUADRO 15: 161 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense I: Brejo, Araiões e Codó

INF	MESORREGIÃO: LESTE MARANHENSE		
	MICRORREGIÃO: Chapadinha	MICRORREGIÃO: Baixo Parnaíba Maranhense	MICRORREGIÃO: Codó
	MUNICÍPIO: Brejo (MA13)	MUNICÍPIO: Araiões (MA14)	MUNICÍPIO: Codó (MA17)
1	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Macumba, despacho.</p>	<p>Pergunta não realizada pelo inquiridor.</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem e botam nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – A gente chama de macumba.</p> <p>INQ. – É?</p> <p>INF. – Feitiçaria</p>

2	INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Macumba, sujera.	INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Macumba. INQ. – O que se bota nas encruzilhadas? INF. – Feitiço	INQ. – O que certas pessoas fazem e botam nas encruzilhadas? INF. – Coisa pra fazer macumba? INQ. – É. É assim que vocês chamam macumba? INF. – É a macumba. INQ. – É? INF. – É. Bota galinha, a cachaça. INQ. – Chama de macumba? Tem outro nome ainda? Não?
3	Pergunta não respondida	INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – despacho.	INQ. – O que certas pessoas fazem e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Despacho.
4	Pergunta não respondida	INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Dizem uns tal de despacho.	INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Bruxaria. INQ. – Tem outro nome? INF. – Descarrego.

Fonte: Elaborado pela autora

A mesorregião Leste Maranhense apresentou falantes que interditarão totalmente o lema da questão 161 (QSL/ALiMA). No município de Brejo, os informantes da segunda faixa etária utilizaram o silêncio para não se referirem ao lema da questão. Observamos ainda que somente os informantes da primeira faixa etária desta região utilizaram a unidade lexical *macumba*, os informantes pertencentes ao outro grupo etário utilizaram *despacho* como opção mais recorrente, possivelmente porque esta última parece carregar um matiz menos negativo do que a primeira, provavelmente em decorrência do tabu linguístico.

QUADRO 16: 161 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense II: Caxias e São João dos Patos

INF	MESORREGIÃO: LESTE MARANHENSE	
	MICRORREGIÃO: Chapadas do Alto Itapecuru	MICRORREGIÃO: Caxias
	MUNICÍPIO: São João dos Patos(MA11)	MUNICÍPIO: Caxias (MA12)
1	INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Ah... macumba. INQ. – Tem outro nome? INF. – Passagi.	INQ. – Dizem que às vezes é pra prejudicar alguém... assim... nas encruzilhadas... INF. – (não responde)

2	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Num sei não.</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Despacho. INQ. – Tem algum outro nome? INF. – Macumba (riso)</p>
3	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Olha, ôtrora, a gente via falar que existia alma. Antes se falava que existe alma, mas eu num sei que existe, nunca vi. Mas a gente tem medo. Quer dizer, eu num tenho mais medo de coisa nenhuma já... (inint). Mas aquilo pode botá numa estrada, pode... um inseto que você veja, você se arrupeia, pode ser um bode amarrado fora de hora num lugar... Um sapo... pode ser qualqué coisa assim, viu? INQ. – Um rum. Botam nas encruzilhadas? INF. – Sim, sim. INQ. – E isso como é que eles chamam, o fato de ir lá e botar na encruzilhada? INF. – Olha, isso isso daí outros fala que que pode ser uma tenta... aí uma pessoa se coisa com aquilo se espanta as vezi e aí uns se benzi e diz Menino ali (inint) num se quê lá. Que só sendo a tentação do demônhu. Ôtros dizi é a tentação do diabo que num podi uma coisa um negoço desse vim aparecer bem aqui, mas isso é normal.</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem e botam nas encruzilhadas? INF. – Despacho. INQ. – Usa outro nome também? INF. – Não. Só despacho mesmo.</p>
4	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? INF. – Um, hum, é macumba, é missa de vela, bota...diz que bota.</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem e botam nas encruzilhadas? INF. – Magia negra.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda na Mesorregião Leste, mas no município de São João dos Patos, observamos a associação do lema da pergunta 161 a algo demoníaco. O informante MA 11/3 utiliza o circunlóquio e interdita a unidade lexical lema da pergunta e apresenta a associação ao diabo “Olha, isso isso daí outros fala que que pode ser uma tenta... [...] Que só sendo a tentação do demônhu. Ôtros dizi é a tentação do diabo que num podi uma coisa um negoço desse vim aparecer bem aqui”. São cinco os informantes desta Mesorregião que não respondem a questão. Alguns, como a informante MA11/2 apenas assinalam “Num sei não”. Quando o lema da questão não é interditado totalmente, *despacho* é a unidade lexical mais utilizada nos municípios de São João dos Patos e Caxias.

QUADRO 17: 161 - Lexias registradas na Mesorregião Sul Maranhense: Carolina, Balsas e Alto Parnaíba

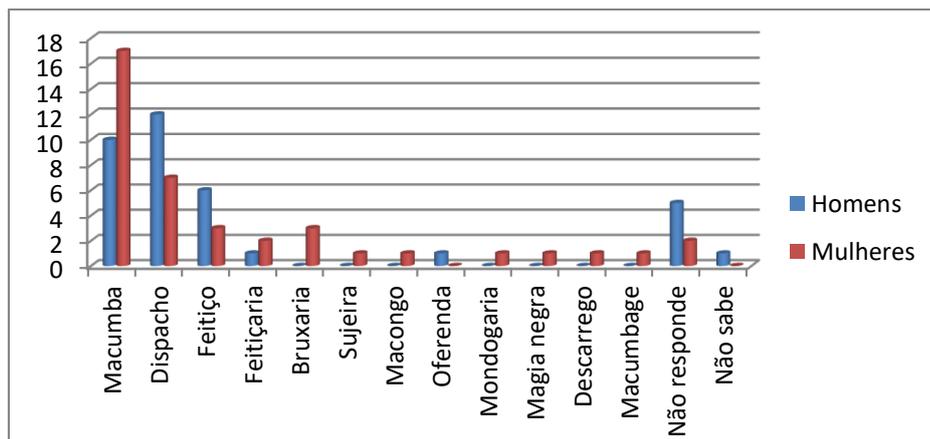
INF	MESORREGIÃO: SUL		
	MICRORREGIÃO: Porto Franco	MICRORREGIÃO: Gerais de Balsas	
	MUNICÍPIO: Carolina (MA08)	MUNICÍPIO: Balsas (MA09)	MUNICÍPIO: Alto Parnaíba (MA10)
1	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Macumbas.</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Macumba.</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Praticar o mal a alguém?</p> <p>INQ. – É elas querem prejudicar alguém, elas fazem alguma coisa assim que elas botam na encruzilhada</p> <p>INF. –Elas ficam com medo e botam nu lugar</p> <p>INQ. –Não.Elas botam alguma coisa lá. Nunca ouviu isso?</p> <p>INF. – Tu pensa que a pessoa vai pelo caminho né? Ai coloco uã, né? Ta incutido né? Aqui</p>
2	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Comé? (risos)</p> <p>INQ. – As pessoas querem prejudicar outras, elas fazem alguma coisa que elas botam na encruzilhada.</p> <p>INF. – Macumba? Feitiçaria, bruxaria.</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Macumba</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Bruxaria, velas</p>
3	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Eh... macumba.</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – O pessoal bota um monte de besteira, pessoal fala que bota uma galinha preta,</p> <p>INQ. – Como é que eles chamam isso?</p> <p>INF. – Diz que é um despacho</p> <p>INQ. – Despacho?</p> <p>INF. – Despacho, que bota galinha preta, cigarro, saco de frita, vinho, copo de cerveja, dá o nome despacho... assim eu vejo falá.</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Feitiço</p>
4	<p>INQ. – E o que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Tem uns que diz que coloca galinha preta, vela.</p> <p>INQ- Como é que eles chamam isso de colocar galinha preta, vela. Eles dizem que isso é quê?</p> <p>INF- Diz que é macumba, né?</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Macumba</p>	<p>INQ. – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>INF. – Feitiçaria</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Na região Sul do Maranhão, o município de Alto Parnaíba utiliza as unidades lexicais *feitiço*, *feitiçaria*, *bruxaria*, mas é o único município em que *macumba* e *despacho* não são citados uma única vez. Os risos e a tentativa de distanciamento também são estratégias utilizadas pelos falantes da região, como a falante MA8/2 “Comé? (risos)” e o falante MA9/3 “[...]Dá o nome despacho...Assim eu vejo falar”. A economia de palavras também é recorrente nesta região, principalmente, no município de Balsas.

Como podemos observar, as unidades lexicais referentes ao lema da questão 161 (QSL/ALiMA) “O que certas pessoas fazem [para prejudicar alguém] e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?” possuem em geral uma nuance negativa. As estratégias de distanciamento do lema, risos, circunlóquio e o silêncio foram utilizados para as palavras-tabu.

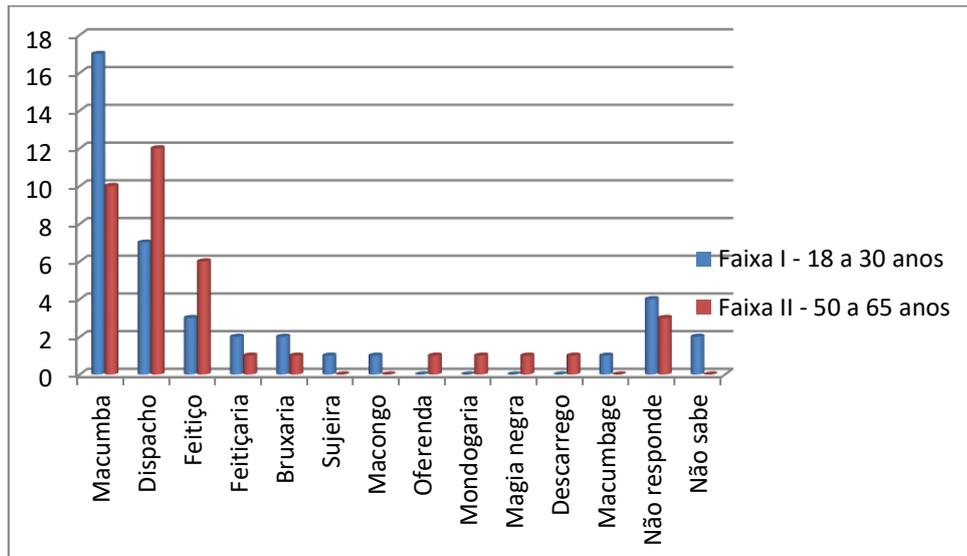
GRÁFICO 13: 161 - Utilização de lexias X variável sexo



Fonte: Elaborado pela autora

Tendo em conta o Gráfico 13, notamos que mulheres tendem a utilizar mais a unidade lexical *macumba*. Os homens, por sua vez, tendem a utilizar mais *despacho* do que as mulheres. Além disso, ao contrário de nossa hipótese inicial, no caso do lema da questão 161 (QSL/ALiMA) homens tendem a fugir mais da palavra-tabu do que as mulheres, uma vez que o número de informantes do sexo masculino que deixa de responder a questão é superior ao das mulheres. *Bruxaria*, *magia negra*, *macongo*, *sujeira*, *macumbage*, *descarrego* foram unidades lexicais utilizadas apenas pelas mulheres, que, desta forma, apresentaram uma maior variedade denominativa do que os homens.

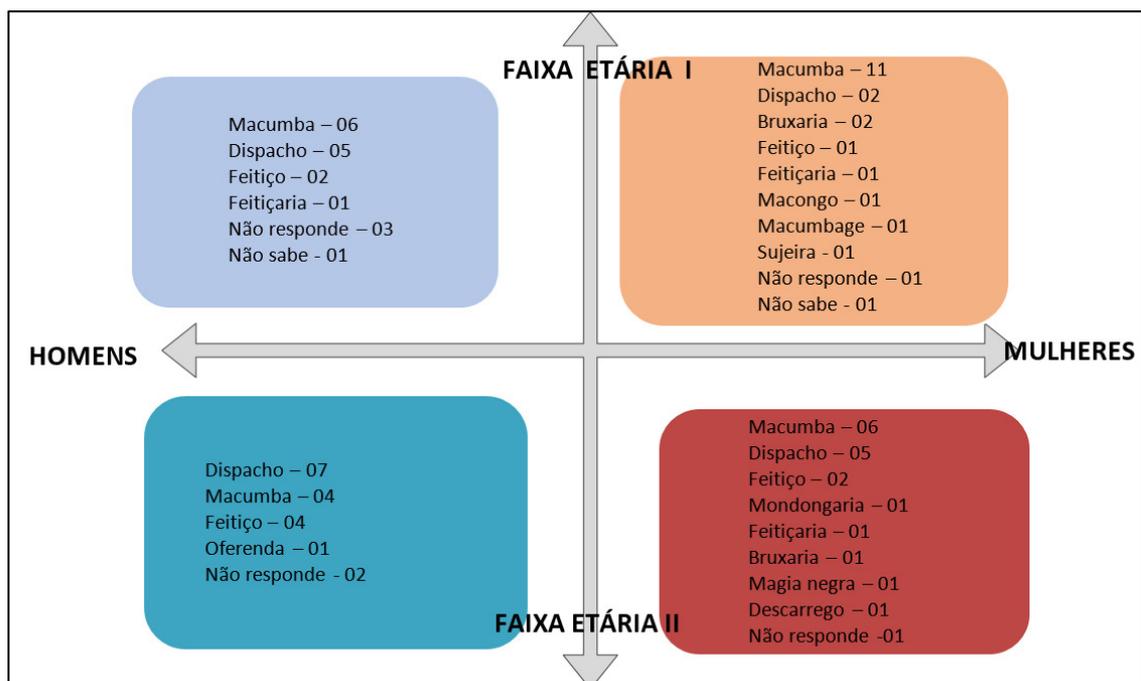
GRÁFICO 14: 161 - Utilização de lexias X variável idade



Fonte: Elaborado pela autora

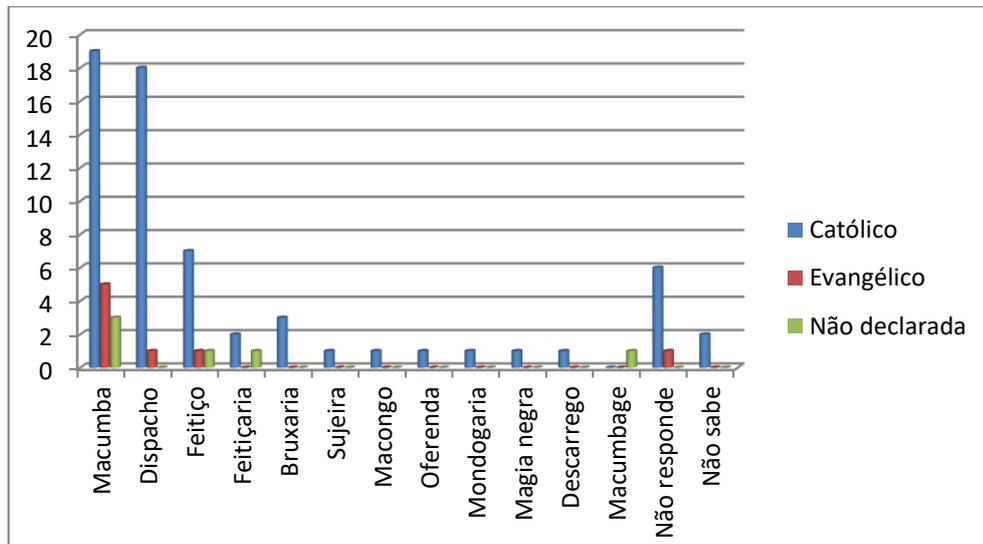
Já levando em consideração a variável idade, verificamos que os informantes da primeira faixa etária utilizaram mais a unidade lexical *macumba* do que os da segunda faixa. *Dispacho* foi a forma mais frequente dentre os informantes com mais idade, seguida por *macumba* e *feitiço*. Já a interdição total do lema da questão foi somente um pouco mais acentuada dentre os informantes da primeira faixa etária. Apenas os informantes desta faixa etária indicaram desconhecer o lema da pergunta investigada.

GRÁFICO 15: 161 - Utilização de lexias X cruzamento das variáveis sexo e idade



Ao cruzarmos as variáveis sexo e idade, observamos que a variação lexical entre as mulheres da primeira faixa etária é alta se comparada aos outros grupos estudados. Podemos notar ainda que são os homens da primeira faixa etária que mais interditaram o lema da questão, deixando-a sem resposta. Os homens da segunda faixa etária foram os que mostraram menor variação lexical apresentando apenas quatro unidades lexicais para a pergunta investigada. Dentre as mulheres da segunda faixa etária, *macumba* e *dispatcho* obtiveram quase a mesma frequência.

GRÁFICO 16: 161 - Utilização de lexis X variável orientação religiosa



Fonte: Elaborado pela autora

O gráfico aponta que os evangélicos demonstraram deter um acervo menor de variantes léxicas, quando comparados com os falantes que se declararam católicos. Dentre os informantes que se declararam evangélicos, *macumba*, *dispatcho* e *feitiço* foram as unidades lexicais mais recorrentes.

Notamos, ainda, que, para o lema da questão, a orientação religiosa não aparenta ser relevante, sendo, possivelmente, os casos de interdição total ao lema da pergunta influenciada por aspectos histórico-culturais do Maranhão cuja comunidade tende a considerar negativamente o que está relacionado com as religiões de matriz africana. Notamos inclusive que os casos de interdição total, resultado do fenômeno do tabu linguístico, é maior nas respostas da questão QSL/ALiMA161 (*feitiço*) do que nas da questão 159 (*diabo*).

3.3.3 Tabu ou desconhecimento? o caso de amuleto

Acreditávamos, a priori, que a pergunta “Qual o nome do objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?” (QSL/ALiMA 162) não era tabuizada no falar do maranhense. Entretanto, a baixa produtividade desta questão nos levou a voltar novamente aos dados para uma averiguação mais apurada, por meio da qual pudemos verificar que, o lema para a resposta desta questão pode ser associado a elementos das religiões de matriz africana, dada a sequenciação das perguntas no questionário, já que esta questão vem logo após a pergunta cujo lema possível é *feitiço*.

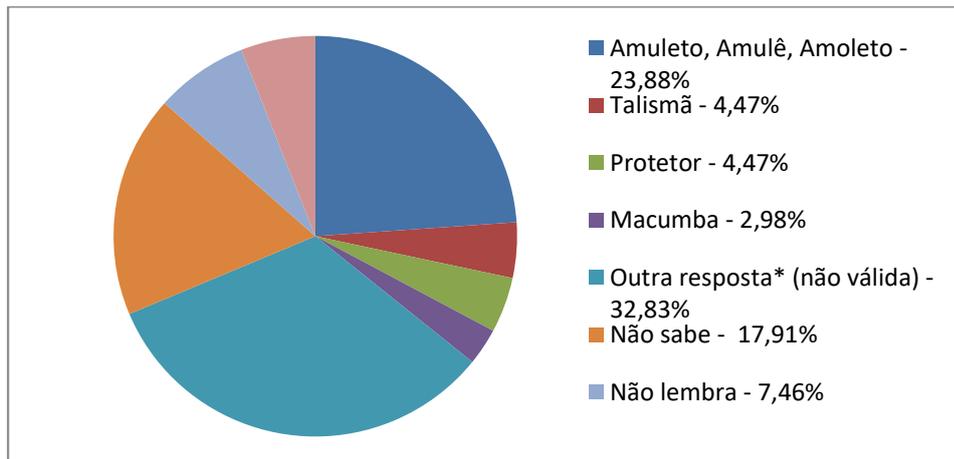
O traço sêmico “*afastar males*” pode levar à associação da prática religiosa típica dos praticantes das religiões de matriz africana de utilizar colares para proteção denominados *guias*. Outra posição observada é a associação que faz o falante com algum elemento próprio do catolicismo como *terço*, *rosário*.

Desta forma, encontramos falantes que, apesar de darem indícios de ter conhecimento da existência de tal objeto, declaram não saber o nome, possivelmente em decorrência de tabu linguístico, como cremos ser o caso do informante de Araiões “Macumba?/ uhn... Tô sabendo não. Passou.”(MA14/3).

Também observamos que alguns informantes apontam desconhecer o nome do objeto, fato que nos leva a observar que tal unidade lexical, de fato, não faz parte do vocabulário do falante, como acontece, por exemplo, com o falante da segunda faixa etária de Alto Parnaíba que diz “Num sei nem o que é isso mehmo” (MA10/3).

Se voltarmos ao Quadro 5 e observarmos a produtividade da Questão 162 veremos que somente 35 dos 60 informantes respondem de fato a pergunta. Tal índice pode ser resultante da tabuização da unidade lexical lema desta pergunta, uma vez que o falante ao admitir conhecer o nome do objeto entende que pode ser visto negativamente por seu interlocutor como um sujeito que utiliza tal objeto ou ainda que a utilização do objeto pode ser vista como negação de sua fé. Outra possível resposta para a baixa produtividade da questão seria o desconhecimento de unidades lexicais para o lema da pergunta.

GRÁFICO 17: Ocorrência da questão 162 (QSL/ALiMA)



Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos observar no Gráfico 17, *amuleto*, seguido por *talismã*, *protetor* e *macumba*, foi recorrente entre os falantes maranhenses. Entretanto, aproximadamente 32% dos entrevistados apresentaram respostas não válidas²¹ para o lema da questão 162 (QSL/ALiMA). Além disso, quase 18% dos informantes afirmaram desconhecer o objeto definido na pergunta.

Os quadros a seguir trazem as unidades lexicais distribuídas por Mesorregião.

QUADRO 18: 162 - Lexias registradas na Mesorregião Norte Maranhense: São Luís e Pinheiro

INF	MESORREGIAO: Norte	
	MICRORREGIAO: Aglomeração Urbana de São Luís	MICRORREGIAO: Baixada Maranhense
	MUNICÍPIO: São Luís (MA01)	MUNICÍPIO: Pinheiro (MA03)
1	INF. – <u>Amuleto</u> , amuleto.	INF. – Macumba.
2	INF. – <u>Cordão</u> INQ. – Um cordãozinho com esse monte de coisa...Diz assim: ai, isso aqui é meu pra dar sorte... INF. – Pra despachar essas coisa ruim que dizem.	INF. – Protetô / Amoleto.
3	INF. – (riso) INF. – Figa. INF. – Protetor.	INF. – Pra dá sorte.. é, que tem gente que usa defumado, tem um difumadô que sempre pajé usa pra dá, mode difuma o zoto, pra dá um banho INQ. – E assim, objeto desse tipo, mais ou menos isso aqui, ou esse, ou outras

²¹ Em se tratando do QSL, a resposta é considerada como não válida quando a lexia apresentada não corresponde, semanticamente, à definição apresentada na pergunta ou quando é dada uma resposta genérica. Além disso, é observada a frequência do item lexical na fala dos informantes da localidade, de modo a verificar se a lexia é de fato utilizada por outras pessoas da localidade. A consulta a dicionários gerais da língua também é usada com um auxiliar na validação ou não da resposta. Em se tratando de amuleto, as respostas não válidas são aquelas em que os falantes utilizam elementos muito específicos que correspondem a um tipo particular de amuleto, como: pé de coelho, figa, entre outros; ou, ainda, aquelas que se referem a objetos genéricos que não possuem necessariamente a característica de proteção como principal, a exemplo de cordão, pingente, etc.

		cores, que diz: ah, esse aqui é meu...É pra dá sorte INF. – uma mão né? , deu mão né?
4	INF. – Eh... eles usam aquelas figa, <u>né</u> ? INF. – <u>Isso</u> , usa aquilo ali como um amuleto, né?.	INF. – Pra dar... eu num sei... a palavra... isqueci, <u>num sei...</u> INF. – <u>Ah, é uma... é um crucifigue</u> , eu uso sempre nome, crucifigue, o rosaru.
5	INF. – Algum dizem: ah... que é um objeto pra tirar mau olhado, por exemplo... eh... um amuleto, eu digo assim... eu particularmente não gosto de usar este tipo de coisa. Se eu usasse ficaria até mais fácil pra responder. Mas eu acho que é isso.	
6	INF. – Amuleto.	
7	INF. – Amuleto.	
8	INF. – Figa. INQ. – E aí diz... INF. – eu me lembro quando era pequena eles vendiam isso. Inclusive nas próprias joalharias eles vendiam mesmo, em outro. Aquela figazinha que era uma coisa mesmo bem sólida, sabe assim em oura... e tinha que botá pulseirinha no braço da criança pra não dá mau olhado, porque se usasse a figa a criança com certeza não ia pegar mau olhado. INQ. – E a gente que põe figa e outras coisas, como é que chama esse conjunto assim (mostra realia)? Além da figa, <u>esse</u> INF. – <u>Tá, O trevo</u> , né? De quatro folhas... INQ. – Às vezes compra e diz esse é meu....da sorte... INF. – Ah... INQ. – a figa entra nesse grupo também, né? INF. – Não... passou aí.. INQ. – Passou?	

Fonte: Elaborado pela autora

Em São Luís, cinco dos oito informantes apresentam *amuleto* como unidade lexical mais frequente para a questão 162(QSL/ALiMA). É importante frisar, no entanto, que dentre os entrevistados com maior escolaridade apenas a informante MA1/8 apontou que não se lembrava da palavra em questão. Já dentre os informantes com escolaridade mais baixa a ocorrência de *amuleto* foi menor, só a metade dos informantes a utilizou. Ainda assim, destacamos a fala do informante MA1/5 que declara “um amuleto, eu digo assim... eu particularmente não gosto de usar este tipo de coisa.”. Desse modo, distancia-se da prática de utilizar um objeto para proteção, possivelmente por considerar negativa tal atitude.

Dentre os informantes de Pinheiro, houve somente uma ocorrência de *amuleto*. De metade dos entrevistados não obtivemos respostas consideradas válidas. E um dos informantes associou o objeto a que se refere o lema da questão com as religiões de matrizes africanas, utilizando *macumba* como resposta à pergunta.

QUADRO 19: 162 - Lexias registradas na Mesorregião Oeste Maranhense: Turiacu e Imperatriz

INF	MESORREGIÃO: OESTE MARANHENSE	
	MICRORREGIÃO: Gurupi	MICRORREGIÃO: Imperatriz
	MUNICÍPIO: Turiacu (MA4)	MUNICÍPIO: Imperatriz (MA7)
1	INF. – Eu tinha...Eu uso um terçu, usa um terçu. [...] INF. – Pra dá sorte.[...] INF. – Um terçu, uma chaivi, qualque coisa.	INF. – Afastá... INF. – Ah, os amuleto. INF. – É, os amuleto.
2	INF. – meu protetô da sorti	INF. – Cruis
3	INF. – eh... INQ- Eles perduram numa fita aí coloca no pescoço INF- Eu não sei o nome não. INQ- Eles colocam no braço INF- Esse aí é buzão aí do pessoal aí, que gosta de usar essas coisas, pessoal que trabalha com macumba, que credita em macumba, gosta... mas eu num sei INQ- Essa coisa aqui, como é que chama? INF- Eu num sei cumé que chama INQ- Hun rum INF- agente vê muita gente usandu essas coisa assim INQ- E o senhor usa alguma coisa pra lhe dar sorte? INF- Não por inquantu só a fé em Deus mesmu	INF. – Já. Eles diz que dá sorte essas coisa... INQ. - Mas o senhor lembra como é que chama isso? INF. – Não. Não me lembro não.
4	INF. – Cordão, né? INF. – Chavero, bota no chavero. Esse eu não sei.	INF. – Não sei. Não uso isso e não sei. Tem gente que, pra dar sorte, usa um Trêvo

Fonte: Elaborado pela autora

A maioria dos informantes da Mesorregião Oeste parece não possuir em seus vocabulários uma palavra específica para nomear o objeto de proteção, como descrito na questão investigada. Com exceção do informante MA7/1, de Imperatriz, os informantes desta região declararam desconhecer a palavra em questão. É importante observar, entretanto, que o informante MA4/3 demonstrou conhecer o objeto, mas ressaltou que o uso de tal proteção é típico de “pessoal que trabalha com macumba”. Deste modo, é possível que a palavra lema desta pergunta deve ter sido tabuízada pelo informante, ainda mais quando, na reelaboração da pergunta pelo inquiridor o falante aponta “Não [uso], por inquantu só a fé em Deus mesmu”.

QUADRO 20:162 - Lexias registradas na Mesorregião Centro Maranhense: Bacabal e Tuntum.

INF	MESORREGIÃO: CENTRO	
	MICRORREGIÃO: Médio Mearim	MICRORREGIÃO: Alto Mearim e Grajaú
	MUNICÍPIO: Bacabal (MA16)	MUNICÍPIO: Tuntum (MA18)
1	INF. – Esse daí o pessoal chama é de rusário. [...] Cordão de medalha, eles chama assim.	INF. – Que objeto é? INF.- Nois chama é uma cruz, uma cruzinha. INF.- Aqui num tem isso não.
2	INF. – Um santinho? INF. - (inint = Meu anjo da guarda?)	INF. – Tem a mão, a mãozinha. INF. – É o pigente da sorte mesmo.
3	INF. – Num sei não. Eu nunca mexi com essas coisas. Eu num sei.	INF. – Talismã.
4	INF. - Num sei	INF. – É um oleteo. INQ. – Amuleto? INF. – É.

Fonte: Elaborado pela autora

Em Bacabal, os informantes também parecem desconhecer o nome a que se refere a questão 162 (QSL/ALiMA): metade dos informantes não apresenta respostas válidas e a outra metade afirma desconhecer a palavra. Merece destaque, entretanto, a afirmação do informante MA16/3 “Num sei não. Eu nunca mexi com essas coisas. Eu num sei”, decorrente, provavelmente, de tabu linguístico. Já em Tutum, os informantes da segunda faixa etária apresentam como resposta *oleto*/amuleto e *talismã* para a questão, enquanto o informante MA18/1 diz “Aqui num tem isso não”, revelando que a palavra não pertence ao seu vocabulário.

QUADRO 21: 162 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense I: Brejo, Araisos e Codó

INF	MESORREGIÃO: LESTE MARANHENSE		
	MICRORREGIÃO: Chapadinha	MICRORREGIÃO: Baixo Parnaíba Maranhense	MICRORREGIÃO: Codó
	MUNICÍPIO: Brejo (MA13)	MUNICÍPIO: Araisos (MA14)	MUNICÍPIO: Codó (MA17)
1	INF. –Eu chamo Amuleto mesmo. INQ. – Tem algum? INF. Não. Num gosto dessas coisa.	INF. – amuleto da sorte	INF. – (silêncio) INQ. – Às vezes as pessoas fazem um conjunto assim (mostra a foto). Põe no pescoço, diz: isso aqui é o... INF. – (riso) INQ. – Às vezes usa esse aqui ó (mostra a foto). INF. – É mais a pessoa diz assim esse aqui é meu objeto que dá sorte. Mas o nome mesmo <u>tô lembrado não.</u>
2	INF. - Não. Não lembro.	INF. – Pingente INF. – É... meu amuleto	INF. – Amuleto.

3	INF. – (não responde)	INF. – macumba? INF. – uhn... Tô sabendo não. Passou. INQ. – que afasta males, pendura no pescoço, leva na bolsa...	INF. – Talismã
4	INF. – (não responde)	INF. – Corrente. INF. – Num sei. É corrente mehmo, é corrente da sorte.	INF. – Um rosário (baixa o volume da voz) INF. – É. O pessoal usa. INF. – É. Aí diz rosário (diz em voz baixa). INF. – Rosário.

Fonte: Elaborado pela autora

Nos municípios de Brejo, Araioses e Codó, na Mesorregião Leste Maranhense, cinco dos 12 informantes apresentaram *amuleto* e *talismã* como resposta. Apenas um dos informantes de Brejo respondeu a pergunta, mesmo assim enfatizando: “Num gosto dessas coisa” (MA13/1), o que nos parece ser um caso de tabu linguístico. É importante assinalar que este município historicamente possuía grande número de negros escravizados. Verificamos, no entanto, que Brejo apresenta o maior número de não respostas, possivelmente pelo fato de os informantes associarem o objeto da pergunta à religião de matriz africana. Como o estudo de Barros (2015) apontou, no Maranhão, tende-se a dar um matiz negativo a práticas de pajelança e das religiões africanas. Deste modo, a tabuização observada em Brejo pode ter se originado na negatização de tais práticas nessa localidade.

Já em Araioses, os informantes da primeira faixa etária responderam a questão, *amuleto* foi a unidade lexical mais recorrente. Mas o informante MA14/3 associou o lema da questão à religião de matriz africana ao responder, inicialmente macumba, e, a seguir declarar: “Tô sabendo não. Passou”. Essa atitude, pode revelar aqui um tabu linguístico.

Em Codó, os dois informantes que respondem satisfatoriamente a questão 162 apresentam *amuleto* e *talismã* como unidades lexicais recorrentes. O que nos chama atenção, no entanto, é que os dois outros informantes, um dos quais afirma não lembrar da palavra em questão utilizam estratégias usuais que observamos em respostas consideradas tabu: alteração do volume da voz e o riso. Não podemos, contudo, apontar que estes são casos de tabuização de fato, por não possuímos evidências que corroborem tal interpretação.

QUADRO 22: 162 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense II: Caxias e São João dos Patos

INF	MESORREGIÃO: LESTE MARANHENSE	
	MICRORREGIÃO: Chapadas do Alto Itapecuru	MICRORREGIÃO: Caxias
	MUNICÍPIO: São João dos Patos(MA11)	MUNICÍPIO: Caxias (MA12)
1	INF. – Usa é... eu isquici isso daí.	INF. – (não responde)
2	INF. – Pé de cuelhu? INF. – Amulê.	INF. – Amuleto.
3	INF. – Olha, eu acho muito certo a gente ser realista. Tem certo tipo de coisa que eu num... isso eu não acredito não. Eu acredito que nós temo um pai verdadeiro e ele faz por nós se nós merecê. [...] INF. - Não, isso aí eu sinceramente não sou muito desse tipo de coisa. Includi eu tive uma coisa aqui na minha casa que eu acreditei. Acreditei em duas coisas assim. Porque existe um pauzinho que eu num tô lembrado o nome dele... trevo...cravo.	INF. – <u>Amuleto</u> ... um negoço assim.
4	INF. – Consofiço, colar. Não isso daí sei não. [...] INF. – Na verdade, sei não.	INF. – Arruda. INF. – Estrela do mar, arruda, pimenta. INF.- Ah, mãozinha... INF. – eh...pra dar sorte... pra afastar <u>os mal</u> ... INF. – Santôntonho dentro do vidrinho...

Fonte: Elaborado pela autora

No município de São João dos Patos, a maioria dos entrevistados revelou que a palavra investigada pela questão 162 não fazia parte do vocabulário utilizado, apenas a informante MA11/2 utilizou *amulê*. Destacamos, no entanto a fala de MA11/3 que diz “eu acho muito certo a gente ser realista. Tem certo tipo de coisa que eu num... isso eu não acredito não. Eu acredito que nós temo um pai verdadeiro e ele faz por nós se nós merecê”.

Já em Caxias, apesar de um dos entrevistados não ter respondido a pergunta, metade dos informantes utilizou *amuleto* como unidade lexical mais recorrente. Assim, observamos que nesta Mesorregião apenas 40% das respostas para a pergunta 162 foram consideradas válidas. Notamos também que a informante MA12/4 utiliza *arruda* como uma possível resposta para a questão, revelando assim conhecimento sobre a prática da pajelança, uma vez que esta planta é utilizada para retirar “mau-olhado”. (cf. CASCUDO, 2001)

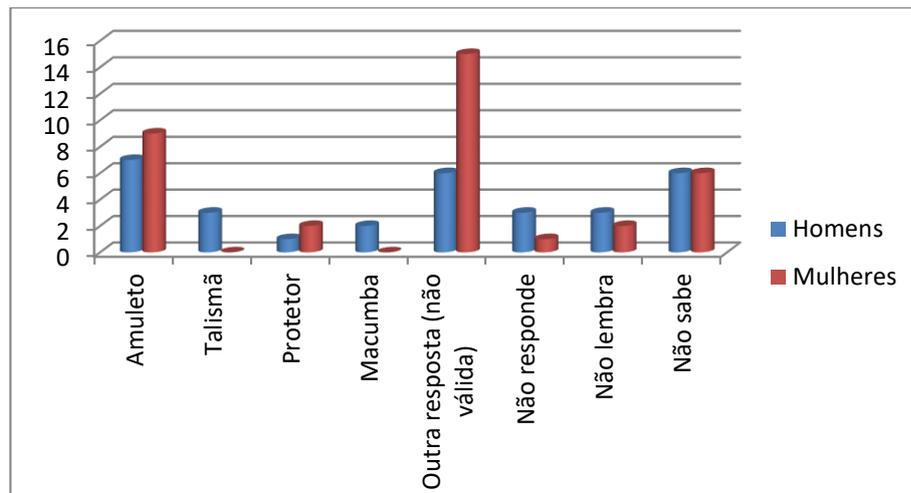
QUADRO 23: 162 - Lexias registradas na Mesorregião Sul Maranhense: Carolina, Balsas e Alto Parnaíba

INF	MESORREGIÃO: SUL		
	MICRORREGIÃO: Porto Franco	MICRORREGIÃO: Gerais de Balsas	
	MUNICÍPIO: Carolina (MA08)	MUNICÍPIO: Balsas (MA09)	MUNICÍPIO: Alto Parnaíba (MA10)
1	INF. – Ah, tem... tem vários objetos que as pessoas usam pra, pra dá sorte, pra num pegá inveja, que eu conheço. INF. – Não, tem gente que usa, é o qu'eu (=que eu) sei que tem gente que usa alho, em bolsa, carrega alho, esses qu'eu sei...	INF. - Esqueci esse daí.	INF. – Pimenta INF. – Um Santo INF. – Espantar os mau INF. – Uma cruz
2	INF. – Chave, eh... trevo. INF. – Aqui, a gente quase não vê isso assim...	INF. – Amoleto	INF. – Não. Num sei não.
3	INF. – Amuleto, né?[...] INF. – Eh, uma mãozinha, outras vezes é um pezinho de coelho.	INF. – Sim... hum... hum... pra dá sorte, pra ajudá... é o chama... é o ... não entendo bem	INF. – Num sei nem o que é isso mehmo.
4	INF. – (inint.) larga isso aí, chovê (= deixa eu ver), fulano usa isso assim assim que dá sorte, mas aí... fala mehmo que dá sorte.	INF. – Ah rã... eu sei como é... tem mãozinha INF. – Mãozinha mehmo que o povo chama.	INF. – Pigema

Fonte: Elaborado pela autora

As localidades da Mesorregião Sul Maranhense apresentaram a menor ocorrência de resposta válidas quando comparadas com as outras regiões, já que apenas dois informantes dentre os doze que participaram da investigação apontaram uma resposta válida para a pergunta 162. Podemos afirmar que nesta região a maior parte de sua comunidade tende a não possuir em seu vocabulário uma palavra específica para um objeto que protege de males, uma vez que parece não fazer parte da realidade cultural dos informantes, a exemplo da informante MA08/2 que afirma “Aqui a gente quase não vê isso assim”.

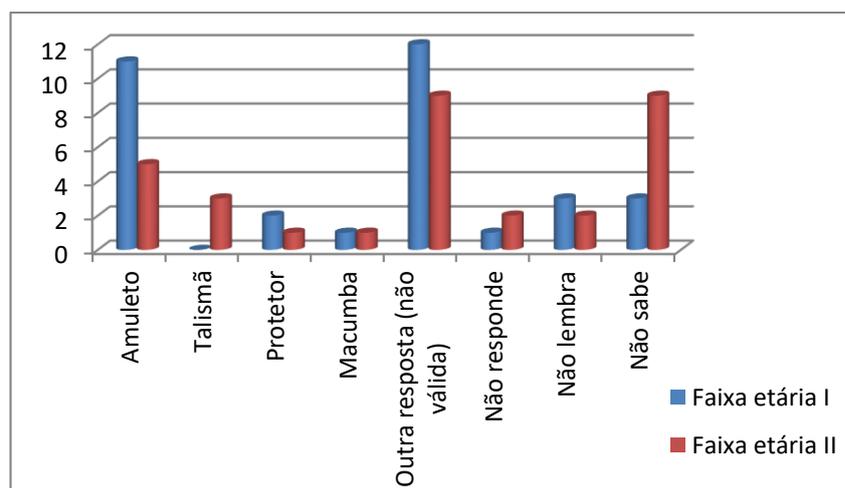
GRÁFICO 18: 162 - Utilização de lexias X variável sexo



Fonte: Elaborado pela autora

Se observarmos o Gráfico 18, veremos que entre as mulheres há uma tendência maior de relacionar o lema da questão com outros objetos que apresentam uma relação, às vezes, apenas tangencial com o sema “proteger dos males”, como *mãozinha*, *terço*, *arruda*, *crociçu*. Razão por que estas respostas foram consideradas não válidas. Além disso, o uso de *amuleto* como lema da referida questão foi mais frequente dentre as mulheres.

GRÁFICO 19: 162 - Utilização de lexias X variável idade

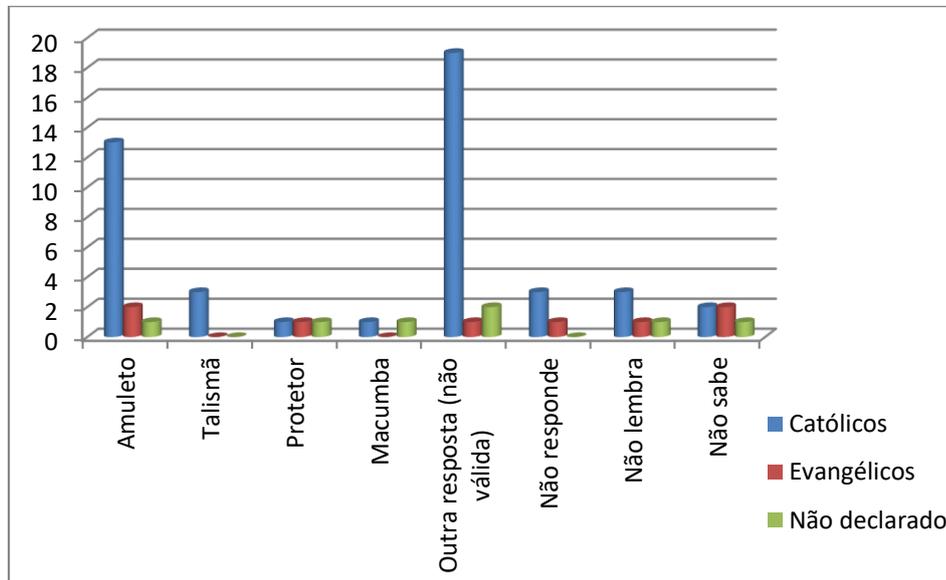


Fonte: Elaborado pela autora

Amuleto foi claramente a unidade lexical mais frequente dentre os informantes da primeira faixa etária – 18 a 30 anos. Já os informantes da segunda faixa etária demonstraram maior desconhecimento sobre a palavra em questão, sinalizando que esta não deveria fazer parte de seus vocabulários. Isso nos pode levar a crer que a

geração mais jovem possa utilizar mais *amuleto* por ter tido maior contato com a televisão, em especial com desenhos animados estrangeiros, que se baseiam em uma cultura distinta da brasileira.

GRÁFICO 20: 162 - Utilização de lexias X variável orientação religiosa



Fonte: Elaborado pela autora

Ainda que a variável orientação religiosa pareça não ser significativa para a tabuização de unidades lexicais referentes ao lema da questão 162 (QSL/ALiMA) é importante apontar que os católicos foram os que mais apresentaram outras respostas para a referida pergunta, utilizando muitas vezes lexias da esfera do catolicismo como *terço*, *rosário*, *santinho*.

É importante sinalizar que, no caso de *amuleto*, não podemos afirmar com exatidão quais são os casos em que o informante desconhece a palavra e quais são os casos de tabu linguístico. Possivelmente, apenas três casos dentre os apresentados podem ser considerados como tabu: MA3/1, MA14/3.

Aparentemente, as variáveis localidade, idade e orientação religiosa não demonstraram ser significativas neste caso. A escolaridade (vista somente em São Luís) e sexo parecem mais relevantes: houve mais ocorrências válidas dentre os informantes com maior escolaridade; apenas homens da segunda faixa etária utilizaram *talismã* como unidade lexical para a questão 162.

3.3.4 Palavras de cura: *bezendêra*, *rezadêra*, *macumbêro*, *raizêro*

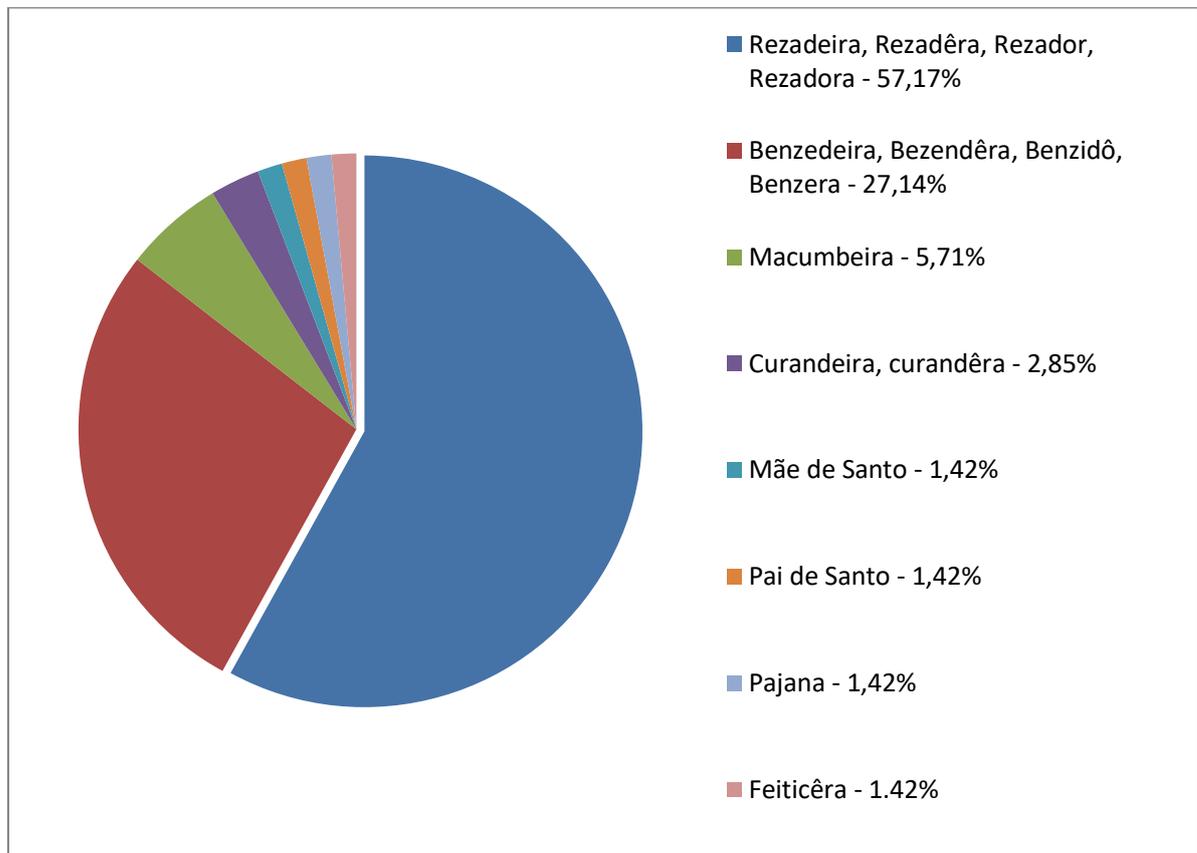
Corriqueira do passado, a pajelança era uma prática usual para aqueles que não possuíam condições financeiras de ir a um médico. A prática nunca foi vista com bons olhos, de fato, pelas elites que dominavam o Brasil (cf. BARROS, 2015). Daí que no século XIX intensifica-se uma campanha de “limpeza” que exterminaria tudo que atrasasse o Maranhão. Para Barros (2015, p.127)

[um] conjunto de representações estereotipada inscreve negativamente o mundo material, místico e humano da pajelança. Particularmente nos meios letrados esse arsenal de representações deve ter tido um efeito mais profundo. De outro lado, nota-se que, embora algumas vezes se questione o poder sobrenatural dos pajés, em boa parte dos casos esse poder é legitimado. Nessas representações, ao mesmo tempo em que são anunciados como charlatões, os curadores são evidenciados como homens e mulheres que, de fato, têm certo tipo de conhecimento e sabedoria que lhes permite realizar ações consideradas sobrenaturais, ainda que isto se dê, muitas vezes, por meios negativos.

Observamos assim que ainda que fosse uma prática conhecida e utilizada pelos membros da sociedade não era socialmente positivo estar relacionado com ela. Tais práticas eram associadas aos mais pobres e aos negros, e eram tidas como ilegais e imorais de acordo a mídia maranhense da época. (cf. BARROS, 2015)

Em nosso estudo, observamos que frequentemente os lemas das perguntas “... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?” (163) e “... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?” (164) se equivalem. Verificamos, entretanto, que a pergunta 163 (*bezendeira*) por admitir o traço sêmico “com rezas” leva à associação da prática cristã de oração, quando passa a ser vista como positiva, ainda que apresente traços do ritual de pajelança que herdamos dos índios. Neste sentido, verificamos que esta questão possui lemas menos tabuizados que as outras perguntas investigadas. *Rezadeira* (*rezadêra*, *rezadora*, *rezador*) foi a unidade lexical com maior frequência encontrada, obtendo 57,17% dentre as ocorrências registradas, seguida por *bezendêra* com 27,14% como podemos observar no Gráfico 21.

GRÁFICO 21: Ocorrência da questão 163 (QSL/ALiMA)

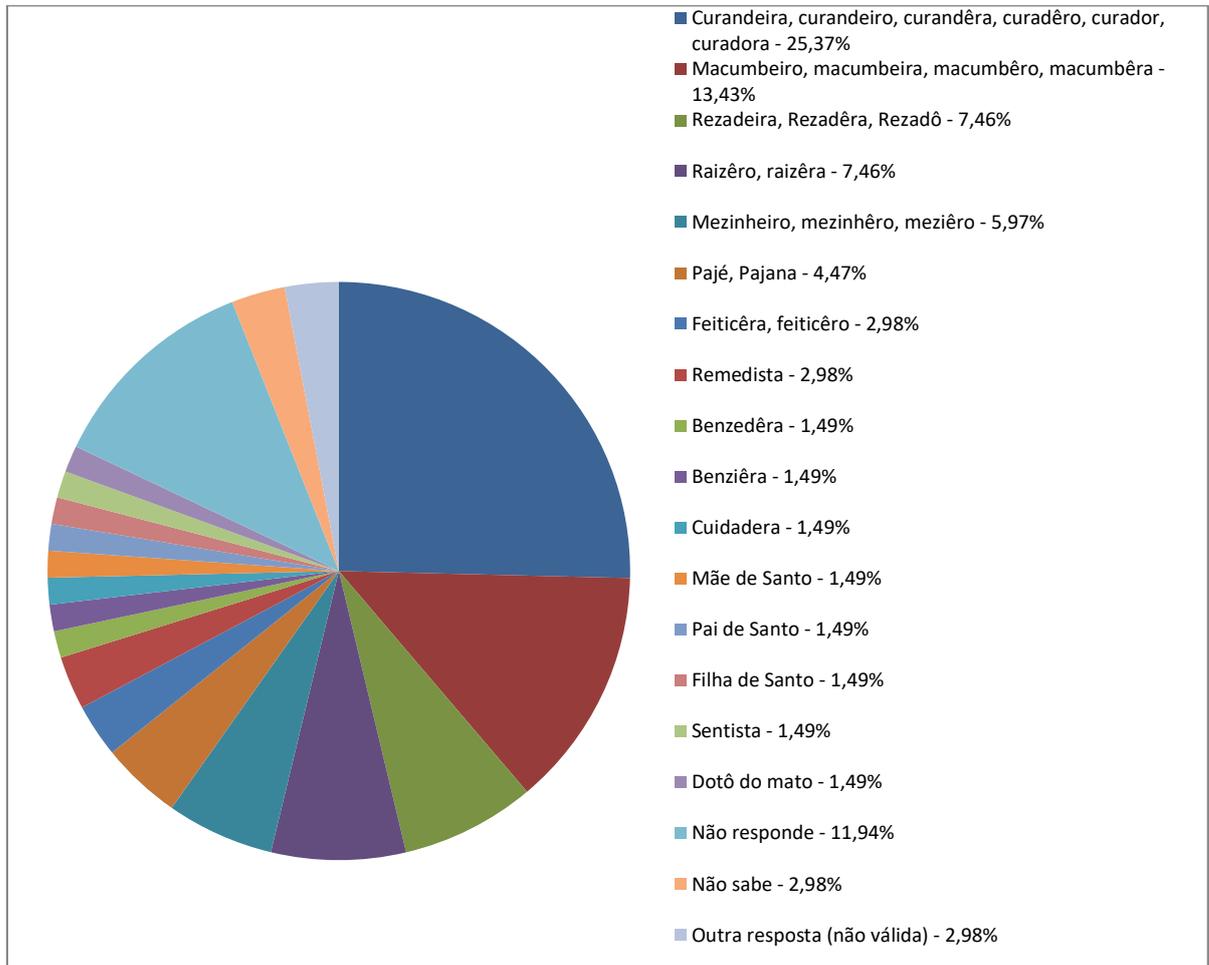


Fonte: Elaborado pela autora

Já a questão 164 (curandeiro) por vezes é associada a práticas pertencentes às religiões de matriz africana, passando a ser vista de forma negativa. É, aparentemente, uma das questões em que o lema é tabuizado havendo a interdição total do lema referente à questão. Além disso, alguns informantes fazem a marcação do seu não envolvimento com a pessoa “que cura as doenças através de ervas e plantas”, a exemplo da informante MA18/1, que fala “Tem na rua, mas eu nunca fui lá. Num sei como é o nome não”, evidenciando que para esta comunidade, a figura do curandeiro é marginalizada.

Para esta questão, QSL ALiMA 164, encontramos variação denominativa mediana havendo 17 lemas para a referida questão, muitos deles também utilizados para a questão QSL163 (benzedeira). Dentre eles destacam-se *curadeira*, com 20% das ocorrências, e *macumbeiro*, com 16,3 %, como é possível notar no Gráfico 22.

GRÁFICO 22: Ocorrência da questão 164 (QSL/ALiMA)



Fonte: Elaborado pela autora

Quando comparamos as unidades lexicais encontradas para a questão QSL164 ALiMA, verificamos que se obtêm as mesmas unidades lexicais registradas para a questão 163, ainda que a pergunta QSL164 ALiMA apresente maior variedade denominativa.

Além disso, notamos que a variável diatópica não se mostrou relevante quanto a essas questões, apesar de que em algumas localidades, como em Brejo mais de um informante interdito totalmente a palavra alvo da questão. Os quadros 24 a 32 apresentam as respostas dadas em ambas as questões e separadas por Mesorregião.

QUADRO 24: 163 - Lexias registradas na Mesorregião Norte Maranhense: São Luís e Pinheiro

INF	MESORREGIÃO: Norte	
	MICRORREGIÃO: Aglomeração Urbana de São Luís	MICRORREGIÃO: Baixada Maranhense
	MUNICÍPIO: São Luís (MA01)	MUNICÍPIO: Pinheiro (MA03)
1	<p>INQ. – ... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?</p> <p>INF. – É... como é que chama(hesitação)...ela benze.</p> <p>INQ. – Hum rum... E aí chama de como? Ela benze... chama...Essa que benze como é que chama?</p> <p>INF. – (silêncio prolongado) Tem um nomezinho só que...</p> <p>INQ. – Se tu lembrares depois...</p>	<p>INQ. – ... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?</p> <p>INF. – Rezadeira.</p>
2	<p>INQ. – E como é que chama uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?</p> <p>INF. – Curadêra.</p>	<p>INQ. – ... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?</p> <p>INF. – Benzidêra.</p>
3	<p>INQ. – E uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?</p> <p>INF. – Benzidô.</p>	<p>INQ. – ... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?</p> <p>INF. – É o rezado. Papai tirava isso ai, ele rezava</p> <p>INQ. – E como é que chamava seu pai?</p> <p>INF. – O nome dele?</p> <p>INQ. – Eu digo, <u>pra fazer o</u> que seu pai faz?</p> <p>INF. – <u>Pra fazê</u>, era o benzido. Por que eles as vez procuravo ele pra benze. Criança as vez tá com mal olhado, as vez pessoa tava com... benzido as vez a criança não tinha fome, dizia que tácom fastio. Butava lá, pegava uma palhazinha de babaçu assim, butava um poquinho de cachaça desse tanto assim no copo, ai tocava a palha e benzia. E a aquela palha secava. Era tirando aquele negócio daquela criança. Ele fazia era muito isso, agora a palha secava, não sei se da rezadera, ou se era tirando a doença da criança. Ele fazia era muito isso.</p>
4	<p>INQ. – E uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?</p> <p>INF. – Rezadêra.</p>	<p>INQ. – ... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?</p> <p>INF. – Eh, benzidêra.</p>
5	<p>INQ. – E uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?</p> <p>INF. – Ah...macumbeira, benzedera. Eh...mãe de santo... acho que mais ou menos isso...</p>	/
6	<p>INQ. – E uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta? Como é que chamam as mulheres que fazem isso?</p> <p>INF. – (riso) Macumbera. Um pai de santo...</p>	
7	<p>INQ. – E uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?</p> <p>INF. – Rezadêra, benzêdera.</p>	
8	<p>INQ. – ... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?</p> <p>INF. –</p> <p>INQ. – A benzedera? Acho que é, né?</p>	

Fonte: Elaborado pela autora

Na mesorregião Norte, a prática da pajelança foi reconhecida pelos informantes. Um deles inclusive descreve a prática para a inquiridora, MA3/3. Nesta região, os falantes com menor escolaridade utilizaram as unidades lexicais *rezadeira*, *benzidêra*, *bezendera*, *curadêra* para o lema da questão 163. Entretanto, dentre os informantes com maior escolaridade, tal prática foi associada às religiões de matrizes africanas, e os informantes utilizaram as unidades lexicais *macumbera*, *pai de santo*, *mãe de santo* para o lema da questão. Em São Luís, somente três dos oito informantes parecem não associar o lema da pergunta às religiões de matriz africana.

QUADRO 25: 164 - Lexias registradas na Mesorregião Norte Maranhense: São Luís e Pinheiro

INF	MESORREGIÃO: Norte	
	MICRORREGIÃO: Aglomeração Urbana de São Luís	MICRORREGIÃO: Baixada Maranhense
	MUNICÍPIO: São Luís (MA01)	MUNICÍPIO: Pinheiro (MA03)
1	<p>INQ. – ... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? INF. – Hum... mas medicinais? INQ. – Hum rum. Como é que chama essa pessoa que faz isso? INF. – (silêncio prolongado) ((não respondeu))</p>	<p>INQ. – ... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? INF. – Pajé.</p>
2	<p>INQ. – E a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? INF. – É curadêra. INQ. – Então pra que tire o mau <u>olhado</u>... INF. – <u>Feiticêro</u>. INQ. – usando um galhinho de planta às chama de como? INF. – Mãe de santo, filha de santo. São as que sabe disso, né? (diz baixinho)</p>	<p>INQ. – ... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? INF. – Pai de santo.</p>
3	<p>INQ. – E a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? Como é que chama? Ela trata das doenças com ervas, plantas...como é que se chama? INF. – (pausa longa) É tipo o que dona Terezinha Rego faz, né? INQ. – É, mas a Dona Terezinha Rego fabrica aquelas coisas, a gente está falando mais dessas pessoas que assim que não chegam a fazer um estudo como Dona Terezinha fez... Mas que faz um, um <u>chá</u>, INF. – <u>Chá</u>? INQ. – Receita um chá INF. – Um rum. Eh... receita um chá, receita um mato, diz assim: faz um chá assim assim do mato, faz <u>um sumo</u>... INQ. – É. <u>É dessas assim</u>. Porque a Dona Terezinha já tá ali num laboratório... e esses que não estão num laboratório? Lá mesmo ele recomenda pra tomar um chá, uma planta...pra ajudar as pessoas. INF. – Curadô INQ. – Uhn</p>	<p>INQ. – ... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? INF. –</p>
4	<p>INQ. – E a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?</p>	<p>INQ. – ... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?</p>

	INF. – Feiticêra...Eh, eh...ela eh...tem um outro nomezinho que dá, né? Num tô lembrando agora. Tem um outro nomezinho que se dá.	INF. – Eh chamo, chamo, bom aqui, chamo curadô, chamo pajé, chamo esse ixpiriente, aí, chamo macumbêru. INQ. – Todos eles fazem isso. <u>Fazem...</u> INF. – <u>Eh, eh,</u> acredito que sim, né?
5	INQ. – E a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? INF. – ervas e plantas? Eu poderia di... eu chamaria de uma curandeira, por exemplo.	
6	INQ. – E a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? INF. – Curandêra.	
7	INQ. – E a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? INF. – Curadeira.	
8	INQ. – ... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? INF. – bom, cientificamente é a fitoterapeuta, né? Aí... tem aquelas pessoas que são de um conhecimento vamu dizê muito rico do senso comum que por força da experiência conseguem se sair de uma série de situações recorrendo né? A plantas, a chás, a lambedor e tal INQ. – E pra essas aí como é que se chama? Como as pessoas normalmente chamam? INF. – Essas do senso comum, né? INQ. – um rum... INF. – Não sei não... além de benzedeira... de ...Meu deus não tô lembrada agora o nome.	

Fonte: Elaborado pela autora

Com relação à questão 164, os informantes da Mesorregião Norte, no município de Pinheiro tenderam a relacionar o lema da questão a uma prática das religiões de matriz africana. Já os de São Luís, utilizaram a unidade lexical *curadeira* recorrentemente para responder a questão. Os informantes ludovicenses com menor escolaridade, em sua maioria, associaram o lema da questão com práticas das religiões africanas.

QUADRO 26: 163 Lexias registradas na Mesorregião Oeste Maranhense: Turiaçu e Imperatriz

INF	MESORREGIÃO: OESTE MARANHENSE	
	MICRORREGIÃO: Gurupi	MICRORREGIÃO: Imperatriz
	MUNICÍPIO: Turiaçu (MA4)	MUNICÍPIO: Imperatriz (MA7)
1	INQ. – ... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta? INF. – Aqui a gente chama de pajana.	INQ. – ... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta? INF. – É a curandêra, bezen... benzedêra. INQ. – E a pessoa que trata de doenças com ervas e plantas? Tu falastes ainda pouco dois nomes, né, eu te perguntei a mulher que tira mau olhado com reza e galho de planta, tu falastes... INF. – É a... <u>a... curan...</u> INQ. – <u>Benzedeira</u> , o que que tu falastes? INF. – É a curandêra, benzedêra, rezadêra...

2	INQ. – ... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta? INF. – benzidêra	INF. – Rezadera -
3	INQ. – Como se diz uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta? INF. – benzidera né?	INF. – Rezadera.
4	INQ. – ... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta? INF. – rezadêra... benzêra...	INF. – Rezadêra

Fonte: Elaborado pela autora

Na região Oeste Maranhense, *bezendêra* e *rezadêra* são as unidades lexicais mais utilizadas como primeira ou segunda resposta à questão 163 (QSL/ALiMA). O informante MA7/1, foi o que apresentou a maior variedade denominativa dentre os entrevistados, apresentando *curadeira*, *bezideira* e *rezadêra* como lema da questão. Já o informante MA4/1, de Turiaçu, demonstrou que não há diferença para ele entre os lemas da questão 163 e 164 (QSL/ALiMA), como podemos comparar no Quadro 27.

QUADRO 27: 164 Lexias registradas na Mesorregião Oeste Maranhense: Turiaçu e Imperatriz

INF	MESORREGIÃO: OESTE MARANHENSE	
	MICRORREGIÃO: Gurupi	MICRORREGIÃO: Imperatriz
	MUNICÍPIO: Turiaçu (MA4)	MUNICÍPIO: Imperatriz (MA7)
1	INQ. – ... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? INF. – Com ervas? INQ. – é. INF. – A gente chama também de pajana, é por causa que tira do pensamento dela. INQ. – é? INF. – é.	Sem resposta
2	INQ. – ... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? INF. – macumbêru	INF. – Curadera -
3	INQ. – E a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? INF. – Pessoa que trata é.. é... gente chama de pessoas que são remedista de plantas medicinais, que gostam de fazê remédio ,chá de coisa assim, assim que eu vejo eles falarem assim.	INF. – Macumbero.
4	INQ. – ... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? INF. – remedista	INF. – Benziêra

Fonte: Elaborado pela autora

Pajana, *macumbêro*, *mesiêra*, *remedista* e *curadera* foram as unidades lexicais encontradas na Mesorregião Oeste Maranhense. Pelo menos dois informantes desta região (MA4/2 e MA7/3) relacionaram o lema da pergunta a uma prática pertencente

às religiões de matrizes africanas, o que possivelmente pode haver relação com a orientação religiosa dos informantes, ambos afirmam pertencer a igrejas cristãs evangélicas. As variáveis sexo e idade não se mostraram relevantes nesta região.

QUADRO 28:163 - Lexias registradas na Mesorregião Centro Maranhense: Bacabal e Tuntum.

INF	MESORREGIÃO: CENTRO	
	MICRORREGIÃO: Médio Mearim	MICRORREGIÃO: Alto Mearim e Grajaú
	MUNICÍPIO: Bacabal (MA16)	MUNICÍPIO: Tuntum (MA18)
1	INF. – Macumbera.[...] Rezadera. [...] Eh...Nóis chama é rezadera, macumbera.	INF. – Só mermo que reza nas crianças. INQ.- Como é que se chama elas? Eu vou chamar a...? INF.- Rezadeira.
2	INF. – Benzedêra.	INF. – É rezadora, é chama macumbera assim...
3	INF. – Rezadera?	INF. – É, é... <u>Benzedêra</u> .
4	INF. – Benzedera, Rezadera.	INF. – Rezadêra.

Fonte: Elaborado pela autora

Na região central do Maranhão, as unidades lexicais mais frequentes foram *rezadera* e *benzedera*. É, entretanto, importante assinalar que pelo menos dois informantes da primeira faixa etária associaram o lema da questão à *macumba*, prática identificada como própria das religiões de matrizes africanas.

QUADRO 29: 164 - Lexias registradas na Mesorregião Centro Maranhense: Bacabal e Tuntum.

INF	MESORREGIÃO: CENTRO	
	MICRORREGIÃO: Médio Mearim	MICRORREGIÃO: Alto Mearim e Grajaú
	MUNICÍPIO: Bacabal (MA16)	MUNICÍPIO: Tuntum (MA18)
1	INF. – Curadó.	INQ. – Agora tem uma pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas, não é remédio de farmácia, é planta que tem mesmo, como é que chama essa pessoa? INF. – Rapa num sei lhe dizer bem como é que chama INQ.- Mais tem por aqui? INF.- Tem não. INQ.- Mais tu conhece uma pessoa dessa? Tem nome pra ela? INF.- Rapaiz tem na rua, mais eu nunca fui lá, num sei nem como é o nome não.
2	INF. – ((pergunta não respondida))	INF. – A rezadora trata também.
3	INF. – Eles chamu dotô do matu.	INF. – Eh... Rapá, aqui a hente diz “fulano, acolá lá no Tuntum tem... tem...” até fala que é desse. Diz: “Fulano não, fulano lá em curandêro, rapaz. Ela cura, ela cura pelas planta.
4	INF. – Uhn, rû. INQ. – Prepara... INF. – Remédio INQ. – Remédio com ervas, com plantas. Como é que chama essas pessoas, aqui? INF. – Eh... o pessoal chamo... diz que é (mesfêra).	INF. – Curadó.

Fonte: Elaborado pela autora

Com relação à questão 164, no município de Tuntum observamos que há uma tentativa de distanciamento do lema da pergunta “Rapaz tem na rua, mais eu nunca fui lá, num seu como é o nome não”. Nesta região, também notamos certa tendência à interdição total da palavra por constituir-se um tabu social.

QUADRO 30: 163 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense I: Brejo, Araiões e Codó

INF	MESORREGIÃO: LESTE MARANHENSE		
	MICRORREGIÃO: Chapadinha	MICRORREGIÃO: Baixo Parnaíba Maranhense	MICRORREGIÃO: Codó
	MUNICÍPIO: Brejo (MA13)	MUNICÍPIO: Araiões (MA14)	MUNICÍPIO: Codó (MA17)
1	INF. – Rezadêra.	INF. – Rezadeira	INF. – Não entendi. INQ. – uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta? INF. – Se chama de rezadêra.
2	INF. – Rezadera.	INF. – Rezadera	INF. – É uma rezadora.
3	INF. – Rezadera.	INF. – Rezadeira.	INF. – Simpatia. INQ. – É pra mulher? Eu digo pra mulher que tira o mau-olhado com rezas... INF. – Quebranti. Tira de criança. INQ. – É, eu digo da mulher, a mulher que faz isso, tira o quebranti... INF. – Rezadêra. Bezendera.
4	INF. – É que benzi. É a benzedera.	INF. – Rezadêra. Benedêra .	INF. – Que tira o olhado? INQ. – É. Que tira o mau-olhado. Tem mulheres... INF. – Rezadeira.

Fonte: Elaborado pela autora

Na Mesorregião Leste Maranhense - municípios de Brejo, Araiões e Codó, *rezadeira* foi a unidade lexical mais recorrente, utilizada por 91,66% dos informantes da região, seguida por *benzedera*, utilizado por três dos 12 informantes dessas localidades.

QUADRO 31: 164 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense I: Brejo, Araiões e Codó

INF	MESORREGIÃO: LESTE MARANHENSE		
	MICRORREGIÃO: Chapadinha	MICRORREGIÃO: Baixo Parnaíba Maranhense	MICRORREGIÃO: Codó
	MUNICÍPIO: Brejo (MA13)	MUNICÍPIO: Araiões (MA14)	MUNICÍPIO: Codó (MA17)
1	Não responde	INF. – cuidadera	INF. – Curadô.
2	((pergunta não respondida))	INF. – Macumbeiro INQ. – Esse cura com planta, com ervas INF. – Tem umas que chama de macumbeiro INQ. – Tem outro nome, além desse? INF. – Que eu conheço, só esse	INF. – É a... (pausa longa) É macumbera. INQ. – É? Que trata da doença usando ervas e plantas? INF. – É.

3	INF. – A propósito das perguntas retomadas: Mezinhero.	INF. – Macumbêra.	INF. – Mezinhero ou pode ser curandeiro. INQ. – Mezinhero é? INF. – Mezinhero, curandero. E puxando pra outras coisas panjenderia (inint) e outras coisas.
4	INF. – <u>Tem outra.</u> INQ. – <u>Prepara remédio.</u> INF. – <u>Remédio.</u> remédio caseiro. INQ. – É. Como é que se chama essa pessoa? Tem algum nomezinho pra ela? INF. – É. Tem. Fulano sabe fazer remédio, medicina caseira pra tratar de...de...desse tipo de coisa. (não respondida)	INF. – Curandêra.	INF. – que trata de doença? INQ. – É. Que trata de doenças usando ervas, plantas. Como é que chama a pessoa? INF. – sentista. INQ. – Tem outro nome? INF. – sentista, rezadeira INQ. – Rezadeira é? Mas aí tanto faz eu dizer que vou no sentista ou na rezadeira é a mesma coisa? INF. – É a mesma coisa. INQ. – É a mesma coisa. INF. – Ela tá sendo a mesma coisa.

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à pergunta 164 (QSL/ALiMA), como vimos nas Mesorregiões Norte e Oeste do Maranhão, temos a associação do lema da pergunta à uma prática das religiões de matrizes africanas, como pode ser verificado na fala do informante MA17/2: “É a...(pausa longa) macumbera”. Em Brejo, três dos quatro informantes não respondem a questão, dois inclusive utilizando a interdição total e a informante MA13/4 utilizando o circunlóquio como estratégia para não utilizar a palavra tabu. Além disso, a informante MA17/4 demonstra não identificar a diferença entre os lemas das perguntas 163 e 164 (QSL/ALiMA)

QUADRO 32: 163 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense II: Caxias e São João dos Patos

INF	MESORREGIÃO: LESTE MARANHENSE	
	MICRORREGIÃO: Chapadas do Alto Itapecuru	MICRORREGIÃO: Caxias
	MUNICÍPIO: São João dos Patos(MA11)	MUNICÍPIO: Caxias (MA12)
1	INF. – Chama-se rezadora.	INF. – É...rezadeira.
2	INF. – Rezadêra?	INF. – Aqui é rezadô.
3	INF. – Olha, aqui chamo rezadeira. (inint) meu filho tá com quebranto, está com mau olhado, que é tudo a mesma coisa, e ela reza. Aí ela tira uns galhinho de folha lá, e quando termina de rezar o galhinho tá bem muchinho. Então eu hoje... (pausa) Eu acredito. Eu acredito. Aconteceu com neto meu, com filho meu e deu certo. INQ. – E chama pra essas mulheres de... <u>rezadêra</u> ? INF. – <u>Rezadêra.</u>	INF. – Rezadêra.
4	INF. – A gente chama é a... rezadô.	INF. – Rezadêra.

Fonte: Elaborado pela autora

Os municípios São João dos Patos e Caxias seguem a mesma tendência dos outros municípios da Mesorregião Leste que foram investigados, apresentando *rezadêra* como unidade lexical mais frequente dentre seus falantes. Destacamos aqui a fala do informante MA11/3 que afirma enfaticamente que crê nesta prática.

QUADRO 33: 164 - Lexias registradas na Mesorregião Leste Maranhense II: Caxias e São João dos Patos

INF	MESORREGIÃO: LESTE MARANHENSE	
	MICRORREGIÃO: Chapadas do Alto Itapecuru	MICRORREGIÃO: Caxias
	MUNICÍPIO: São João dos Patos(MA11)	MUNICÍPIO: Caxias (MA12)
1	INF. – E cura. Agora o nome das pessoa... não sei. Que coisa <u>as...</u> que faz <u>remédio</u> . INQ. – <u>É que</u> faz remédio com erva... INF. – com planta.	INF. – Não sei... INQ. – Mas tem por aqui? INF. – Tem mais não tô lembrado
2	INF. – Curadó?	INF. – Rezadô mesmo. INQ. – Como é? <u>Rezadô</u> ? INF. – <u>Rezadô</u> . É.
3	INF. – Remédio casêro. INQ. – Não. A pessoa que faz, que trata das doenças com isso. Tem algum nome? O senhor conhece alguma pessoa aqui que trate de doença usando ervas, plantas? INF. – Não. O nome que sei é só esse: fulana de tal dos anzóis, fulano, que seja, ele faz remédio casêro que é muito bom pra esse tipo de coisa que cê tá falando, tá sentindo. INQ. – A essa pessoa que faz esse <u>remédio</u> INF – <u>Chama</u> remédio casêro. INQ. – Não. Eu digo pra pessoa que faz o remédio tem algum nome pra essa pessoa? INF. – Não. Não. Não. Só o nome normal mesmo. Fulano de tal, pode ser Ana Maria, Ana, Joana, Chiquinha, Raimunda. Tem um otro pessoal que as vezi tem um rezado. Tem aquele rezado aculá ele adivinho você chega lá, ele olha pra você e diz o que você quer. Um remédio, uma garrafada... ele diz que o menino tá no pé da garrafa, no fundo é porque você num, num, num pego gravidez ainda, mas com esse remédio aqui você vai considerá um filho mais fácil. Agora esse chamo chamo rezado, chamo o mezinêro, que é o que faz mezinho e faz remédio de garrafada, sabe? INQ.- Um rum.	INF. – Macumbero? É por aí assim...(riso)
4	((O inquiridor pulou a pergunta))	INF. – (pausa) É... como é que se diz? É... garrafada. INQ. – Mas eu digo a que faz isso? Como é que chama aqui? INF. – (Pausa longa) INQ. – A garrafada é o que ele prepara, <u>né? É o que faz?</u> INF. – <u>Macumbera</u> . Macumbera.

Fonte: Elaborado pela autora

No município de Caxias, observamos que o lema da questão 164 é relacionado com a prática das religiões de base africana, como revela a fala da informante MA12/4 “(Pausa longa)/ Macumbera. Macumbera”. Nesta localidade, observamos a estratégia de demonstrar desconhecimento do nome, como fez o informante MA12/1 “Tem, mas num tô lembrado.”. Seria este, de fato, um desconhecimento ou uma interdição por crer tratar-se de uma palavra tabu? Já em São João dos Patos, os falantes parecem não admitir o valor negativo para o lema da questão 164, diferentemente do que verificamos nesta região.

QUADRO 34:163 Lexias registradas na Mesorregião Sul Maranhense: Carolina, Balsas e Alto Parnaíba

INF	MESORREGIÃO: SUL		
	MICRORREGIÃO: Porto Franco	MICRORREGIÃO: Gerais de Balsas	
	MUNICÍPIO: Carolina (MA08)	MUNICÍPIO: Balsas (MA09)	MUNICÍPIO: Alto Parnaíba (MA10)
1	INF. – Benzedêra.	A propósito da pergunta retomada: rezadera.	INF. – Rezadera
2	INF. – Feiticêra .	INF. – Macumbêra	INF. – Rezadêra
3	INF. – Rezadêra	INF. – Aqui eles chama é a mulher rezadeira mehmo... rezadeira que trata de criança com reza...	INF. – Rezadêra
4	INF. - Como é que chama o nome do... <u>da reza</u> ? INQ- <u>Não</u> , que se refere a essas mulheres que fazem isso, que tira mal olhado <u>com rezas</u> , com galhos de planta... INF- <u>Tira mau olhado</u> ... Tira quebranti, é. INQ- Diz que essas mulheres são o quê? INF- Rezadêra mehmo.	INF. – Benzedêra	INF. – Rezadêra

Fonte: Elaborado pela autora

A Mesorregião Sul Maranhense, como a maioria das outras mesorregiões estudadas, apresenta como unidade lexical mais frequente *rezadêra*. Entretanto, como aconteceu em São Luís, a informante de Carolina, faixa etária I (MA8/2) também relaciona o lema da questão 163 com *macumba*.

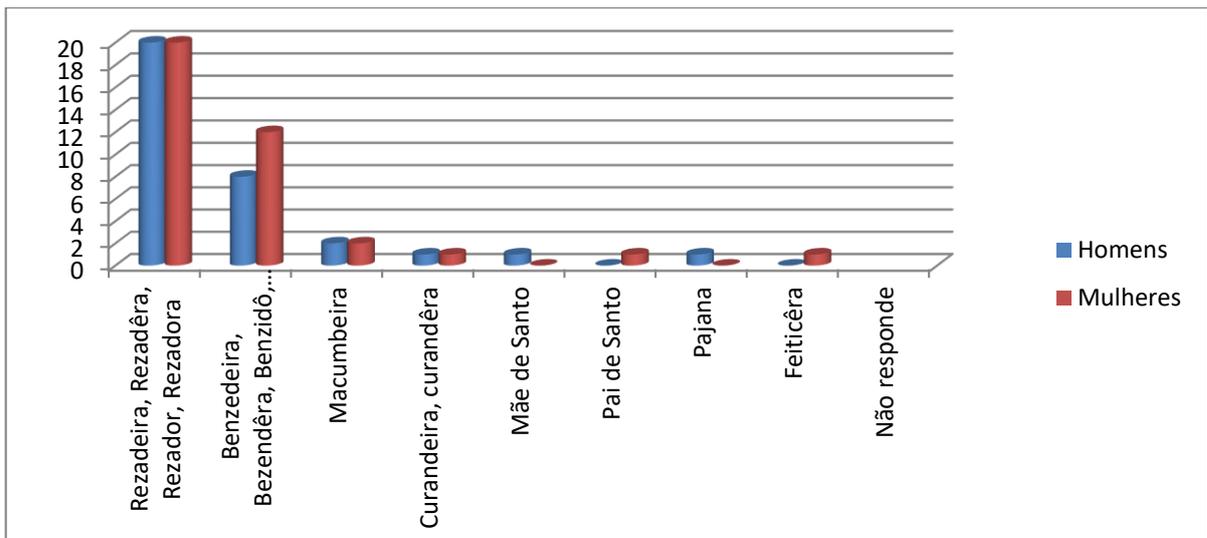
QUADRO 35:164 Lexias registradas na Mesorregião Sul Maranhense: Carolina, Balsas e Alto Parnaíba

INF	MESORREGIÃO: SUL		
	MICRORREGIÃO: Porto Franco	MICRORREGIÃO: Gerais de Balsas	
	MUNICÍPIO: Carolina (MA08)	MUNICÍPIO: Balsas (MA09)	MUNICÍPIO: Alto Parnaíba (MA10)
1	INF. – Curandêro	Não respondida	INF. – Pessoas que como é? INQ. – Pessoas que tratam doenças, com ervas com plantas, que dizem toma isso aqui é bom pra curar dor de barriga, uma dor no olho. Tu conhece isso aqui nunca viu isso? No interior não tem uma pessoa que você toma o remédio... INF. – Tem INQ. – Mas como é que chama isso aqui? INF. – Curadera
2	INF. – Num é medicinar , né?	INF. – Rezadô...não INQ. – E a mulher chama de rezador? INF. – É que eu troquei INQ. – Tu trocaste. O que é o rezador? INF. – Rezadô é o que cura, cuida da pessoa que ta doente, vai rezá. INQ. – Que vai com <u>galinho de planta</u> ? INF. – <u>É</u> . INQ. – Esse chama rezador? INF. – Huhum INQ. – E o que faz <u>remédio</u> ? INF. – <u>Eu sei</u> . É o macumbêro que é pá ficá curado	INF. – Raizêra
3	INF. – É curador, curandêro. (risos).	INQ. – Raizeiro? INF. – Raizeiro , que trata com ervas, raize e folha... (acaba o cd 1)	INF. – Raizêro
4	INF. - Curadora parece que é curadora.	INF. – Raizera	INF. – Raizêra

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à questão 164, na Mesorregião Sul observamos uma variedade denominativa maior, sendo registradas na região as unidades lexicais *curador*, *curandeiro*, *rezador* *raizêro*, *macumbêro*. Além disso, apenas um dos informantes associou o lema da pergunta à prática de *macumba*, socialmente negativa em nossa comunidade.

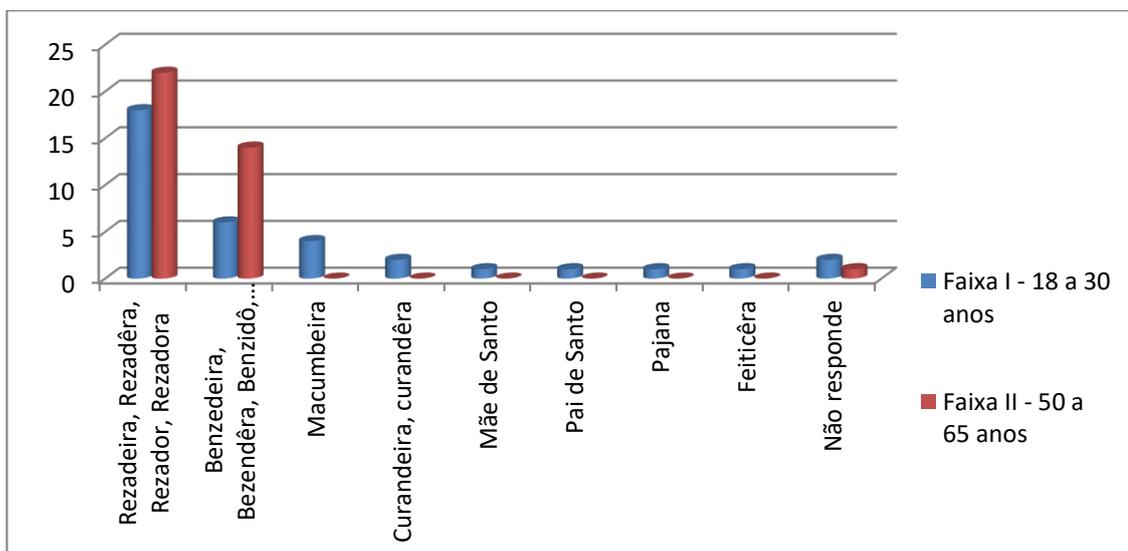
GRÁFICO 23: 163 - Utilização de lexias X variável sexo



Fonte: Elaborado pela autora

Quando observamos a variável sexo e a frequência das unidades lexicais utilizadas pelos falantes maranhenses para a pergunta 163, percebemos que há uma recorrência do uso do item *rezadêra* tanto entre os homens quanto entre as mulheres. As mulheres, entretanto, utilizaram mais *benzedeira* do que os homens. *Feiticêra* foi utilizada somente pelas informantes do sexo feminino. Temos ainda que há uma equidade na utilização de unidades lexicais que se relacionam com as religiões de matrizes africanas entre os homens e mulheres maranhenses, tendo em conta que as variantes *macumbeira*, *mãe de santo* e *pai de santo* foram realizadas por ambos os sexos.

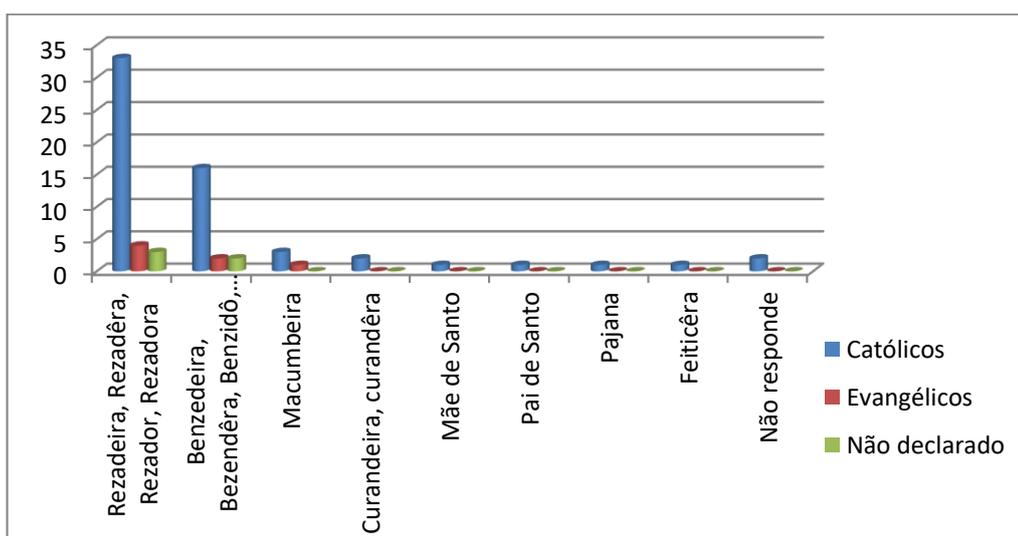
GRÁFICO 24: 163 - Utilização de lexias X variável idade



Fonte: Elaborado pela autora

No Gráfico 24, notamos que o uso de *rezadeira* e *bezendeira* se dá principalmente entre informantes da segunda faixa etária. Estes, por seu turno, apresentam menor variação denominativa do que os informantes da primeira faixa etária. É importante observar ainda que apenas os informantes da primeira faixa etária associam o lema da questão 163 às práticas religiosas de matrizes africanas, os entrevistados com mais idade não o fazem. Isso pode ocorrer, possivelmente, porque até meados do século XX poucas eram as cidades maranhenses que tinham uma infraestrutura regular na área da saúde (cf. FERREIRA, 2017), daí que a população com menos acesso aos serviços de saúde buscava a cura para suas enfermidades em rituais de pajelança.

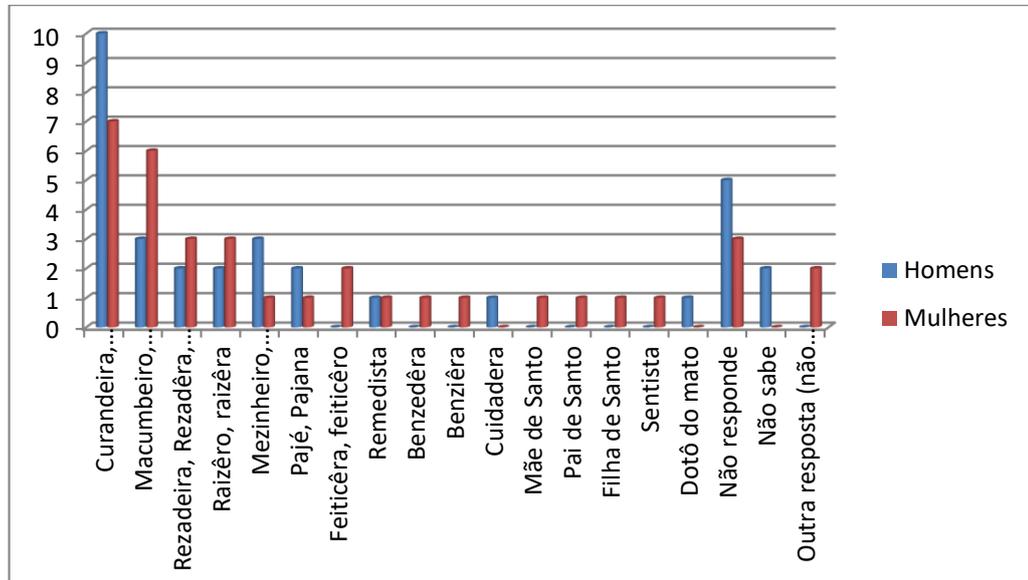
GRÁFICO 25: 163 - Utilização de lexias X variável orientação religiosa



Fonte: Elaborado pela autora

Com o predomínio do catolicismo entre os informantes maranhenses que compõem esta pesquisa, notamos que há uma baixa variação denominativa entre os que não possuem esta orientação religiosa. Assim, *rezadeira* e *bezendeira* apresentam-se como as unidades lexicais mais recorrentes dentre as ocorrências obtidas, principalmente, entre os informantes que se autodeclaram católicos. Podemos, pois, afirmar que a variável orientação religiosa não foi significativa no processo de tabuização de lexias que se referem ao lema da questão 163 (QSL/ALiMA).

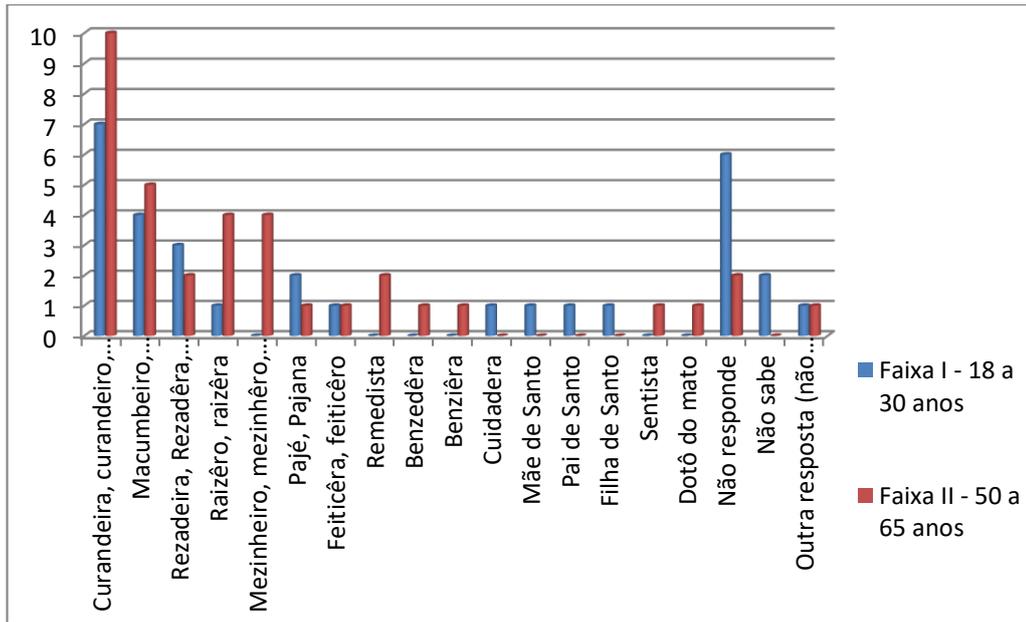
GRÁFICO 26: 164 - Utilização de lexias X variável sexo



Fonte: Elaborado pela autora

Ao contrário da questão 163, a 164 (QSL/ALiMA) apresentou cerca de 16 unidades lexicais como resposta para a pergunta “Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?”, exibindo uma variedade denominativa inferior somente à 159(*diabo*). Notamos também que os homens tenderam a utilizar mais as unidades lexicais *curandeiro*, *macumbeiro* e *mezinheiro*, enquanto as mulheres utilizaram mais frequentemente *curandeiro*, *macumbeiro*, *rezadeira* e *raizêro*. As informantes do sexo feminino também apresentaram uma maior variedade denominativa do que os homens maranhenses. Estes, por sua vez, foram os que mais deixaram de responder a questão, possivelmente casos de interdição total da palavra lema da questão 164, constituindo o fenômeno do tabu linguístico.

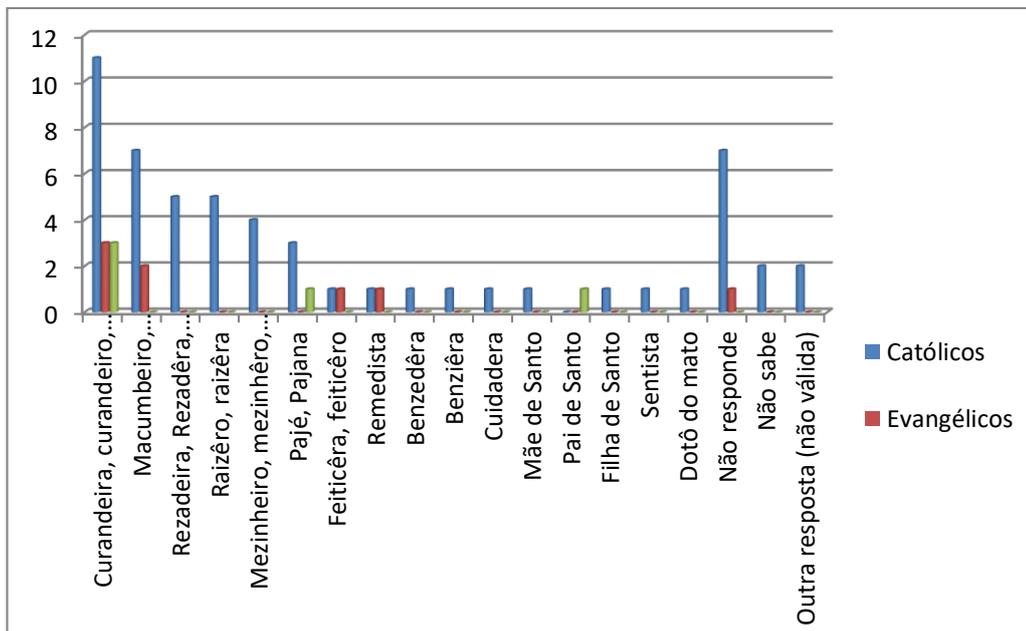
GRÁFICO 27: 164 - Utilização de lexias X variável idade



Fonte: Elaborado pela autora

Ao observarmos a variável idade e os registros na fala dos maranhenses quanto à questão 164(QSL/ALiMA), verificamos que *raizero*, *mezinheiro*, *beziêra*, *benzedêra*, *remedista*, *sentista* e *dotô do mato* são unidades utilizadas quase que exclusivamente por informantes da faixa etária II (de 50 a 65 anos). *Mãe de santo*, *pai de santo*, *filha de santo*, entretanto, são utilizadas apenas por informantes da primeira faixa etária. O número de informantes que deixou de responder a questão também é maior nesta faixa etária do que a faixa dos sujeitos com maior idade.

GRÁFICO 28: 164 - Utilização de lexias X variável orientação religiosa



Como também verificado nos dados gerados pelas respostas das outras questões investigadas, a variável orientação religiosa não se apresentou relevante na questão 164 (*benzedeira*). Evangélicos, também pelo número de informante que assim se declararam com esta orientação religiosa, utilizaram somente quatro das 16 unidades lexicais encontradas para a referida questão: *curandeiro*, *macumbeiro*, *feiticêro*, *remedista*. Contrariando nossa expectativa, observamos que os católicos tenderam a deixar de responder mais a questão do que o outro grupo que se declarou evangélico.

Em síntese, os dados revelaram que: i) as lexias *diabo*, *despacho*, *amuleto*, *rezadeira* e *curandeira* são tabuizadas no falar maranhense; ii) há uma relação entre a tabuização das unidades lexicais estudadas e as variáveis sexo, idade, naturalidade e orientação religiosa, no entanto, essa relação se dá de forma diferente dependendo da lexia em questão; iii) as lexias que são associadas às religiões africanas tendem matizar-se com tons negativos, sendo mais passíveis de tabuização, como é o caso de *amuleto*, *despacho*, *rezadeira* e *curandeira*.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Somos usados pela linguagem tanto quanto a usamos” Lakoff (2010, p.13)

Nossa trajetória ao longo desta dissertação apresentou-se bastante desafiadora. Afinal é um desafio retratar o léxico de uma comunidade tão heterogênea como a maranhense. A história e a cultura maranhense pareceram, em alguns momentos assustar-nos ao tentarmos transpor o desafio de elaborar uma análise sobre o repertório lexical desta comunidade. Nossa interpretação que teve como base as lexias do universo das religiões e crenças do Maranhão só foi possível quando mergulhamos na história, geografia, sociedade e cultura de nosso povo buscando inferências que possivelmente motivaram sua constituição vocabular.

Outro grande desafio transposto foi de aceitar que os dados é que nos levam, são eles que firmemente seguram as rédeas de nossa análise e nos mostram que nem sempre o que esperamos de fato ocorre. Os fenômenos linguísticos refletem a comunidade mostrando-nos a visão de mundo desses sujeitos, suas crenças, seus tabus. Este trabalho nos possibilitou perceber o tabu como um fato social e cultural que se materializa na esfera do linguístico, isto porque “a linguagem, e as línguas, (...) foram, são e serão sempre – enquanto existirem – um fato humano, o que necessariamente implica, por ora, duas categorias, a social e a cultural” (HOUAISS, 1980, p.2). O fenômeno do tabu linguístico corrobora a ideia de que não é possível dissociar linguagem e sociedade. É o componente social que regula comportamentos – sociais, culturais, linguísticos – e sanciona quais são as condutas adequadas e quais as inadequadas.

Este estudo evidenciou aspectos da dinamicidade lexical manifestada na linguagem popular que, ao mesmo tempo que se configura como conservadora, uma vez que se prende a valores que preservam a identidade cultural da sociedade, contribui para a renovação e para a expansão do léxico, já que, ao longo do tempo, lexias antes fortemente tabuizadas podem deixar de ser tabu.

É importante, assim, retomar as perguntas feitas no início deste estudo – (i) Que unidades lexicais do campo religião e crenças do Questionário Semântico Lexical (QSL) do ALiMA são tabuizadas no falar maranhense?(ii) Qual a relação entre a tabuização das unidades lexicais estudadas com as variáveis sexo, idade, naturalidade e orientação religiosa do falante?

A partir destas indagações conseguimos verificar que as lexias *diabo*, *despacho*, *amuleto*, *rezadeira* e *curandeira* são tabuizadas no falar maranhense. Dada a forte influência do catolicismo na cultura brasileira e, conseqüentemente na maranhense, era esperado que as unidades lexicais que se referissem ao *diabo* fossem tabuizadas. Entretanto, obtivemos um alto índice de produtividade nesta questão, sendo utilizada outras estratégias para a tabuização da referida lexia, como *alteração do volume da voz*, utilização de sinônimos e eufemismos além do uso de circunlóquios ou da tentativa de imprimir um tom mais humorado (com ou sem risos) junto ao inquiridor. Surpreendeu-nos, ainda, a associação de *amuleto* a um matiz socialmente negativo por uma parte dos informantes, e o grande índice de tabuização desta unidade lexical. Observamos que as lexias que são associadas às religiões africanas tendem a admitir um tom negativo, sendo mais passíveis de tabuização, como é o caso de *amuleto*, *despacho*, *rezadeira* e *curandeira*.

Podemos afirmar também que relação entre a tabuização das unidades lexicais estudadas e as variáveis sexo, idade, naturalidade e orientação religiosa se dá de forma diferente dependendo da lexia em questão. De fato, a variável que mais se mostrou significativa em casos de tabuização foi a *idade*. Pessoas com menos idade tenderam a tabuizar menos que as pessoas com mais idade. É importante, dizer, ainda, que, com o cruzamento das variáveis idade e sexo, pudemos constatar que homens da segunda faixa etária apresentaram mais casos de interdição total da palavra tabuizada,

A *localidade* também se apresentou com certa relevância, uma vez que na mesma mesorregião houve grandes disparidades nos comportamentos linguísticos apresentados. Contudo, um dos municípios estudados que mais apresentou diferenças frente aos outros foi Alto Parnaíba, localidade que fica mais afastada da capital maranhense, situando-se no extremo Sul do Maranhão. Ali, observamos que: i) a unidade lexical *diabo* só obteve uma ocorrência; ii) não houve a utilização de *macumba* ou *dispacho* como resposta da pergunta 161; iii) *amuleto* não se apresentou como constituinte do vocabulário da comunidade; e iv) *rezadera* e *raizêra* foram, respectivamente, respostas para as questões 163 (*rezadeira*) e 164 (*benzedeira*).

Localidades com grande presença de negros, possuindo inclusive parte da população de quilombolas do Maranhão, como Brejo e Codó²² apresentaram vários

²² Luís Henrique Serra, professor da Universidade Federal do Maranhão, Campus Codó, comentou, em conversa informal, que há atualmente uma tentativa de desvincular o município de Codó das religiões de matriz africana. Outrora conhecida como a “Cidade da Encantaria”, hoje Codó encontra, em seus

casos de tabuização de unidades lexicais que eram associadas às religiões de matrizes africanas, havendo, inclusive, alguns informantes marcando seu distanciamento frente a palavras que se associavam a essas religiões e à pajelança. Isso reforça a ideia de que o maranhense tende a desvanecer a influência indígena e a afro-brasileira de sua constituição identitária com valores socialmente negativos, na busca de se assemelhar mais ao colonizador europeu.

É possível, pois, que a autodeclaração como católico, fato predominante nas respostas dos entrevistados, seja um recurso utilizado pelos falantes para indicar sua orientação religiosa de forma genérica, quando o falante não quer se comprometer ou divulgar seu pertencimento a uma crença específica, por perceber que esta é considerada como negativa em sua comunidade.

Além disso, podemos verificar por meio da variável etária que costumes de católicos devocionais tradicionais, como a montagem de *presépios* diminuíram e vêm diminuindo entre os falantes maranhenses como observamos nos relatos dos sujeitos investigados.

Observamos, ainda, que as unidades lexicais mais tabuizadas foram aquelas associadas às práticas de religiões marginalizadas (remanescentes da cultura indígena e do negro africano), uma vez que foram mais recorrente a não respostas para as questões 161 (*feitiço*), 162 (*amuleto*) e 164 (*raizêro*), do que, inclusive para a questão 159 (*diabo*) como imaginávamos previamente.

Como principais recursos para não utilização de palavras consideradas tabu, os informantes maranhenses recorriam a sinônimos, a subvocalização, a substituição da lexia tabuizada por adjetivos e por circunlóquios. Além dessas estratégias, os sujeitos também lançaram mão de silêncios e de grandes pausas, além das tentativas de imprimir humor às respostas, muitas vezes com a utilização de risos, e as marcações de distanciamentos de possíveis palavras cujos referentes fossem negativos junto à comunidade.

Acreditamos que esta dissertação pode contribuir para preencher uma lacuna no âmbito dos estudos sobre o tabu linguístico, mais especificamente o tabu linguístico religioso, além de proporcionar um maior conhecimento do português falado no Maranhão. A descrição e a interpretação do repertório lexical do campo semântico

governantes, apoio para vir a ser conhecida como a “Cidade de Deus”, como consta em placa na entrada da cidade.

“Religiões e Crenças” deve ainda contribuir para o mapeamento do falar maranhense, possibilitando fornecer dados linguísticos que registram a variação linguística.

Os resultados aqui apresentados também podem levar a estudos futuros sobre as territorialidades religiosas no Maranhão, uma vez que ao apresentarmos a distribuição geográfica das unidades lexicais estudadas visualizamos vínculos com pelo menos duas vertentes religiosas representativas e presentes, muitas vezes motivadoras das escolhas lexicais feitas pelo falante.

Diante do exposto, podemos afirmar que, por ser um fato social e cultural que se concretiza na língua, o tabu também sofre interferência de pressões sociais. Assim, o tabu linguístico evoluirá de modo a acompanhar a cultura, a língua, o homem que o usa, pois “A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula.” (BENVENISTE, 1995, p. 32).

O estudo sobre o tabu linguístico ratificou o caráter vivo e dinâmico da linguagem e se mostrou como fonte reveladora da consciência, tanto individual quanto coletiva, dos usuários de uma língua. Por meio do tabu podemos observar como o homem interpreta a si mesmo e à sua dimensão social, pois, ao utilizar a *palavra*, o homem expressa sentimentos e emoções particulares. Podemos afirmar, então, que o tabu linguístico não fala por si mesmo, ele fala *pelo* e *sobre* o homem, amoldando-se à sua vontade, ao seu *sentir* e à sua maneira de enxergar/categorizar o mundo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. de. *À guisa de uma tipologia para os tabus linguísticos: uma proposta para um glossário*. (Tese de Doutorado). Mestrado em semiótica e linguística geral. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. São Paulo – SP, 2007. 372p. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde.../TESE_LAURA_DE_ALMEIDA.pdf. Acesso em: 06.jun.2016.
- ANDRADE, M.O. A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. *CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais* n.14. set. 2009, p. 106 – 118. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n14/6A%20religiosidade%20brasileira.pdf>> 17.dez.2017.
- AUGRAS, M. *O que é tabu*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BATISTELLA, M., et al. Relatório do Banco de Dados do Macrozoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Maranhão. Campinas, SP: Embrapa, 2013.
- BARBOSA, M.A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. IN: *Anais do II Simpósio Latino-americano de Terminologia*. Brasília, set.1990, p.152-158.
- BARROS, M.de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, (1916[2010]).
- BARROS, A.E.A. Em tempos de cura: sujeitos e desigualdades na pajelança no Maranhão. IN:BARROS, AEA et alii. (Orgs.) *Histórias do Maranhão em tempos de República*. São Luís: EDUFMA; Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p.119-146.
- BENKE, V. C. M. *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em estudos de linguagens. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. Campo Grande – MS, 2012. 313p. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/benke_vanessa._tabus_linguisticos.pdf. Acesso em: 06.jun.2016.
- BENVENISTE, É.. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995.
- _____. *Problemas de lingüística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.
- BIDERMAN, M. T. C. Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional. 2ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CALVET, L.J.. *Sociolinguística, uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARDOSO, D. P. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015. Disponível em: <<https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/atitudes-linguisticas-e-avaliacoes-subjetivas-de-alguns-dialetos-brasileiros-1070>> Acesso em 17.dez.2017.
- CARDOSO, S. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARVALHO, C. *Caboclos e encantados baixam diariamente em Codó-MA*. Jornal O globo. 07.042013. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/caboclos-e-encantados-baixam-diariamente-em-codo-ma>> Acesso em 10.mai.2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 10.ed. São Paulo: Ediouro, 2001.

CASTILHO, A. T de. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

COSERIU, E. A Geografia Linguística. In: _____. O homem e sua linguagem. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença/São Paulo, Universidade de São Paulo, 1982.

CRESPO FERNÁNDEZ, E. *El eufemismo y el disfemismo: procesos de manipulación del tabú en el lenguaje literario inglés*. 2008. Disponível em: <<http://publicaciones.ua.es/publica/Detailles.aspx?fndCod=LI9788479089221&idet=1004>> Acesso em: 15 jun. 2008.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. 15.ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

FAFINA, D.M. *O Tabu Linguístico no português falado no Maranhão e em Guiné-Bissau: um estudo da variação diatópica*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em língua e cultura. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Salvador – BA, 2017.. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/monografias-dissertacoes-e-teses>> Acesso em: 26.jan.2018.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO MARANHÃO. *História*. 2010. Disponível em: <<http://www.femar.org.br/paginas/historia.php>> Acesso:10.maio.2018.

FERNANDES, S. F.. Manifestações de tabus lingüísticos nas designações de prostituta: um estudo em atlas lingüísticos brasileiros. *Anais...*, 2006. Disponível em www.sbpnet.org.br/livro/58ra/JNIC/RESUMOS/resumos_2019.html. Acesso em: 15 jun. 2008.

FERREIRA, A.J.A. *A reestruturação urbana maranhense: dinâmica e perspectivas*. São Luís: EDUFMA, 2017.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. 23. ed. Trad. L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GUÉRIOS, R. F. M. *Tabus lingüísticos*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1956.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 22, nº 2, pp. 15- 46, jul/dez 1997.

_____. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio. Sócio- e etnolingüística. Conferência proferida na Universidade Federal Fluminense no II Congresso Nacional de Sócio e Etnolingüística, Rio de Janeiro, 1980.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas*. v. 1. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/DRB/Divisao%20regional_v01.pdf>. Acesso em: jun. 2017.

_____. *Censo Demográfico - 2010*. Brasília: IBGE. Recuperado em 15 de setembro de 2017, de www.ibge.gov.br.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS. *Maranhão em dados*. São Luís: IMESC, 2016.

KARLBERG, L. G. L. *O tabu lingüístico como espelho da vida social*. 2005. Disponível em <www.ufac.br/informativo/ufac_imprensa/2005/04abr_2005/artigo2034.html>. Acesso em: 15 jun. 2008.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008. [1972].

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972

LARA, L.F. *Curso de lexicología*. México, DF: El Colégio de México, 2006. Disponível em www.academia.edu/9122870/Luis_Fernando_Lara_-_Curso_de_Lexicologia. Acesso em 07 de jul de 2017.

LAKOFF, R. Linguagem e lugar da mulher. IN: OSTERMANN, A.C.; FONTANA, B. (Orgs.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010, p.13-30.

LÓPEZ MORALES, H. *Estratificación social del tabú lingüístico: el caso de puerto rico*. 2008. Disponível em: <<http://elies.rediris.es/elies13/lopez.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2008a.

_____. *Sociolingüística del tabú*. 2008b. Disponível em: <http://www.usal.es/gabinete/comunicacion/conferencia_humberto.pdf> .Acesso em: 15 jun. 2008.

_____. *Sociolingüística*. 3.ed. Madrid: Gredos, 2004.

MACHADO, E.; URETA, M. Aproximación al tabú de las malas palabras. *Boletín de la Academia Nacional de Letras*. n.11.jan/jun. 2002. Disponível em: <http://letras-uruguay.espaciolatino.com/notas/malas_palabras.htm> Acesso em: 15 jun. 2008.

MAGALHÃES, ACM.; BRANDÃO, E. O Diabo na arte e no imaginário ocidental. In MAGALHÃES, ACM., et al. (Orgs.) *O demoníaco na literatura*. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 277-290. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y742k/pdf/magalhaes-9788578791889-21.pdf>> Acesso em: 17. dez. 2017.

MALINOWSKI, B. *Antropologia*. Trad. Eunice R. Durham. São Paulo: Ática, 1986.

MEIRELES, M.M. *História do Maranhão*. 3.ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

MONTEIRO, J. L. As palavras proibidas. In: *Revista de Letras*, v.11, n.2, jul/dez. 1986.

_____. Linguagem e mal estar. *Revista Mal estar e subjetividade*. Fortaleza v. 2, n.1, p. 64-78, mar. 2002. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/271/27120105.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2008.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*.4.ed. Barcelona: Ariel Letras, 2009.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, A.M.P.P. de; ISQUERDO, A.N. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2.ed. v.1. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001.

OLIVEIRA, I.G. de. *Religiões e crenças na Bahia: aspectos do léxico espelhados nos dados do ALiB*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em língua e cultura. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Salvador – BA, 2016. 276 p. Disponível em: <https://alib.ufba.br/monografias-dissertacoes-e-teses>. Acesso em: 18.jun.2017.

QUINTILLÀ ZANUY, M. T.. La interdicción lingüística en las denominaciones latinas para «prostituta». Disponível em: <http://interclassica.um.es/investigacion/hemeroteca/revista_de_estudios_latinos/numero_4_2004/la_interdiccion_linguistica_en_las_denominaciones_latinas_para_prostituta>. Acesso em 20 fev. 2009.

RAMOS, C.de M.de A. (Coord.). Projeto Atlas Lingüístico do Maranhão. São Luís: Universidade Federal do Maranhão. (Departamento de Letras). 83p. Projeto em andamento.

RODRÍGUEZ, A. M.. *Tabus lingüísticos do português do Brasil*. 2007. Disponível em: www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ05_86-94.html. Acesso em: 08 abr. 2007.

RODRÍGUEZ, G. Notas sobre el tabú lingüístico. *Documentos Lingüísticos y Literarios*, Instituto de Filología Hispânica, 1987, p.57-60. Disponível em: <www.humanidades.uach.cl/documentoslinguisticos/document.php?id=760>. Acesso em: 15 jun. 2008.

RUSSELL, J.B. *Satanás: la primitiva tradición cristiana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/343815036/Burton-Russell-Jeffrey-Satanas-La-Primitiva-Tradicion-Cristiana-Juan-Jose-Utrilla-Trad-Mexico-Fondo-de-Cultura-Economica-1986>> Acesso em: 17.dez. 2017.

SANTOS, L. A. Os evangélicos no Maranhão contemporâneo: o pluralismo como experiência e como processo social. IN:BARROS, AEA et alii. (Orgs.) *Histórias do Maranhão em tempos de República*. São Luís: EDUFMA; Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p.119-146.

SILVA, C. B. e. "Aquela palavra ruim, o Ruim": a tabuização da lexia diabo no português falado no Maranhão. *Signum*. Estudos de Linguagem, v. 12, p. 343-366, 2009.

SILVA, C. B. e. "Certas palavras têm ardimentos; outras não": o tabu lingüístico no português falado no Maranhão. In: MOURA, M. D.; SIBALDO, M. A.; SEDRINS, A. P.. (Orgs.). *Novos desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita*. Maceió: EdUFAL, 2010, v. 1, p. 527-531.

TARALLO, F. L. *A pesquisa sociolinguística*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1997.

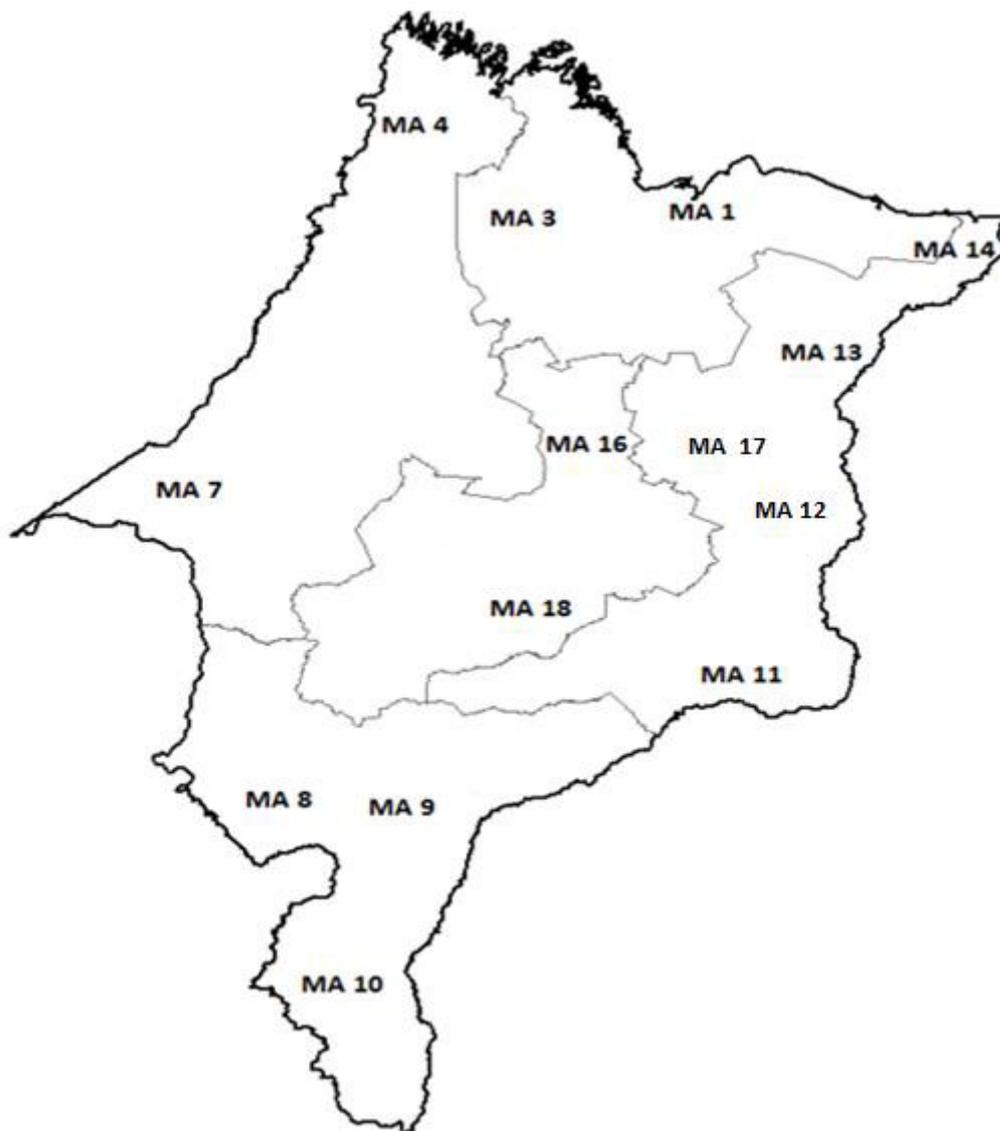
TRUDGILL, P.; HERNÁNDEZ CAMPOY, J.M. *Diccionario de la sociolingüística*. Madrid: Gredos, 2007.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

VILAÇA, M. G. da C.. *Tabus lingüísticos na publicidade brasileira*. (Dissertação de mestrado). Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 132p., 2009.

ANEXOS

ANEXO 1: Pontos linguísticos do ALiMA e ALiB

Anexo 2: Mapa das localidades estudadas distribuídas por mesorregiões

MA 01 – São Luís
MA 03 – Pinheiro
MA 04 – Turiçu
MA 07 – Imperatriz
MA 08 – Carolina
MA 09 – Balsas
MA 10 – Alto Parnaíba

MA 11 – São João dos Patos
MA 12 - Caxias
MA 13 – Brejo
MA 14 – Araioses
MA 16 – Bacabal
MA 17 - Codó
MA 18 – Tuntum

Anexo 3: Ficha da localidade do Projeto ALiMA

	<p>PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO MARANHÃO</p> <p>Ficha da Localidade</p> <p>Nº. do Ponto: Nº. do informante:</p>
---	---

1. NOME OFICIAL:
2. NOME REGIONAL:
3. NOMES ANTERIORES:
4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES: a) pelos próprios: b) pelos habitantes de outras localidades:
5. NOME DADO(S) AO FALAR LOCAL: a) pelos próprios habitantes: b) pelos habitantes de outras localidades:
6. NÚMERO DE HABITANTES: a) Oficial: b) População: b) cálculo do informante
7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:
8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:
9. SUBLOCALIDADES (subúrbios ,sub-distritos, povoações, etc.):
10. COMUNICAÇÕES (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.):
11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):
12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:
13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:
14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:
15. HISTÓRICO SUSCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):
16. OBSERVAÇÕES GERAIS:

ANEXO 4: Ficha de acompanhamento de inquérito do Projeto ALiMA

	PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO MARANHÃO Ficha do Informante Nº. do Ponto: Nº. do informante:	
---	--	--

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE	
1. NOME:	2. ALCUNHA:
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F
5. IDADE:	
6. ENDEREÇO:	
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro	
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE).
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:	
11. LOCALIDADE:	12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros
13. NATURALIDADE A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:	14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não
15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:	
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):	
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:	18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:
RENDA	
19. TIPO DE RENDA: A. <input type="checkbox"/> individual B. <input type="checkbox"/> familiar	
CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	
20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca	21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas D. <input type="checkbox"/> noticiários G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> pr. religioso C. <input type="checkbox"/> pr. de auditório F. <input type="checkbox"/> filmes
22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. <input type="checkbox"/> parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura	23. OUVE RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> parte do dia G. <input type="checkbox"/> enquanto trabalha B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro C. <input type="checkbox"/> nunca F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja
24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral D. <input type="checkbox"/> noticiário policial G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> música C. <input type="checkbox"/> pr. religioso F. <input type="checkbox"/> pr. c/ participação do ouvinte	25. LÊ JORNAL: A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> semanalmente B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> raramente C. <input type="checkbox"/> nunca
26. NOME DO JORNAL: _____ A. <input type="checkbox"/> local B. <input type="checkbox"/> estadual C. <input type="checkbox"/> nacional	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> editorial D. <input type="checkbox"/> pr. cultural G. <input type="checkbox"/> classificados B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> política H. <input type="checkbox"/> outra C. <input type="checkbox"/> variedades F. <input type="checkbox"/> página policial
28. LÊ REVISTAS? A. <input type="checkbox"/> às vezes B. <input type="checkbox"/> semanalmente C. <input type="checkbox"/> mensalmente D. <input type="checkbox"/> raramente E. <input type="checkbox"/> nunca	
29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____	
PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES	
30. CINEMA	FREQÜENTEMENTE ÀS VEZES RARAMENTE NUNCA
31. TEATRO	A. <input type="checkbox"/> B. <input type="checkbox"/> C. <input type="checkbox"/> D. <input type="checkbox"/>

32. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS				
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA? _____				
PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA				
38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:				
A. <input type="checkbox"/> tímido B. <input type="checkbox"/> vivo C. <input type="checkbox"/> perspicaz D. <input type="checkbox"/> sarcástico				
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:				
A. <input type="checkbox"/> total B. <input type="checkbox"/> grande C. <input type="checkbox"/> média D. <input type="checkbox"/> fraca				
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:				
A. <input type="checkbox"/> cooperativa B. <input type="checkbox"/> não cooperativa C. <input type="checkbox"/> agressiva D. <input type="checkbox"/> indiferente				
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE:				
A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"				
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR:				
A. <input type="checkbox"/> grande B. <input type="checkbox"/> médio C. <input type="checkbox"/> pequeno D. <input type="checkbox"/> nenhum				
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:				
A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não				
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):				
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO:				
46. OBSERVAÇÕES:				
47. NOME DO ENTREVISTADOR:		48. LOCAL DA ENTREVISTA:		49. DATA DA ENTREVISTA:
		CIDADE:	UF:	DURAÇÃO:

APÊNDICE

APÊNDICE 1: Quadro de dados sobre os municípios maranhenses investigados na pesquisa

Mesorregião	Microrregião	Localidade	População	Densidade demográfica	Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade	Salário médio dos trabalhadores formais	PIB per capita	Cor ou raça* (de acordo com a nomenclatura do IBGE)	Religião
Norte	Agglomeração Urbana de São Luís	MA 1 – São Luís	1.014.837 (Sexo Masculino – 474.995; Feminino – 539.842)	1.215,69 hab/km ²	96,8%	3,1 salários mínimos	24.986,18 R\$	Parda – 574.919 Branca – 295.487 Preta – 131.589 Amarela – 11.074 Indígena – 1.754 Sem declaração – 14	Católica – 668.817 Evangélica – 239.636 Sem religião – 77.882 Umbanda e Candomblé – 1.166
		MA 2 – Raposa	26.327 Sexo masculino – 13.121 Feminino – 13.206	397,21 hab/km ²	96,6%	1,7 salários mínimos	6.446,26 R\$	Parda – 17.893 Branca – 6.151 Preta – 2.032 Amarela – 243 Indígena – 9	Católica – 13.965 Evangélica – 7.286 Sem religião – 3.921 Umbanda e Candomblé – 0
	Baixada Maranhense	MA 3 – Pinheiro M – 38.079 F – 40.083	78.162	51,67 hab/km ²	96,6%	1,9 salários mínimos	8.378,27R\$	Parda – 50.459 Branca – 18.218 Preta – 8.715 Amarela – 658 Indígena – 112	Católica – 59.664 Evangélica – 12.505 Sem religião – 4.816 Umbanda e Candomblé – 0

Centro	Médio Mearim	MA 16 – Bacabal	100.014 Sexo M -47.757 F – 52.257	59,43 hab/km2	97,2%	1,8 salários mínimos	9.928,92 R\$	Parda- 60.587 Branca- 23.958 Preta- 13.949 Amarela- 1.418 Indígena-102	Católica- 73.280 Evangélica- 17.822 Sem religião- 5.529 Umbanda e candomblé - 167
	Alto Mearim e Grajaú	MA 18 – Tuntum	39.183 Sexo M – 19.992 F – 19.191	11,56 hab/km2	96,2%	1,2 salários mínimos	6.125,35 R\$	Parda-24.469 Branca- 11.326 Preta – 2.947 Amarela - 381 Indígena - 59	Católica- 32.217 Evangélica- 5.007 Sem religião- 1.247 Umbanda e candomblé -0
Oeste	Gurupi	MA 5 – Carutapera	22.006	17,86 hab/km2	98,2%	1,9 salários mínimos	6.138,13 R\$	Parda-17.436 Branca- 3.714 Preta- 658 Amarela- 107 Indígena- 91	Católica- 17.733 Evangélica- 3.172 Sem religião- 877 Umbanda e candomblé- 13
		MA 4 – Turiaçu M – 17.626 F – 16.307	33.933	13,16 hab/km2	96,7%	1,5 salários mínimos	7.285,95 R\$	Parda- 26.061 Branca – 4.426 Preta -3.275 Amarela- 162 MIndígena - 9	Católica- 25.780 Evangélica- 5.372 Sem religião- 2.280 Umbanda e candomblé -0
	Pindaré	MA 15 – Santa Luzia	74.043 M 37.699 F – 36.344	13,55 hab/km2	95%	2,2 salários mínimos	6.590,89 R\$	Parda- 52.939 Branca – 13.899 Preta – 6.262	Católica- 60.392 Evangélica- 11.110

								Amarela - 821 Indígena - 122	Sem religião- 2.330 Umbanda e candomblé - 0 Outras religiosidades - 12
	Imperatriz	MA 7 - Imperatriz	247.505 M - 119.227 F - 128.278	180,79 hab/km2	98,4%	2 salários mínimos	23.565,19 R\$	Parda- 148.774 Branca - 74.965 Preta - 19.723 Amarela- 3.481 Indígena - 562	Católica- 138.785 Evangélica- 78.992 Sem religião- 20.989 Umbanda e candomblé - 22
Leste	Chapadinha	MA 13 - Brejo	33.359 M - 16.883 F - 16.476	31,04 hab/km2	96%	1,8 salários mínimos	6.254,16R\$	Parda- 23.856 Branca - 5.742 Preta - 3.004 Amarela - 703 Indígena- 54	Católica- 30.371 Evangélica- 2.180 Sem religião- 721 Umbanda e candomblé-0
	Codó	MA 17 - Codó	118.038 M- 57.403 F- 60.635	27,06 hab/km2	97,1%	1,8 salários mínimos	7.338,15 R\$	Parda- 85.186 Branca - 15.169 Preta - 16.023 Amarela - 1.596 Indígena	Católica- 98.439 Evangélica- 13.162 Sem religião- 3.921 Umbanda e candomblé - 650
	Caxias	MA 12 - Caxias	155.129 M - 75.082 F- 80.047	30,12 hab/km2	95,2%	1,7 salários mínimos	9.027,54R\$	Parda- 105.628 Branca - 26.752	Católica- 130.021 Evangélica- 19.799

								Preta-20.084 Amarela – 2.425 Indígena - 240	Sem religião- 3.333 Umbanda e candomblé - 222
	Chapadas do Alto Itapecuru	MA 11 – São João dos Patos	24.928 M- 12.210 F – 12.718	16,61 hab/km2	97,8%	1,7 salários mínimos	8.779,91 R\$	Parda- 14.277 Branca – 7.47 Preta – 2.869 Amarela - 298 Indígena - 11	Católica- 20.523 Evangélica- 1.937 Sem religião- 2.219 Umbanda e candomblé - 0
	Baixo Parnaíba Maranhense	MA 14 – Araisos	42.505 M – 22.007 F – 20.498	23,84 hab/km2	96,8%	1,6 salários mínimos	4.811,82 R\$	Parda- 30.590 Branca – 8.929 Preta – 2.584 Amarela - 402 Indígena - 0	Católica- 36.813 Evangélica- 2.987 Sem religião- 2.347 Umbanda e candomblé - 0
Sul	Porto Franco	MA 8 – Carolina	23.959 M- 12.285 F – 11.674	3,72 hab/km2	95,1%	1,6 salários mínimos	11.977,69 R\$	Parda- 16.099 Branca – 5.719 Preta- 1.619 Amarela - 406 Indígena -116	Católica- 18.958 Evangélica- 3.664 Sem religião- 835 Umbanda e candomblé - 0
	Gerais de Balsas	MA 10 – Alto Parnaíba	10.776 M – 5.468 F – 5.298	0,97 hab/km2	95,1%	1,5 salários mínimos	28.401,44 R\$	Parda- 8.401 Branca- 1.441 Preta - 802 Amarela - 116 Indígena- 6	Católica- 9.497 Evangélica- 1.034 Sem religião- 115

									Umbanda e candomblé - 0
		MA 9 - Balsas	83.528 M - 41.574 F -41.954	6,36 hab/km2	94,4%	2 salários mínimos	28.539,09 R\$	Parda- 56.557 Branca- 18.414 Preta - 6.835 Amarela - 1.624 Indígena- 98	Católica- 67.653 Evangélica- 10.226 Sem religião- 3.96 Umbanda e candomblé -0